Editora
Betânia

Ponha ORDEM no seu Mundo Interior

Gordon MacDonald

Ponha
ORDEM
no seu
Mundo Interior

Gordon MacDonald

Editora Betânia

Título do original em inglês: Ordering Your Private World
Tradução de Myrian Talitha Lins
Copyright © 1984, 1985 by Gordon MacDonald.
Publicado em inglês por Oliver-Nelson, divisão da editora
Thomas Nelson Publishers, Nashville, TN
Primeira edição, 1988
Printed in Brazil.

Digitalizado por:



Índice

Índice....3
Prefácio....5
Introdução....6
1. A Síndrome do Afundamento....11
2. O Panorama Visto da Ponte de Comando....16
Primeira parte....22
3. Preso Numa Gaiola Dourada....23
4. O Triste Caso de um Vagabundo que Venceu na Vida....36
5. A Pessoa Chamada....43
Segunda parte....52
6. Alguém Viu meu Tempo por aí? Eu o Perdi!....53
7. Recuperando o Tempo Perdido....62
Terceira parte....73
8. O Melhor Perdeu a Corrida....74
9. A Tristeza que é um Livro Não Lido....83
Quarta parte....95
10. Pondo em Ordem o Jardim....96
11. Sem Necessidade de Muletas....104
12. Tudo Tem que Ser Interiorizado....115
13. Vendo Tudo Pela Perspectiva de Deus....119
Quinta parte....132
14. Um Descanso que Não é Mero Lazer....133
Epílogo....147
Manual de Estudos....151
Introdução....152
1. A Síndrome do Afundamento....153
2. O Panorama Visto da Ponte de Comando....154
3. Preso Numa Gaiola Dourada....155
4. O Triste Caso de um Vagabundo que Venceu na Vida....157
5. A Pessoa Chamada....158
6. Alguém Viu meu Tempo por aí? Eu o Perdi!....159
7. Recuperando o Tempo Perdido....161
8. O Melhor Perdeu a Corrida....163
9. A Tristeza que é um Livro Não Lido....165
10. Pondo em Ordem o Jardim....167

11. Sem Necessidade de Muletas.....168
12. Tudo Tem que Ser Interiorizado.....170
13. Vendo Tudo Pela Perspectiva de Deus.....171
14. Um Descanso que Não é Mero Lazer.....173
Notas.....174

Aos membros da Igreja da Graça, em Lexington, Massachusetts, meus irmãos em Cristo, meus colaboradores e amigos.

Grande parte do que coloquei neste livro foi aprendido em comunhão com todos vocês. Eu os amo a todos.

PREFÁCIO

Com poucas palavras, mas muita sabedoria, Gordon MacDonald penetrou numa área da vida humana que apresenta muitos problemas — nossa vida interior —, tocando numa questão de grande importância: a necessidade de se porem as coisas em ordem. Faz alguns anos já que venho dizendo que esse homem soma em si três facetas preciosas e raras: uma personalidade forte, uma integridade bíblica, e uma visão prática das coisas. Pois este livro vem comprovar essas três características de forma bem tangível. Depois de ter trabalhado tantos anos no ministério, e de haver viajado tão largamente para pregar ou ensinar a muitos, diria mesmo, a uma porção bem representativa da sociedade deste tempo, acredito que ele tenha conquistado o direito de ser ouvido com atenção. Ele raciocina com a simplicidade de um profeta e com o idealismo também; escreve com o estilo direto e rápido de um homem de negócios e, no entanto, possui, no fundo de seu ser, o coração compassivo de um pastor. Mas o melhor de tudo é que Gordon MacDonald vive a mensagem que prega. Portanto, ê com grande entusiasmo que recomendo este livro a todos aqueles que, como eu, precisam pôr a casa em ordem.

Chuck Swindoll

Pastor, pregador e escritor

INTRODUÇÃO

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

"Sou tão desorganizado!"

"Não consigo organizar as coisas!"

"Minha vida pessoal é um fracasso!"

Já ouvi frases como estas dezenas e dezenas de vezes. Ouvi-as em conversas ao café da manhã, em meu gabinete, onde recebo as pessoas na qualidade de pastor, e até na sala de visitas de minha casa.

E as pessoas que dizem isso nem sempre são indivíduos à beira de um fracasso, ou cuja vida está destroçada, não. Às vezes são homens e mulheres que parecem estar muito bem na vida, obtendo grande sucesso em seus empreendimentos. Na primeira vez que ouvi revelações assim fiquei abismado. Mas agora, passados muitos anos, já aprendi que uma grande parcela da humanidade, no mundo todo, luta com esse problema da falta de ordem interior.

Em nossa cultura ocidental existem muitos livros que ensinam as pessoas a programarem bem seu trabalho, sua agenda, seus planos de produção, seus estudos, sua carreira. Mas não tenho visto muita coisa destinada a orientar a questão da organização interior ou espiritual. E é justamente aí que o problema é mais sério.

E essas pessoas de sucesso que comentaram comigo sobre seu problema de desorganização, de um modo geral referiam-se à sua vida íntima. Sua vida pública se achava bem "arrumada". E é nessa faceta particular de nossa vida que nos conhecemos melhor: ali toma forma nosso senso de auto-estima, são feitas as decisões básicas com relação a intenções, ao senso de valores e a comprometimentos pessoais, e é ali que temos comunhão com Deus. Chamo a essa faceta nosso mundo interior, e gosto de pensar que as condições ideais para esse mundo sejam de *perfeita* ordem.

Conheço bem esse problema da falta de organização do mundo interior, pois, como tantas outras pessoas, lutei com essa dificuldade a vida toda. E uma das maiores batalhas de minha vida foi justamente conseguir colocar em ordem meu mundo interior.

Como sempre vivi num contexto cristão evangélico, Jesus nunca foi precisamente um desconhecido para mim. Contudo, isso não quer dizer que compreendesse todo o significado do seu senhorio. Embora, de um modo

geral, sempre o tenha seguido, o fato é que algumas vezes segui-o à distância.

Foi muito difícil entender o que ele queria dizer quando falou "permanecei em mim", e o que seria "permanecer nele", pois eu, como muitas outras pessoas, não tenho facilidade para fazer uma entrega pessoal. Não foi fácil para mim entender o processo pelo qual Cristo quer "permanecer" em meu mundo interior (Jo 15.4), nem qual a finalidade disso. Para dizer a verdade, muitas vezes me senti frustrado ao ver pessoas que achavam perfeitamente compreensível essa questão de "permanecer", para as quais, ao que parece, esse fato é uma realidade.

Estou descobrindo, lenta e às vezes penosamente, que colocar em ordem esse mundo interior onde Cristo quer viver é tarefa para a vida toda, e é uma luta diária. Existe algo aqui dentro — que a Bíblia chama de pecado — que opõe resistência à presença dele e à ordem que resulta dessa presença. Esse algo prefere a desordem, dentro da qual se podem ocultar intenções e valores errados, os quais podem ser chamados à superfície nos momentos em que nos achamos desatentos.

E essa desordem precisa de uma verificação diária. Quando eu era criança, morávamos numa casa em que os quartos não eram carpetados. Muitas vezes ficava intrigado com as finas camadas de poeira que via debaixo da cama. Não sabia de onde vinham; eram um mistério para mim. Parecia que, durante a noite, enquanto eu dormia, uma força misteriosa espalhava-as pelo chão. E hoje também encontro camadas de poeira em meu mundo interior. Não sei ao certo como vieram parar aqui, mas tenho que me manter à frente delas, com minha prática diária de colocar em ordem minha esfera interior.

Quero deixar bem claro que o fundamento de toda essa minha abordagem da questão de se pôr em ordem nosso mundo interior é o princípio de que Cristo habita em nós, e o fato de que ele entra em nossa vida de maneira clara e definida, embora inexplicada, a convite nosso e com base num comprometimento pessoal. Se este livro não for lido pela perspectiva de uma decisão pessoal de segui-lo, perde o seu sentido, a sua finalidade. *Colocar em ordem nossa vida pessoal nada mais é que convidar a Cristo para controlar todos os aspectos de nosso ser.*

Para mim, a busca dessa ordem interior tem sido uma batalha solitária, pois, sinceramente, tenho sentido que existe uma relutância geral em se encarar essas questões na prática, e com toda franqueza. Muitas das pessoas que pregam sobre o assunto o fazem em termos elevados, que comovem os ouvintes, mas não os predispõem a tomar atitudes específicas. Já li muitos livros e ouvi diversas exposições a respeito desse tema de se acertar a vida espiritual, e concordava com cada palavra dita; mas depois percebia que o processo proposto era vago e ilusório. Isso tem sido uma luta para pessoas que, como eu, gostariam de medidas práticas, definidas, no sentido de atender ao oferecimento que Cristo nos faz de vir habitar em nós.

Mas embora eu tenha estado num combate solitário, o fato é que sempre que precisei de alguma ajuda, recebi. Naturalmente tenho obtido orientação nas Escrituras e nos ensinamentos recebidos através da nossa tradição evangélica. Tenho recebido incentivo de minha esposa, Gail (cuja vida interior, por sinal, é notavelmente bem ordenada), de um sem número de professores, pregadores, pastores, com os quais tenho estado em contato desde meus primeiros anos, e de todo um exército de homens e mulheres que nunca conheci nesta vida, pois já são falecidos. Mas os tenho conhecido através de suas biografias, e me alegro bastante ao ver que muitos deles se viram a braços com esse mesmo desafio de colocar em ordem o seu mundo interior.

Quando comecei a mencionar publicamente essa questão da ordem na vida interior, fiquei impressionado com o grande número de pessoas que logo fizeram comentários a respeito: pastores, leigos, homens e mulheres que ocupavam cargos de liderança. Diziam elas:

— Tenho o mesmo problema que você. Se puder me dar alguma "dica" para solucioná-lo, eu gostaria muito.

O nosso mundo interior pode ser dividido em cinco partes. A primeira diz respeito às nossas motivações de vida, à força que nos leva a agir da maneira como agimos. Somos pessoas "*impelidas*", levadas pelos ventos de nossos dias, sempre pressionadas a acomodar-se ou então a competir? ou somos pessoas "*chamadas*", aquelas que receberam o misericordioso chamado de Cristo, que prometeu transformá-las?

A segunda divisão de nosso mundo interior é a relacionada com o modo como gerimos o limitado tempo de que dispomos. A maneira como empregamos o tempo, a parcela dele que dedicamos ao nosso desenvolvimento pessoal ou a servir a outros, revela o estado de nossa "saúde" moral, como indivíduos.

A terceira parte é nossa mente, essa notável faceta de nosso ser, que pode receber e trabalhar as verdades sobre o universo. Como estamos agindo em relação a ela?

O quarto setor de nossa vida interior, diria eu, é o espírito. Não estou muito preocupado em dar uma conotação teológica ao vocabulário que emprego, quando afirmo que temos um compartimento íntimo especial, no qual mantemos comunhão com o Pai, de uma forma toda nossa, que ninguém mais pode entender ou captar. Chamo a esse setor espiritual de "o jardim" de nossa vida interior.

Por último, existe em nosso interior uma parte que nos leva a buscar o descanso, a paz do sabá*. Essa paz é bastante distinta da que se vê nos divertimentos do mundo que nos cerca. E ela é de uma importância tão vital que acredito que devemos vê-la como uma essencial e singular fonte da ordem interior.

---

* Sabá — termo de origem hebraica que significa "descanso", e que, segundo a lei de Deus, devia ser observado no sétimo dia da semana. N.T.

Uma das muitas biografias de grandes cristãos que li foi a de Charles Cowman, um missionário que desenvolveu trabalhos pioneiros no Japão e na Coréia. Toda a sua existência foi um notável testemunho da natureza de sua dedicação a Deus, e do que isso lhe custou. Nos últimos anos de vida, ele perdeu a saúde e foi obrigado a aposentar-se prematuramente. O fato de não poder mais pregar nem dirigir pessoalmente o trabalho missionário constituía uma amarga frustração para ele. Um de seus amigos disse o seguinte a seu respeito:

> "O que mais me impressionava no irmão Cowman era seu espírito tranqüilo. Nunca o vi agitado, embora algumas vezes o tenha visto profundamente magoado, a ponto de as lágrimas lhe escorrerem silenciosamente pelo rosto. Possuía um espírito brando, sensível, mas sua cruz secreta tornou-se a sua coroa." ([1])

Cowman era um homem que tinha ordem em seu mundo interior. Sua vida estava em ordem não apenas na dimensão pública; mas era organizada também interiormente.

E é disso que trata este livro. Procurarei sempre abordar essas questões da maneira mais prática que puder. E terei que mencionar muitas vezes minhas próprias experiências, não porque me considere um excelente exemplo de pessoa que conseguiu essa ordem interior, mas porque me vejo como um companheiro de lutas para aqueles que consideram esse assunto importante.

Sempre que possível, recorro à Bíblia, apresentando exemplos de casos e ensinamentos que apóiam nossa exposição. Mas devo acrescentar que não apelo muito às argumentações teológicas. Escrevi este trabalho com base na suposição de que as pessoas desejosas de colocar em ordem sua vida interior já tomaram a decisão de levar uma vida de obediência a Deus, e compreenderam e assumiram um modo de vida que segue o ensino cristão.

Se você, leitor, encontrar aqui pontos análogos entre o seu pensamento e a maneira como abordo esse assunto, talvez sinta, como eu sinto, que muitos dos ensinos e pregações de nossos dias acham-se seriamente fora de sintonia com a realidade espiritual. Pois creio firmemente que algumas das questões que tento debater nas páginas que se seguem tocam em pontos nevrálgicos da vida de todos nós. E, sinceramente, não temos recebido orientação suficiente a respeito delas. Eu ficaria imensamente gratificado se soubesse que algumas dessas idéias nascidas no meu coração, ou que tomei emprestado de outros escritores e pensadores, possam surtir o efeito de levar alguns interessados a debaterem o assunto entre si.

A maioria dos escritores não escreve seus livros sozinho. Não sou exceção a essa regra. E no presente trabalho, onde procurei coordenar minhas idéias, não somente me vali da ajuda de dezenas de outros autores,

mas também recebi uma atenciosa assistência de minha esposa Gail — uma dádiva especial de Deus para mim — que me acompanhou de perto, lendo as diversas redações dadas a cada capítulo, anotando inúmeros comentários nas margens, levando-me a buscar o maior nível possível de realismo e aplicação prática.

Então, peço a todos aqueles que acreditam que podemos ter uma vida interior mais organizada que me acompanhem nesta pequena aventura na reflexão. Ao fim, poderão encontrar mais oportunidades para ter uma experiência mais profunda com Deus e uma melhor compreensão de nossa missão de servi-lo aqui na terra.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

O seu mundo interior só estará em ordem quando você estiver firmemente convencido de que o mundo interior, espiritual, deve reger o exterior, o da atividade.

1. A Síndrome do Afundamento

Certo dia, os residentes de um determinado prédio de apartamentos, na Flórida, ao acordar, deram com uma cena aterradora. Bem em frente do edifício, a rua havia afundado, formando uma enorme cratera. E viram também que a cavidade estava aumentando, e nela iam caindo além das camadas de pavimentação da rua e da calçada, automóveis, bem como as mesas e cadeiras dos gramados próximos. E não havia dúvida de que, daí a pouco, seria o prédio que iria parar lá dentro.

Os entendidos explicam que esses afundamentos ocorrem quando as correntes de água subterrâneas ressecam durante a temporada de estiagem, e as camadas da superfície da terra perdem sua sustentação. De repente, elas simplesmente afundam, deixando as pessoas com a horrível impressão de que nada no mundo é seguro, nem mesmo a terra em que pisam.

Existem muitos indivíduos cuja vida é semelhante a uma dessas crateras da Flórida. É bem provável que, num ou noutro momento da vida, muitos de nós tenhamos nos sentido à beira de um afundamento. Diante de sensações como de uma extenuante fadiga, ou de um aparente fracasso, ou de uma amarga experiência de frustração por causa de metas e objetivos não atingidos, talvez tenhamos ficado sentindo que algo em nosso interior estava a ponto de afundar. Parece que estávamos à beira de uma queda que ameaçava varrer todo o nosso mundo para um abismo sem fundo. E por vezes parece haver poucas condições de se impedir essa queda. Afinal, o que está errado?

Se pararmos para pensar sobre isso, acabaremos descobrindo a existência de um vão interno — nosso mundo interior — que até então desconhecíamos. Espero que esteja evidente que, quando esse mundo é ignorado, ele não suporta o peso dos eventos e tensões que são colocados sobre ele.

Algumas pessoas, ao fazerem essa descoberta pessoal, ficam muito surpresas e até mesmo confusas. De repente, percebem que dedicaram a maior parte de seu tempo e energias desenvolvendo a vida da superfície, no plano visível. Preocuparam-se apenas em obter ou cultivar certos valores, coisas boas ou mesmo excelentes, tais como títulos acadêmicos, experiência profissional, relacionamentos com pessoas importantes e força ou beleza física.

Essas coisas em si não têm nada de errado. Mas na maioria dos casos descobre-se, tarde demais, que o mundo interior do indivíduo encontra-se num estado de total desordem e fraqueza. E quando isso acontece existe sempre a possibilidade de sobrevir a síndrome do afundamento.

Precisamos aprender a ver nossa existência em dois planos diversos. O plano externo, ou público, é de controle mais fácil. É mais facilmente analisado, é visível, é ampliável. Esse mundo é constituído por nosso trabalho, posses, divertimentos e pelo grande número de conhecidos que

compõem nossa rede social. É a parte de nossa existência cuja avaliação em termos de sucesso, popularidade, riqueza e beleza é feita com mais facilidade.

Mas nosso mundo interior é de natureza espiritual. É o centro onde se determinam as decisões e nosso sistema de valores; onde se pode buscar a reflexão e o isolamento. É o lugar onde adoramos a Deus e fazemos confissões; é um recanto tranqüilo, onde não precisa penetrar a poluição moral e espiritual dos tempos.

A maioria das pessoas aprende a gerir bem seu mundo externo. É claro que sempre haverá funcionários incompetentes, donas de casa desorganizadas, e indivíduos tão imaturos em seu trato social que acabam se tornando parasitas de todos os que os cercam. Mas o fato é que a maioria já aprendeu a acatar ordens, a programar suas atividades, a orientar outros. Sabemos qual é o sistema que melhor se ajusta a nós em termos de trabalho e relacionamentos. Sabemos escolher a melhor forma de lazer ou divertimento para nosso caso. Temos a capacidade de fazer amigos e de nos relacionarmos bem com eles.

Em nossa vida pública sempre temos diante de nós uma infinidade de demandas que querem nosso tempo, nosso interesse, nosso dinheiro e nossas energias. E como nosso mundo público é bem visível, bem concreto, temos que nos esforçar muito, se quisermos ignorar todos os seus apelos e exigências. Ele grita alto, querendo nossa atenção, nossa atuação.

Em conseqüência disso, nossa vida interior é lesada, negligenciada, pois não grita com a mesma força. E é possível até que a ignoremos por longos períodos de tempo, o que pode ocasionar um afundamento e, conseqüentemente, a formação de uma cratera.

Uma pessoa que deu muito pouca atenção ao seu mundo interior foi o escritor inglês Oscar Wilde. William Barclay cita uma confissão feita por Wilde:

> "Os deuses tinham-me favorecido com quase tudo. Mas me deixei fascinar pelo prazer, e vivi longos períodos de uma insensata e sensual satisfação pessoal... Cansado de estar sempre nas alturas, saí desesperadamente em busca das profundezas, à procura de novas sensações. Então, o que o paradoxo era para mim na esfera intelectual, a perversão passou a ser na esfera da paixão. Passei a não ter o mínimo respeito pela vida de outros. Gozava o prazer onde quisesse, e depois seguia em frente. Havia-me esquecido de que todo e qualquer ato que praticamos no dia-a-dia constrói ou destrói nosso caráter, e que, portanto, tudo que praticamos ocultamente, no futuro será proclamado do alto de um telhado. Deixei de ser meu próprio senhor. Não era mais o condutor de minha alma, e nem estava ciente disso. Deixara que o prazer me dominasse. Terminei em horrível infelicidade." ([2])

Quando Wilde diz que "não era mais o condutor de minha alma", está descrevendo o estado de uma pessoa cuja vida interior se acha em total desordem, prestes a desabar. Embora suas palavras retratem seu drama pessoal, o fato é que muitas pessoas poderiam dizer o mesmo — pessoas, que, como ele, ignoraram sua existência interior.

Acredito que um dos maiores campos de batalha que existem hoje é o mundo interior dos indivíduos. E todos os que se dizem cristãos praticantes estão empenhados numa séria luta particular. Entre eles há alguns que se esforçam muito, que carregam pesados fardos de responsabilidade em casa, no trabalho e na igreja. *Todos são pessoas muito boas, mas acham-se bastante esgotadas!* Por isso, muitas vezes se encontram à beira de um colapso do tipo "afundamento". Por quê? Porque embora — contrariamente ao exemplo de Wilde — sua prática de vida seja muito digna, o fato é que se deixam dominar pela sua vida pública, ignorando seu lado interior, como fizera Wilde. E só se dão conta disso quando já não há muito tempo.

O sistema de valores de nossa cultura ocidental tem contribuído para que deixemos de enxergar tal fato. Somos ingenuamente levados a crer que, quanto mais ativo o indivíduo é em sua vida pública, mais espiritual também. Achamos que quanto maior for uma igreja, maiores serão suas bênçãos celestiais também. Quanto maior for o volume de informações que um crente tiver sobre a Bíblia, pensamos, mais perto deve estar de Deus.

E como pensamos dessa maneira, somos tentados a dar uma atenção excessiva a nossa vida exterior, às custas da interior. E é mais programações, mais reuniões, mais experiências de aprendizado, mais pessoas com as quais queremos nos relacionar, mais atividades, até que o peso vai-se tornando tão grande que a estrutura toda começa a oscilar, e ameaça desmoronar. E é assim que começa a pairar sobre o indivíduo a sombra da fadiga, das frustrações, fracasso, derrota. O mundo interior, que foi negligenciado, não está mais suportando todo aquele peso.

Recentemente, encontrei-me com um conhecido meu num jogo de futebol, do qual nossos filhos participavam. Ele era crente havia mais de dez anos. No final do primeiro tempo, saímos para andar um pouco, e, conversando, pusemo-nos a indagar um sobre o outro. A certa altura, dirigi-lhe uma pergunta que os crentes deviam estar sempre fazendo uns aos outros, mas se sentem pouco à vontade para isso. Disse eu:

— E como vai indo você, espiritualmente?

Ao que ele respondeu:

— Boa pergunta! E qual seria a melhor resposta? Ah, acho que estou bem. Gostaria de poder dizer que estou crescendo espiritualmente, que estou me sentindo mais perto de Deus, mas a verdade é que no momento me encontro estacionário.

Insisti na questão, e ainda acho que não fiz mal, pois ele me deu a impressão de que estava sinceramente interessado em conversar sobre o assunto.

— Está tirando um tempinho todos os dias para pôr ordem em sua vida interior?

Ele me fitou meio confuso. Se eu tivesse indagado: "Como vai seu período devocional?" ele teria sabido exatamente o que responder. Esse conceito é bem mais tangível, e ele poderia ter respondido em termos de dias, horas, minutos, sistemas e técnicas. Mas minha pergunta fora sobre a presença ou não de ordem em sua vida interior, e a palavra-chave aí é ordem, um termo que denota qualidade, e não quantidade. Ele percebeu a diferença, e ficou meio incomodado.

— E quem é que consegue pôr em ordem sua vida interior? — indagou ele. Eu tenho serviço na minha mesa para o resto do ano. Esta semana terei que sair todas as noites. Minha esposa está insistindo comigo para tirar uma semana de férias. Estou precisando dar uma pintura na casa. Então simplesmente não sobra tempo para pensar em colocar minha vida interior em ordem, como diz você.

Aqui ele fez uma pausa, e depois continuou:

— *Afinal, o que vem a ser essa vida interior?*

De repente, me dei conta de que ali estava um crente professo, que havia anos freqüentava círculos evangélicos, era considerado uma pessoa consagrada, pois praticava os atos próprios de um crente, mas nunca compreendera que por baixo de toda aquela atividade e agitação precisava existir uma base sólida e firme. O fato de ele se dizer ocupado demais para cuidar de seu mundo interior, e de não saber com clareza o que era isso, demonstrava que possivelmente não sabia nada sobre qual era o ponto central de uma vida em contato com Deus. E nós tivemos muito assunto para conversar.

Poucas pessoas neste mundo tiveram que lutar com as pressões da vida pública como Anne Morrow Lindbergh, esposa do famoso aviador Charles Lindbergh. Mas ela conseguiu proteger seu mundo interior com muito cuidado, e em seu livro, *The Gift from the Sea* [A dádiva do mar), ela faz alguns comentários muito reveladores a esse respeito.

> "A coisa que mais anseio... é estar em paz comigo mesma. Quero ter imparcialidade, pureza de intenções e uma linha de ação para minha vida que me permita desenvolver todas essas atividades e obrigações da melhor maneira possível. Eu quero, na verdade, é — para usar uma expressão da linguagem cristã — viver em "estado de graça", o mais que puder. Não estou empregando esse termo aqui em seu sentido estritamente teológico. Quando falo em "graça" quero dizer uma harmonia interior, essencialmente espiritual, que possa se manifestar em harmonia exterior. O que estou querendo talvez seja o

> mesmo que Sócrates pede na oração de Pedro que diz: "Que meu homem exterior e meu homem interior sejam um só." Eu gostaria de alcançar um estágio de graça espiritual interior que me possibilitasse atuar e contribuir, como Deus gostaria que eu fizesse." ([3])

Fred Mitchell, um grande expoente das missões mundiais, costumava ter em sua mesa um quadrinho com o seguinte lema: "Cuidado com a aridez que há em uma vida superativa." Ele também enxergava o perigo de um afundamento, quando se negligencia a vida interior.

Aquela cratera na Flórida é uma representação, no plano físico, de um problema espiritual com o qual lutam muitos crentes ocidentais. E na medida em que as pressões da vida forem aumentando, nas décadas de oitenta e noventa, haverá muitas outras pessoas cuja vida irá parecer-se com uma cratera dessas, a menos que elas façam um auto-exame interior, e perguntem a si mesmas: "Será que por baixo dessa superfície agitada e barulhenta há um mundo interior? Um mundo que precisa ser analisado, cuidado? Será que posso cultivar força e resistência pessoal para suportar as pressões exercidas sobre a superfície?"

Certa vez, o presidente dos Estados Unidos, John Quincy Adams, que estava em Washington, sentiu muitas saudades de seus familiares, que se encontravam em Massachusetts, e mandou-lhes uma carta, dirigindo uma pequena mensagem de incentivo ou conselho para cada um dos filhos. Para a filha, ele abordou a questão do futuro casamento dela, falando sobre o tipo de homem que ela deveria escolher. Suas palavras revelam que ele dava grande importância ao fato de se ter uma vida interior bem ordenada.

> "Filha, arranje para marido um homem honesto, e conserve-o honesto. Não importa se não for rico, desde que seja independente. Dê mais valor à honra e ao caráter moral dele, do que a todas as outras circunstâncias. *Não se preocupe com outra grandeza que não a da alma, nem com outras riquezas que não as do coração.*" ([4]) (Grifo nosso.)

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem, será porque tomo diariamente a decisão de estar atento a isso.

2. O Panorama Visto da Ponte de Comando

Tenho um amigo, oficial da marinha, que certa vez fez parte da tripulação de um dos submarinos nucleares dos Estados Unidos. Ele me relatou uma experiência que teve, certo dia, quando o submarino estava nas águas do Mediterrâneo. Naquele dia o tráfego estava muito intenso na superfície do mar, e eles estavam sendo obrigados a fazer manobras rápidas para evitar colisões.

Na ausência do capitão, esse meu amigo era o oficial de serviço, e tinha a responsabilidade de dar as instruções acerca do posicionamento da nave a cada momento. Como a movimentação estivesse excessiva, o capitão, que estivera recolhido aos seus aposentos, surgiu repentinamente na ponte de comando, e indagou:

— Tudo bem aí?

— Sim, senhor, replicou meu amigo.

O capitão correu os olhos por ali, e depois virou-se em direção da escotilha, para sair. No momento em que descia, disse:

— É, a mim também me parece que está tudo bem.

Esse simples diálogo de rotina entre um comandante naval e um de seus oficiais representou para mim uma proveitosa ilustração do que se passa em nosso mundo interior, quando ali há ordem. Em torno daquele submarino havia uma constante ameaça de colisão. E o perigo era bem sério, fazendo com que qualquer capitão responsável se sentisse preocupado. Mas era um perigo externo. No interior da embarcação, bem no fundo dela, havia um compartimento tranqüilo onde se tinha nas mãos o controle de todo o navio. E fora a esse local que o capitão instintivamente se dirigira.

Nesse centro de comando não havia o menor sinal de pânico. O que se via ali era apenas uma série de medidas firmes, calmamente executadas por uma excelente tripulação de marinheiros treinados, desincumbindo-se de suas tarefas. Assim, quando o capitão veio à ponte para verificar se tudo estava em ordem, constatou que estava.

— Tudo bem aí? indagara ele.

Quando lhe disseram que estava, ele deu uma olhada na situação e concordou:

— É, a mim também me parece que está tudo bem.

Ele fora ao lugar certo, e recebera a resposta adequada.

O capitão montara o seguinte esquema no submarino: ensaiavam cerca de mil vezes as medidas a serem tomadas em caso de perigo. Assim,

quando era necessário esse tipo de ação, não precisava entrar em pânico. Já sabia que os homens que estivessem na ponte iriam ter um excelente desempenho. Quando tudo está em ordem na ponte de comando, o submarino está seguro, sejam quais forem as circunstâncias externas.

— É, a mim também me parece que está tudo bem, diz o capitão.

Mas pode ter havido casos em que os responsáveis ignoraram essas medidas, e talvez nem as tenham ensaiado. Nesses casos podem ocorrer desastres. Os navios podem colidir e afundar, provocando enormes perdas. E assim também acontece em nossa vida, quando não há uma organização eficiente na "ponte" do mundo interior. E os acidentes que aí ocorrem são chamados de *destruição, colapso, explosão emocional*.

Uma coisa é cometer um erro ou fracassar numa empreitada; geralmente, é nessas circunstâncias que aprendemos nossas melhores lições sobre o caráter e sobre as medidas e providências a serem tomadas. Mas ver um ser humano se desintegrar diante de nossos próprios olhos, só porque não possuía recursos interiores para suportar as pressões da vida, isso já é outra coisa.

O *Wall Street Journal* publicou há algum tempo uma série de artigos intitulada "Crises de Executivos". Um dos artigos focalizou Jerald H. Maxwell, um jovem empresário que fundara uma companhia para produção de instrumentos de alta tecnologia, que logo obtivera muito sucesso. Durante algum tempo, ele foi considerado um gênio em finanças e administração; mas só durante algum tempo. Mais tarde houve uma desintegração e deu-se o afundamento.

> "Esse dia está indelevelmente gravado na lembrança de Jerald H. Maxwell. Sua família também nunca mais o esquecerá. Para eles, foi o dia em que ele começou a ficar no quarto, chorando; o dia em que acabou sua expressiva autoconfiança, e teve início sua depressão; o dia em que ruiu o mundo dele — e o deles também."

Maxwell tinha sido despedido! Tudo se desintegrou, e ele não tinha condições de suportar o choque. E o *Journal* prossegue:

> "Pela primeira vez na vida, Maxwell fracassava, e isso o deixou desesperado. Esse sentimento de derrota provocou um colapso nervoso, minando os laços que o uniam à sua esposa e aos quatro filhos, levando-o ao desespero. "Quando tudo se desmoronou, eles se ressentiram fortemente, e me senti envergonhado", diz Maxwell. Aqui ele fez uma pausa, deu um suspiro, e depois continuou: "Diz a Bíblia que, quando se quer uma coisa, basta pedir, e a receberemos. Pois eu pedi a morte muitas vezes." ([5])

É possível que a maioria das pessoas nunca tenha pedido a morte, como fez Maxwell. Mas quase todos nós já passamos por experiências semelhantes, sofrendo pressões do mundo exterior, afligindo-nos a tal ponto que achávamos que estávamos prestes a morrer. Nessas horas, começamos a nos indagar sobre nossas reservas de energia — se temos condições ou não de continuar resistindo, se vale a pena continuar em frente, se já não seria hora de abandonar tudo e fugir. Em suma, não temos mais certeza se possuímos ou não forças espirituais, psíquicas e físicas para seguir no mesmo ritmo que tentamos manter no momento. A solução para tudo isso é fazer o mesmo que o capitão daquele submarino. Percebendo que havia uma violenta turbulência ao redor da nave, ele foi imediatamente à ponte de comando para verificar se as coisas estavam em ordem. Ele sabia que só poderia obter a resposta lá, e em nenhum outro lugar. E se tudo ali estivesse bem, sabia que poderia voltar para seus aposentos tranqüilamente. Se tudo estivesse bem na ponte, o navio poderia perfeitamente agüentar a turbulência externa.

Um dos relatos bíblicos de que mais gosto é aquele dos discípulos, no mar da Galiléia, num dia em que o lago estava muito agitado. Com pouco tempo, eles se mostravam apavorados, tendo perdido todo o autocontrole. Ali estavam alguns homens que pescavam naquele mar havia anos, e que possuíam seu próprio equipamento, e sem dúvida alguma haviam presenciado muitas tempestades no mar. Por algum motivo, porém, dessa vez não se achavam em condições de fazer frente à situação. Entretanto, Jesus estava dormindo na popa do barco, e eles correram para o Senhor, irritados com o fato de ele parecer não se importar com a ameaça de morte que enfrentavam. Talvez devamos dar-lhes um voto positivo, pelo fato de terem sabido a quem recorrer.

Depois que Cristo acalmou a tempestade, dirigiu-lhes uma pergunta muito importante em relação ao seu crescimento e desenvolvimento espiritual: "Onde está a vossa fé?" Ou ele poderia ter feito a indagação nos termos que estou empregando aqui, da seguinte maneira: "Por que a ponte de comando do vosso mundo interior não está em ordem?"

Por que será que muitas pessoas acham que a solução das pressões e tensões é protestar com mais vigor, correr ainda mais depressa, acumular mais bens, recolher mais informações, tornar-se mais perito em tudo, e, não, descer à ponte de comando da vida? Parece que vivemos numa era em que é instintivo dar maior atenção a todas as áreas de nossa vida em seus mínimos detalhes, mas não ao nosso mundo interior — o único lugar de onde podemos tirar forças para combater e até mesmo derrotar as turbulências externas.

Os escritores bíblicos criam na validade desse princípio de se recorrer à ponte de comando. Tinham consciência de que a prioridade máxima da existência humana era desenvolver e manter o mundo interior; e ensinavam isso. Essa é uma das principais razões pelas quais seus escritos transcendem todas as épocas e todas as culturas. Tudo que escreveram lhes fora revelado pelo Criador que nos criou com essa estrutura, isto é,

tudo funciona melhor de dentro para fora, do mundo interior para o exterior.

Um dos escritores de Provérbios expressa esse princípio acerca do mundo interior nos seguintes termos:

> "Sobre tudo o que se deve guardar, guarda o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida." (Pv 4.23)

Com uma única sentença, esse escritor nos comunica uma admirável revelação. Chama de "coração" ao que eu chamo de "ponte de comando". Ele vê o coração como uma nascente, e dá a entender que dessa nascente brotam as energias, o discernimento e as forças que não sucumbem à turbulência externa; pelo contrário, elas a derrotam. Guarde seu coração, diz ele, e ele se tornará uma fonte de vida, da qual poderão beber você e os outros.

Mas o que significa "guardar" o coração? Primeiro, o escritor mostra claramente sua preocupação em que o coração seja protegido de influências externas que possam prejudicá-lo. Está preocupado também com a força e o desenvolvimento que o coração precisa ter para aumentar sua capacidade de comunicar ordem à vida do indivíduo.

Mas por trás de todas essas deduções que podemos fazer a partir dessa metáfora, está o fato de que cada crente tem que tomar, com firmeza e deliberação, a decisão de guardar o coração — a "ponte de comando" da vida. Precisamos tomar a decisão de guardar o coração. Não devemos deduzir que ele é naturalmente íntegro e fértil; essas qualidades têm que ser preservadas e resguardadas nele. Precisamos lembrar também o que fez aquele capitão do submarino, quando percebeu que algo anormal estava acontecendo: dirigiu-se imediatamente à ponte de comando. Por quê? Porque sabia que ali se centralizavam todos os recursos ao seu dispor para enfrentar o perigo.

Paulo faz essa mesma observação, no Novo Testamento, quando conclama os cristãos a não se conformarem "com este século (exterior), mas transformai-vos pela renovação da vossa mente" (Rm 12.2).

J. B. Phillips traduziu essas palavras de Paulo nos seguintes termos: "Que o mundo que nos rodeia não nos comprima nos seus próprios moldes." *(Cartas às igrejas Novas)*

O apóstolo expressa aí uma verdade eterna. Ele diz que precisamos fazer a decisão acertada. Será que vamos pôr ordem no nosso mundo interior para que ele possa exercer influência sobre o exterior. Ou vamos negligenciar nossa vida interior, e dessa forma permitir que o exterior comande tudo? É outra decisão que temos de tomar diariamente.

E essa é uma atitude muito importante. Foi isso que o fracassado executivo focalizado pelo *Wall Street Journal* ignorou. A prova disso? Seu afundamento moral causado pelas insuportáveis pressões externas. Ele não possuía reservas de energia interior; seu mundo interior não estava em ordem.

Mary Slessor foi uma jovem crente que, na passagem do século, saiu da Escócia para se dirigir a uma região da África assolada por enfermidades, cheia de perigos indescritíveis. Mas Mary possuía um espírito forte e resistiu bravamente, quando outras pessoas, menos fortes que ela, entregaram os pontos e fugiram para nunca mais voltar. Certa ocasião, após um dia muito cansativo, ela foi-se deitar em seu rude casebre no meio da selva, e mais tarde, descrevendo aquela situação, escreveu o seguinte:

> "Hoje em dia não sou mais muito exigente com relação à minha cama. Dormi em cima de umas varas sujas, cobertas com um monte de palha de milho, infestada de ratos e insetos, com mais três mulheres e um bebezinho de três dias, e, lá fora, o rumor de dezenas de ovelhas, cabras e vacas. Não é de admirar que tenha dormido pouco. *Mas passei uma noite tranqüila e confortável interiormente.*" ([6]) (Grifo nosso)

É disso que estamos falando quando levantamos a questão da ordem em nosso mundo interior. Quer o chamemos de "ponte de comando", como na linguagem naval, ou de "coração", como na linguagem bíblica, o fato é que precisamos ter esse centro tranqüilo onde tudo está em ordem, e do qual possamos receber energias para superar as turbulências, sem nos deixarmos intimidar por elas.

E teremos a prova de que já entendemos esse importante princípio, quando nos conscientizarmos de que a tarefa mais importante de nossa existência é cultivar e manter forte o nosso mundo interior. Assim, no momento em que as pressões aumentarem e as tensões crescerem muito, poderemos indagar:

"Está tudo bem aí?"

E ao constatarmos que está diremos de todo o coração:

"É, a mim também me parece que está tudo bem."


Nossa
Motivação
de Vida
O Emprego
do Tempo
Sabedoria e
Conhecimento
Força
Espiritual
Restauração

PRIMEIRA PARTE

Nossa Motivação de Vida

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque já reconheci que tenho a tendência de agir segundo os esquemas e padrões criados pelo meu passado desordenado, e não segundo os que são criados por Deus.

3. Preso Numa Gaiola Dourada

Os doze homens que seguiram a Jesus Cristo e que, mais tarde, fundaram a Igreja, constituíam um grupo muito estranho. Eu, por exemplo, não teria escolhido nenhum deles para liderar um movimento nas dimensões da missão de Cristo (com exceção, talvez, de João, que considero mais agradável e com menos probabilidade de comprometer a obra). Não; eu não teria escolhido aqueles doze. Mas Jesus os chamou; e os resultados, todos nós conhecemos.

Para ser sincero, aprecio mais alguns daqueles voluntários que Jesus dispensou. Eram homens empreendedores; sabiam reconhecer o que tinha valor. Pareciam estar transbordando de entusiasmo. Mas ele os dispensou. Por quê?

É possível que Jesus, com sua extraordinária perspicácia, tenha enxergado o interior deles e visto ali sinais de perigo. Talvez tenha visto que eram homens "*impelidos*", devotados unicamente a buscarem o sucesso pessoal. E pode ser que o defeito deles residisse exatamente nessa característica que aprecio neles: desejavam assumir o controle da situação toda, determinando onde deveriam ir, e quando iriam começar.

Talvez (e tudo isso é pura especulação), se eles tivessem se engajado no grupo, teríamos descoberto mais tarde que as agendas deles já estavam cheias, mais cheias do que poderiam ter parecido a princípio. Teríamos descoberto que eles tinham seus próprios planos, suas metas, seus esquemas e objetivos. E Jesus Cristo não pode realizar uma obra eficaz no mundo interior de pessoas que se regem por seus impulsos. Nunca realizou. Parece que ele prefere trabalhar com pessoas às quais chama. E é por isso que a Bíblia nem toma conhecimento dos voluntários; atem-se apenas aos chamados.

Mas, ao fazer o estudo da vida interior do homem, temos que partir de algum ponto, e eu resolvi iniciar pelo mesmo ponto em que Cristo começou: fazendo distinção entre os que são chamados e os que são "impelidos". De alguma forma parece que ele identificava as pessoas com base na tendência que tinham para ser "impelidas", ou se estavam acessíveis ao chamado dele. Examinava a motivação pessoal de cada uma, a base de sua energia espiritual e o tipo de satisfação que buscavam. Então, chamou aqueles que eram atraídos para ele, evitando os que eram impulsionados a ir a ele, visando utilizá-lo para seus próprios fins.

Como poderemos identificar uma pessoa "impelida"? Hoje em dia isso é relativamente fácil. Esses indivíduos geralmente trazem as marcas de um *stress*. Descubra os sintomas de stress numa pessoa e terá encontrado um desses "impelidos".

O mundo hoje está muito interessado nesse problema de *stress*. Os estudiosos do assunto têm escrito livros sobre ele, têm efetuado pesquisas,

e nos consultórios médicos praticamente a toda hora há alguém com dores no peito ou distúrbios estomacais. Muitos são os que se dedicam totalmente ao estudo dele. Os cientistas tentam medir o *stress* através de testes em laboratórios, onde submetem diversos tipos de material a variadas condições de pressão, temperatura e vibração. Os engenheiros industriais analisam seus efeitos nas estruturas e motores de carros e aviões, fazendo com que rodem ou voem em condições desfavoráveis, milhares de quilômetros. E a ciência analisa as formas de *stress* a que são submetidos os seres humanos, realizando testes em vôos espaciais, em câmaras de pressão no fundo do oceano, e observando aqueles que estão sendo submetidos a exames de laboratório em hospitais. Conheço um homem que criou um aparelho extremamente sensível, que capta e mede as ondas cerebrais, informando ao cientista quando o paciente está superestressado, e o instante em que isso ocorre.

Dá para notar que nestes últimos dez anos os indivíduos de nossa sociedade se acham sob um constante e destrutivo estado de *stress*, já que seu ritmo de vida é tão agitado que não lhes permite muito tempo para um repouso ou um descanso reparador. Não faz muito tempo, a revista Time publicou o seguinte:

> "Os médicos e autoridades da área de saúde estão chegando à conclusão de que nos últimos trinta anos o *stress* tem causado sérias baixas no bem-estar geral da nação. Segundo a Academia Americana de Médicos de Família, dois terços das pessoas que procuram os médicos da família o fazem por causa de sintomas relacionados com o *stress*. Ao mesmo tempo, o empresariado da indústria está ficando alarmado com as pesadas perdas que está sofrendo por causa de empregados que faltam ao trabalho, de despesas médicas das empresas e baixa produtividade dos funcionários, e tudo provocado por esses sintomas." ([7])

O artigo informa também que os efeitos do stress estão custando à economia americana cerca de 50 a 75 bilhões de dólares por ano, ou seja, mais de 750 dólares por trabalhador. O *stress*, afirma a revista Time, "é um dos principais causadores, direta ou indiretamente, de distúrbios da coronária, de câncer, de afecções pulmonares, lesões provocadas por acidentes, cirrose hepática e de suicídio". E isso é apenas uma parte.

O que há por trás de tudo isso? A *Time* cita o Dr. Joel Elkes, da Universidade de Louisville, que explica: "O nosso próprio modo de vida, a maneira como vivemos está se revelando a maior causa de enfermidades hoje em dia."

Todos nós estamos cientes de que existe um tipo de stress que é benéfico, porque resulta em melhor desempenho por parte de atletas, artistas ou executivos. Mas grande parte do interesse dos estudiosos do assunto está voltada para os tipos de stress que reduzem a capacidade humana, e não dos que a melhoram.

Um dos mais interessantes estudos sobre o *stress* é o que está sendo realizado pelo Dr. Thomas Holmes. Ele é conhecido como o criador da famosa "Escala de índices de Reajustamento Social", ou, como é conhecida pela maioria das pessoas, "escala de *stress* de Holmes". Essa escala consiste de uma fórmula de avaliação que indica o volume de pressão emocional que uma pessoa pode estar suportando e o risco que ela corre de sofrer conseqüências físicas ou psíquicas.

Após prolongados estudos, Holmes e seus associados atribuíram um certo número de pontos a diversos eventos comuns da vida humana. Cada ponto é chamado de "unidade modificadora". Holmes afirma que o indivíduo que acumular mais de duzentas dessas unidades em um ano está sujeito a um ataque cardíaco, um colapso nervoso, ou a uma redução na sua capacidade normal de atuação na sociedade. A morte de um cônjuge, por exemplo, é o evento que carrega o mais elevado número dessas unidades — 100; ser despedido do emprego resulta em 47 pontos, enquanto a chegada de um novo membro para a família, 39. Nem todos os eventos relacionados por Holmes são de natureza negativa. Até mesmo eventos positivos como o Natal (12 pontos) e as férias (13) provocam stress.

Pelo que percebo, não é muito incomum encontrar pessoas cujo total de pontos ultrapassa a soma de 200 unidades. Tenho um conhecido que é pastor, e que vez por outra vem conversar comigo em meu gabinete. A sua soma de pontos, pelo que me diz, é 324. Sua pressão arterial acha-se perigosamente elevada; está sempre se queixando de constantes dores no estômago, e receia estar sofrendo de úlcera; além disso, não dorme bem. Em outra ocasião, a conversa é com um jovem executivo, e ele confessa que, até recentemente, a ambição de sua vida era ganhar um milhão de dólares, antes de completar 35 anos. Analisando pela "escala de stress" a maneira como está vivendo, ele ficou horrorizado ao constatar que seu total de pontos chega a 412. Que têm em comum esses dois homens, um do mundo dos negócios e outro da esfera religiosa?

Eles são o que chamo de homens "impelidos". E essa compulsão a que estão sendo submetidos está cobrando deles um alto preço e seu total de pontos na escala é apenas uma representação numérica desse fato. Emprego a palavra "impelidos" não somente porque descreve a maneira como ambos estão vivendo, mas porque retrata também o modo como muitos de nós estamos agindo, não encarando de frente o mal que estamos causando a nós mesmos. É possível que estejamos sendo compelidos a buscar metas e objetivos, sem saber direito por que o fazemos. E talvez não estejamos cientes do alto preço que isso custará à nossa mente, nosso corpo e, naturalmente, ao nosso coração. Ao dizer coração, refiro-me ao que é mencionado em Provérbios 4.23, aquela fonte de onde procede a energia da vida.

Existem muitos desses "impelidos" que estão realizando coisas boas. Por serem impelidas não são, necessariamente, pessoas más, embora as conseqüências dessa sua compulsão possam ser nefastas. Aliás, existem

pessoas "impelidas" que estão dando uma enorme contribuição à sociedade. São aquelas que fundam organizações; abrem oportunidades de empregos e trabalho para muitos; e geralmente são pessoas inteligentes, que oferecem meios e modos de se criarem benefícios para muitas outras. Mas, apesar de tudo, são impelidas, e não podemos deixar de nos indagar até que ponto conseguirão suportar esse ritmo, sem causar danos a si mesmas.

É possível identificar essas pessoas impelidas? Claro. Existem muitos indícios que mostram que uma pessoa é do tipo impelida. Dentre eles, alguns dos mais comuns são os seguintes:

1. *As pessoas impelidas, na maior parte dos casos, só se satisfazem ao ver o trabalho realizado.* Parece que em algum ponto do seu processo de amadurecimento, essa pessoa fixou a noção de que só pode se sentir bem consigo mesma e com o mundo na medida em que acumular realizações. Essa noção pode ter-se fixado por causa de influências recebidas na infância. É possível que o pai ou mãe ou outra pessoa de influência sobre ela só lhe dessem aprovação e incentivo depois do trabalho realizado. Talvez não lhe dissessem nada de positivo antes que a tarefa estivesse completa. Assim, ela aprendeu que a única maneira de ser amada e aprovada seria realizando o trabalho.

Nessas circunstâncias é muito fácil a pessoa ficar dominada pela psicose da realização. Ela raciocina que, se com uma tarefa realizada ela obteve satisfação e elogios, então com mais realizações obterá maior satisfação e maior aprovação por parte de outros.

Então a pessoa "impelida" começa a procurar formas de multiplicar suas realizações. Daí a pouco está com duas ou três atividades ao mesmo tempo, pois isso lhe proporciona esse estranho tipo de prazer. E começa a ler toda sorte de livros, a assistir seminários que ensinam a utilizar, da melhor maneira possível, o tempo de que dispõe. E para quê? Para aprender a aumentar sua capacidade de realização, o que, por sua vez, lhe trará maior satisfação.

Esse tipo de indivíduo é o que vê a vida apenas em termos de resultados obtidos. Assim sendo, dá muito pouca importância ao processo necessário à obtenção desses resultados. Ele é o tipo que preferiria viajar de Nova Iorque para Los Angeles num jato supersônico, pois considera pura perda de tempo fazer o trajeto por terra e apreciar as serras da Pennsylvania, os dourados trigais de Iowa e Nebrasca, a grandeza esplendorosa dos Montes Rochosos e os desertos de Utah e Nevada. Ao chegar a Los Angeles, após um vôo de duas horas e meia, ele ficaria profundamente irritado se o avião levasse mais uns quatro minutos para aproximar-se do portão de desembarque. Para essa pessoa dominada pelo sentimento de realização a chegada é tudo; a viagem não significa nada.

2. *A pessoa "impelida" está sempre preocupada com os símbolos associados à idéia de realização.* Geralmente é uma pessoa muito consciente do conceito de poder; e busca obter poder a fim de manipulá-lo. Isso significa também que ela é consciente dos símbolos associados ao status: títulos, tamanho e localização dos escritórios onde trabalha, a posição das pessoas nos gráficos das organizações, e os privilégios especiais dos mais graduados.

Geralmente, aquele que se acha sob esse estado de compulsão se interessa muito pelo reconhecimento dos outros. Será que alguém sabe o que estou fazendo? pensa ele. Como posso me aproximar mais dos "grandes" de minha esfera de ação? São questões que preocupam muito a pessoa "impelida".

3. *A pessoa "impelida" geralmente se acha dominada por uma descontrolada busca da superação.* Ela gosta de participar de empreitadas cada vez maiores e mais vitoriosas. Normalmente está sempre agindo, procurando as maiores e melhores oportunidades. Raramente consegue apreciar as realizações no momento em que as obtém.

Carlos Spurgeon, um pregador inglês do século XIX, disse o seguinte:

> "O sucesso deixa o homem exposto à pressão das pessoas, e dessa forma ele ê tentado a manter essa posição por meio de métodos e práticas carnais, e a se deixar dominar pelas despóticas exigências de uma incessante superação. O sucesso pode me subir à cabeça, e subirá, a não ser que eu me recorde sempre de que é Deus quem realiza a obra, e que ele pode continuar a realizá-la sem minha ajuda, e que, no momento em que ele quiser dispor de mim, poderá sair-se muito bem, usando outros instrumentos." ([8])

Muitas vezes, vemos esse malfadado princípio em operação na vida de algumas pessoas que procuram avançar no campo profissional. Mas vemo-lo também no contexto da atividade espiritual, pois encontramos crentes "impelidos", que nunca ficam satisfeitos com o que conseguem na vida espiritual, nem com suas realizações no serviço cristão. E, naturalmente, isso significa que terão a mesma atitude para com os que os cercam. Raramente se agradam do serviço feito por seus subordinados ou seus iguais. Vivem num constante estado de inquietação e insatisfação, sempre à procura de métodos mais eficientes, de melhores resultados e de experiências espirituais mais profundas. Via de regra, não existe a menor indicação de que um dia essas pessoas ficarão satisfeitas consigo mesmas ou com os outros.

4. *As pessoas "impelidas" parecem ter pouca consideração para com os princípios de honestidade.* Elas se acham tão envolvidas na busca do

sucesso, na ânsia de realizar, que quase não têm tempo para parar e verificar se seu ser interior está acompanhando de perto o processo que se passa no exterior. De um modo geral, ele não o acompanha, e cria-se uma lacuna cada vez maior entre os dois. E é aí que ocorre o desrespeito à integridade. Essas pessoas vão se tornando progressivamente mais e mais fraudulentas; e o pior é que não ludibriam apenas a outros, mas também a si mesmas. Na ânsia de avançar sempre, sem parar, mentem para elas próprias, com relação às suas intenções. Dessa forma, seu sistema de valores e sua integridade moral ficam comprometidos. Começam a fazer dos atalhos para o sucesso um modo de vida. Para elas, a meta a ser alcançada é tão importante, que seu senso de ética fica meio desgastado. As pessoas "impelidas" chegam a nos assustar com o exagero do seu pragmatismo.

5. *As pessoas "impelidas" muitas vezes possuem pouca ou nenhuma habilidade no trato com outros.* Dar-se bem com seus semelhantes não é uma das qualidades desses indivíduos. Não é que tenham nascido desprovidos da capacidade de se relacionar bem com os que os cercam, mas é que, para eles, seus projetos são mais importantes do que os seres humanos. Como seus olhos estão sempre fixos em suas metas e objetivos, raramente prestam atenção àqueles que estão ao seu redor, a não ser que estes possam ser utilizados para o atingimento de seus alvos. E quando uma pessoa não tem utilidade para eles, passa a ser vista como um obstáculo ou competidor, quando se trata de realizar algo.

Geralmente, a pessoa "impelida" deixa, em sua passagem, uma "fileira de cadáveres". Embora no início alguns a louvassem por sua aparente capacidade de liderança, o fato é que depois de algum tempo começam a surgir casos cada vez mais numerosos de frustração e hostilidade, pois eles percebem que a pessoa "impelida" não se importa muito com o bem-estar e o aperfeiçoamento dos seres humanos. Logo se nota que acima de tudo está aquela "importante e inalterável" agenda. E é assim que os colegas e subordinados daquele indivíduo, um a um, vão pouco a pouco se afastando dele, esgotados, desiludidos, sentindo que foram explorados. E não será surpresa ouvir alguém dizer acerca de uma pessoa dessas:

"É simplesmente horrível trabalhar com ele; mas não há dúvida de que realmente consegue que o serviço seja feito."

E é justamente aí que está o ponto de atrito. Ele consegue que o serviço seja feito, mas, no processo, destrói pessoas. E cria um quadro não muito agradável. E o aspecto mais irônico de tudo isso, e que não pode ser ignorado, é que em quase todas as organizações, seculares ou religiosas, há pessoas assim, ocupando posições de liderança. Embora elas sempre carreguem consigo as sementes de possíveis problemas de relacionamento, muitas vezes são indispensáveis ao trabalho em si.

6. *As pessoas* "*impelidas*" *tendem a ser fortemente competitivas.* Elas vêem cada esforço a ser feito como um jogo de vida ou morte. E é claro que ela acha que tem de vencer a todo custo, para estar bem aos olhos de todo mundo. E quanto mais fortemente impelida ela for, maior também será a margem de diferença pela qual precisa ganhar esse jogo. Ganhar significa obter a confirmação — tão necessária para ela — de que é importante, tem muito valor e está sempre com a razão. E é por isso que às vezes ela vê os outros como adversários ou como inimigos que têm de ser derrotados — e talvez até humilhados — nesse jogo.

7. *As pessoas* "*impelidas*"*, em geral, se irritam com enorme facilidade.* Sua raiva pode entrar em erupção a qualquer momento em que ela perceba antagonismo ou deslealdade por parte de alguém. O gatilho da raiva é disparado toda vez que alguém discorda dela, oferece uma solução diferente da que ela propõe, ou faz uma leve crítica.

Essa raiva pode não se manifestar em violência física, mas pode tomar a forma de uma agressão verbal, com humilhantes insultos ou palavrões, por exemplo. Pode expressar-se também em atos de vingança tais como despedir do emprego, humilhar o antagonista diante dos colegas, ou simplesmente negar-lhe coisas que está esperando ou desejando, como afeição, dinheiro ou amizade.

Um amigo meu contou-me que certa vez estava em seu escritório de trabalho, juntamente com outras pessoas, quando a chefe do escritório, uma senhora que trabalhava para a companhia havia quinze anos, pediu ao patrão que lhe concedesse uma semana de folga para cuidar de uma criancinha doente. O patrão recusou, e a mulher cometeu o erro de responder-lhe chorando. Quando ele se virou e viu suas lágrimas, resmungou:

— Pode pegar suas coisas e dar o fora. De qualquer jeito não preciso mais de você!

Depois que ela se retirou, ele se virou para os outros funcionários, que presenciavam a cena horrorizados, e disse:

— Vamos deixar bem claro uma coisa. Vocês todos estão aqui apenas com um objetivo: ganhar dinheiro para mim. E quem não gostar, pode dar o fora agora!

Infelizmente, muitas pessoas boas que se acham em contato com esses "impelidos" se dispõem a aceitar tais explosões de raiva sem resistência, embora se magoem profundamente, porque sentem que o patrão ou aquele chefe está conseguindo que o serviço seja realizado, ou que é uma pessoa abençoada por Deus, ou que, contra uma pessoa de sucesso, não se pode dizer nada. E há casos também em que pessoas se sujeitam a tais explosões e suas conseqüências simplesmente porque não há ninguém que tenha coragem ou capacidade para fazer frente a pessoas assim "impelidas".

Recentemente, um homem que participa da junta diretora de uma importante organização evangélica me falou sobre o diretor executivo dela que, em suas reuniões, às vezes tem dessas explosões de cólera, com palavras pesadas e linguagem imprópria. Indaguei-lhe por que os membros da junta aceitavam dele essa conduta freqüente e indesculpável, ao que me respondeu:

— Acho que é porque todos nós ficamos tão entusiasmados com a maneira como Deus o usa no seu ministério público, que relutamos em promover uma confrontação.

Há mais alguma coisa a se dizer a respeito das pessoas impelidas, que, a essa altura, devem estar parecendo extremamente antipáticas? Há; há mais uma coisa.

8. *As pessoas "impelidas" geralmente são indivíduos que estão sempre muito atarefados.* Em geral, estão ocupados demais para cultivar um bom relacionamento com familiares, com a esposa ou marido, com amigos, e até mesmo consigo mesmos — para não falar de sua comunhão com Deus. Como essas pessoas raramente se satisfazem com suas realizações, fazem uso de todos os minutos disponíveis para se aprimorar, para assistir a mais reuniões, para estudar novos materiais de interesse, ou iniciar outros projetos. Acreditam que ter a fama de estar sempre ocupado é um indicativo de importância e sucesso pessoal. Por isso procuram impressionar os outros tendo uma agenda cheia. Às vezes chegam até a demonstrar uma certa autopiedade, lamentando a carga de responsabilidades que pesa sobre elas, expressando o desejo de libertar-se dessa vida complicada que levam. Mas experimente sugerir-lhes uma solução para o problema!

O fato é que a pior coisa que pode acontecer a elas é alguém oferecer-lhes uma solução. Elas simplesmente ficariam perdidas, se tivessem menos ocupações. Para a pessoa "impelida", estar ocupada se torna uma forma de vida, uma idéia fixa. Ela gosta de se lamentar e atrair a piedade ou simpatia dos outros, e é bem provável que não tenha a menor intenção de modificar essa situação. Mas se lhe dissermos isso, ficará encolerizada.

Então a pessoa "impelida" é assim. E esse retrato aqui traçado não é muito simpático. Mas o que mais me preocupa, quando olho para esse retrato, é que grande parte da direção de nosso mundo se acha nas mãos de gente assim. O sistema criado pelo mundo apóia-se nelas. E onde isso acontece, seja numa empresa, numa igreja ou numa família, o desenvolvimento das pessoas é sacrificado em favor de realizações e busca de benefícios materiais.

Sabemos de pastores que eram homens "impelidos" e que por causa disso prejudicaram muito seus co-pastores ou os leigos que com eles trabalhavam, devido a essa compulsão de querer ver sua organização como

a maior, a melhor ou mais famosa. Existem empresários que se dizem crentes, e que na igreja são conhecidos como indivíduos agradáveis, mas em seu local de trabalho são impiedosos, e estão sempre exigindo mais dos empregados, coagindo-os demasiadamente para que apliquem suas últimas energias ao trabalho, a fim de que eles, os chefes, possam ter a satisfação de vencer, de obter mais e mais bens, ou de conquistar um bom nome.

Não faz muito tempo, um amigo meu crente ganhou para Cristo um homem de negócios. Pouco depois de fazer sua decisão por Cristo, este homem escreveu ao meu amigo uma longa carta, descrevendo algumas das lutas que estava enfrentando, decorrentes do fato de ser ele uma pessoa "impelida". Pedi-lhe permissão para transcrever aqui partes dela, pois ilustra muito bem esse tipo de pessoa. Diz ele:

> "Alguns anos atrás eu estava passando por uma fase de grande frustração. Embora minha esposa fosse uma ótima pessoa, e meus filhos três crianças maravilhosas, minha carreira estava em declínio. Tinha poucos amigos e meu filho mais velho passava por uma fase difícil também — estava perdendo média na escola. Eu sofria de um estado depressivo, e minha família estava infeliz, vivendo sob grande tensão. Foi então que me surgiu a oportunidade de ir trabalhar no exterior numa companhia estrangeira. Essa oportunidade foi tão boa, não só financeiramente, mas também em termos de progresso na carreira, que a coloquei em primeiro lugar na minha vida, deixando tudo o mais em segundo plano. Então fiz muitas coisas erradas (isto é, pecados) com a finalidade de subir mais na firma e obter o sucesso pessoal. Eu justificava meus erros, argumentando que seriam de grande vantagem para minha família (melhoria financeira, etc.), e na verdade estava mentindo para mim mesmo e para meus familiares, e agindo errado em muitas situações.
>
> "Logicamente minha esposa não tolerou isso, e ela e os filhos voltaram para os Estados Unidos. Contudo, eu continuava cego para os problemas que havia em meu interior. Mas meu sucesso, meu salário, minha carreira — tudo estava em ascensão. Eu me achava *preso numa gaiola dourada...*" [Grifo meu)
>
> "Embora exteriormente as coisas estivessem indo às mil maravilhas, em meu interior eu estava perdendo tudo. Minha capacidade de raciocinar e de decidir estava enfraquecida. Estava constantemente tendo que fazer opções; analisava as diversas alternativas, e sempre optava pela que fosse melhor para meu sucesso e minha carreira. Bem no fundo do coração sentia que havia algo de muito errado. Freqüentava a igreja, mas as coisas que ouvia lá não me atingiam. Estava por demais envolvido em meu próprio mundo.
>
> "Algumas semanas atrás, tive um problema sério com minha família. Então resolvi abrir mão de minha maneira de pensar. Fui para um hotel, onde fiquei nove dias, tentando decidir o que faria da vida. E quanto mais pensava mais confuso me sentia. Comecei a perceber que estava morto, e que minha vida, em grande parte, achava-se envolta em trevas. E o pior de tudo é que não conseguia enxergar

nenhuma saída. A única solução para meu caso era fugir e esconder; começar vida nova em outro lugar, afastar-me de todos os conhecidos."

Felizmente, essa triste descrição de um homem que chegou ao fundo do poço tem um final feliz. Pouco tempo depois de haver passado aqueles nove dias num hotel, ele veio a conhecer o amor de Deus, e o poder desse amor para promover uma radical mudança de vida. E assim, aquele homem "impelido" passou a ser outra criatura, a qual chamamos, no próximo capítulo, de pessoa chamada. Ele saiu de sua gaiola dourada.

Dentre as pessoas da Bíblia, a que melhor tipifica o homem "impelido" é Saul, o primeiro rei de Israel. Diferentemente da história que acabamos de narrar, que teve uma conclusão favorável, este rei teve um fim horrível, pois nunca saiu de sua gaiola dourada. Continuou a acumular mais e mais tensões sobre si mesmo. E isso o destruiu.

A própria introdução de Saul no cenário bíblico já devia ser uma indicação de que ele possuía algumas falhas que, se não fossem devidamente corrigidas em seu mundo interior, poderiam levá-lo facilmente a perder o autocontrole.

"Havia um homem de Benjamim, cujo nome era Quis, filho de Abiel, filho de Zeror, filho de Becorate, filho de Afia, benjamita, homem de bens.

"Tinha ele um filho, cujo nome era Saul, moço, e tão belo que entre os filhos de Israel não havia outro mais belo do que ele; desde os ombros para cima sobressaía a todo o povo." (1 Sm 9.1,2)

Ao iniciar sua vida pública, Saul possuía três benefícios, recebidos ao nascer, que poderiam redundar em vantagem ou desvantagem para ele. Ele mesmo teria que decidir como iria utilizá-los. E essa decisão iria depender muito das condições diárias de seu mundo interior.

Quais são esses três benefícios? Primeiro, riqueza; segundo, uma boa aparência; terceiro, um porte físico bem desenvolvido. Todas essas coisas são atributos que fazem parte do mundo exterior das pessoas. Em outras palavras, a impressão inicial que Saul causava nos outros era de que era superior a todos quantos o rodeavam. Essas três características externas chamavam a atenção dos outros para ele, e contribuíam para que obtivesse vantagens imediatas. (Todas as vezes que penso nos atributos naturais de Saul, recordo-me de que certa vez um diretor de um banco me disse: "MacDonald, se você fosse uns quinze centímetros mais alto, poderia subir muito no mundo dos negócios.") E o que é mais importante: esses atributos o revestiam de um certo carisma, que contribuiu para que atingisse o sucesso rapidamente, sem ter tido ocasião para cultivar um coração sábio, ou poder espiritual. Em suma, ele teve uma largada rápida.

À medida que vamos lendo a história de Saul na Bíblia, descobrimos outros fatos a respeito dele, fatos que poderiam favorecer seu sucesso, ou ocasionar o fracasso final. Vemos, por exemplo, que sabia falar bem. Sempre que tinha chance de se dirigir ao povo, mostrava-se eloqüente. Então o cenário estava todo preparado para que aquele homem consolidasse seu poder e conquistasse o reconhecimento público, sem ter tido oportunidade de fortalecer antes seu mundo interior. E era aí que estava o perigo.

Quando Saul se tornou rei de Israel, obteve logo muito sucesso. Ao que parece, isso impediu que enxergasse suas limitações. Ele não deu muita atenção ao fato de que precisava dos outros, de que devia cultivar seu relacionamento com Deus, nem que devia encarar com mais seriedade suas responsabilidades para com o povo que governava. Começam a surgir aí os primeiros indícios de que ele é uma pessoa "impelida".

Saul tornou-se um homem atarefado; via espaços vazios que, pensava ele, deveria ocupar. Então, na ocasião em que estava para sair à guerra contra os filisteus — o grande inimigo do povo de Israel na época — e esperava em Gilgal que o profeta Samuel chegasse para oferecer o holocausto, começou a ficar impaciente e irritado, pois o profeta não apareceu no tempo aprazado. O rei sentiu que sua programação iria ficar prejudicada; não podiam ficar parados; tinham que seguir em frente. A solução que ele encontrou? Oferecer ele mesmo o holocausto. E foi o que fez.

As conseqüências? Uma séria brecha na aliança do povo com Deus. O oferecimento de holocaustos era prerrogativa dos profetas, como Samuel; não era atribuição dos reis, como Saul. Mas ele se esqueceu disso porque via a si mesmo como uma pessoa de grande importância.

A partir daí, sua caminhada vai de declive em declive. "Já agora não subsistirá o seu reino. O Senhor buscou para si um homem que lhe agrada." (1 Sm 13.14) Ê assim que termina a maioria dos homens "impelidos".

Sem a bênção e a assistência divina que até então tivera, Saul passa a revelar com mais clareza sua condição de "impelido". Pouco depois, ele empenha todas as energias no esforço de segurar o trono, entrando em competição com Davi, o jovem que havia conquistado a admiração do povo de Israel.

A Bíblia relata diversas demonstrações da sua explosiva cólera, que o levou a cometer abusos em alguns momentos, e em outros a se entregar a uma imobilizante autopiedade. Ao final de sua vida, ele era um homem totalmente desorientado, vendo inimigos atrás de cada arbusto. Por quê? Porque desde o início ele fora um homem "impelido", e nunca havia colocado em ordem o seu mundo interior.

Fico imaginando qual seria o total de pontos que Saul atingiria na escala de stress de Thomas Holmes. Acho que chegaria aos mesmos níveis daqueles que são vítimas de ataques cardíacos e derrames cerebrais. Mas

ele nunca chegou a encarar o problema da sua compulsão, fosse por meio de uma escala de stress ou através dos toques divinos em seu interior, aos quais Deus gostaria que ele desse atenção. Outro fato é que ele teria permanecido pouco tempo entre os doze discípulos que Jesus escolheu. Suas compulsões eram fortes demais. A mesma compulsão que o levou a agarrar o poder e não soltá-lo mais, que fez com que se voltasse contra seus auxiliares mais próximos, levou-o a tomar uma série de decisões insensatas, e, por fim, arrastou-o a uma morte humilhante. Saul é o exemplo clássico de um homem "impelido".

Nos aspectos de sua vida em que virmos semelhanças entre ele e nós, nesses pontos precisaremos fazer algumas mudanças em nosso mundo interior. Aquele cuja vida interior se achar convulsionada por compulsões não resolvidas, não conseguirá escutar a voz do Senhor a chamá-lo. O sofrimento e os ruídos provocados pelo stress serão fortes demais.

Infelizmente, nossa sociedade está cheia de pessoas como Saul; pessoas que se acham presas em gaiolas douradas, que são impelidas a acumular realizações, a ser reconhecidas, ou a atingir suas metas a todo custo. E desgraçadamente nossas igrejas também estão cheias desses indivíduos. Muitas delas são fontes que se secaram. Em vez de serem fontes de energia vital, levando as pessoas a se desenvolverem espiritualmente e a se deleitarem com as coisas de Deus, elas se tornaram fontes de stress.

O mundo interior do homem "impelido" está totalmente em desordem. Talvez ele esteja numa gaiola esplendorosamente dourada. Mas essa gaiola é uma armadilha; dentro dela não existe nada que seja duradouro.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque, depois de identificar e encarar de frente as forças que têm-me impelido, tranqüilamente atendo ao chamado de Cristo.

4. O Triste Caso de um Vagabundo que Venceu na Vida

Quando aquele casal entrou em meu gabinete para a primeira de uma série de entrevistas, sentaram-se o mais longe possível um do outro. Era evidente que, pelo menos na época, não se gostavam mais. Entretanto, o objetivo da visita era salvar o casamento deles.

Haviam-me dito que ela estava pedindo ao marido que saísse de casa. Quando lhe perguntei a razão, explicou que era a única maneira de o resto da família ter um pouco de paz, ter uma vida normal. Não houvera problema de infidelidade, nem outra dificuldade séria. Mas ela simplesmente não se sentia em condições de conviver com o marido pelo resto da vida, devido ao temperamento dele e ao seu sistema de valores.

Mas ele não queria sair. Aliás, estava até muito chocado com o fato de ela se sentir assim, disse ele. Afinal, sustentava fielmente a família. Tinham uma boa casa, localizada num bairro de alta classe média. Os filhos tinham tudo que queriam. Era difícil compreender por que ela desejava terminar com a união deles, continuou o marido. Além disso, não eram crentes? Ele sempre pensara que os crentes não admitem o divórcio e separações entre casais. Será que eu poderia solucionar o problema?

A história toda foi-me sendo revelada aos poucos. Senti claramente que aquele homem que ali estava acompanhado da esposa era do tipo "impelido". A compulsão dele estava-lhe custando a destruição do casamento, a perda da família e da saúde. Via-se com clareza que o casamento deles estava morto; o distanciamento revelava isso. Pelas descrições que davam das atitudes dos filhos, percebia-se que a vida familiar estava arruinada. E era evidente que a saúde dele estava comprometida, pois falou-me sobre úlceras, constantes dores de cabeça e dores no peito. E a história foi-se desenrolando.

Como era dono de uma empresa, seu horário de trabalho era determinado por ele mesmo — de dezenove a vinte horas por dia. E como tinha sempre tantas responsabilidades, nunca podia estar presente aos eventos importantes da vida dos filhos. Geralmente, saía de casa pela manhã bem cedo, antes que os outros se levantassem, e era raro o dia em que voltava do serviço antes de as crianças menores já estarem dormindo. E nas vezes em que podia jantar com a família, mostrava-se absorto, preocupado. Era muito comum ele ser chamado ao telefone quando estava jantando, e ficar ali o resto do tempo, para solucionar algum problema ou concluir um negócio.

Diante de um confronto, reconheceu, tendia para explosões de cólera; no relacionamento com outros era áspero e assumia um tom ameaçador. Numa reunião social, geralmente se sentia entediado com a conversa dos outros, e tendia a retrair-se para um canto e beber muito. Quando lhe perguntei o nome dos amigos, só citou os sócios. E quando indaguei sobre as coisas que eram mais importantes para ele afora o

trabalho, falou apenas de seu carro esporte, seu barco, seu carnê de ingressos para os jogos do Red Sox * — em suma, só citou coisas, que aliás, por ironia, não podia apreciar, pois era demasiadamente ocupado.

Ali estava um homem em cujo mundo interior não havia ordem nenhuma. Tudo nele se concentrava na vida exterior. Ele mesmo reconhecia que sua vida era um turbilhão de atividades e anseio por lucros. Por mais que fizesse, nunca fazia o suficiente; nunca se satisfazia com o dinheiro que ganhava — sempre queria mais. Tudo que lhe caía nas mãos tinha de crescer, melhorar, causar mais impacto. O que o estava impelindo? Será que seu mundo interior poderia um dia ser posto em ordem?

Depois de várias entrevistas, comecei a ter uma idéia sobre a incrível fonte de energia que o impelia a viver dessa maneira, destruindo tudo que o cercava. Em meio a uma de nossas conversas perguntei-lhe sobre o pai. De repente, sua atitude se modificou sensivelmente. Qualquer um poderia ter percebido que inesperadamente eu havia tocado num ponto muito sensível.

A história que aos poucos fui conhecendo revelava um relacionamento muito penoso. Fiquei sabendo que o pai dele era um homem extremamente sarcástico e zombeteiro. Estava sempre dizendo para o filho:

— Você é um vagabundo; sempre será. Nunca passará de um vagabundo!

Ele dissera isso tantas vezes que essas palavras ficaram como que gravadas em sua mente como uma placa de gás neônio.

Agora ali estava um homem com quarenta e poucos anos que, inconscientemente, fizera um propósito para a vida toda. Fizera o propósito de desmentir o rótulo que o pai lhe impingira. Ele iria, de alguma forma, demonstrar, com provas irrefutáveis, que não era um vagabundo. E isso acabou se tornando a preocupação básica de sua vida, sem que ele se desse conta do fato.

E como o oposto de vagabundagem seria trabalhar muito, ter uma renda elevada, o status de pessoa rica, esses valores passaram a constituir o conjunto de metas desse homem "impelido". Iria montar sua própria empresa, e fazer dela a mais importante do seu setor das "Páginas Amarelas", demonstrando dessa forma que era um homem trabalhador. Iria esforçar-se para ganhar muito dinheiro com a firma, mesmo que parte do dinheiro ficasse "emporcalhada" pela forma como era obtida. Depois viriam a bela casa, o carro esporte e o carnê de temporada nos melhores lugares do Estádio Fenway ** — e todas essas coisas seriam provas tangíveis, a desmentir a pecha de vagabundo imposta pelo pai. E fora assim que aquele homem que vinha conversar comigo se tornara um "impelido", dominado pela idéia de conquistar o amor e respeito de seu pai.

---

* Red Sox — equipe de beisebol da cidade de Boston, nos Estados Unidos. N.T.

** Fenway — estádio da equipe Red Sox, em Boston. N.T.

Como a maioria de suas metas situava-se na esfera exterior, não sentira a necessidade de cultivar seu mundo interior. Para ele, o relacionamento com as pessoas não era importante; mas vencer as competições era. Ter "saúde" espiritual não era importante; mas ter força física era. Não era necessário descansar; mas dispor de mais tempo para trabalhar mais era. Acumular conhecimentos e sabedoria não tinha muito valor; mas conhecer técnicas de venda e inovações dos produtos tinha.

Ele afirmava que tudo isso era motivado pelo seu desejo de sustentar bem a família. Mas depois, pouco a pouco, fomos descobrindo, juntos, que na verdade ele estava querendo conquistar a aceitação e aprovação do pai. Queria um dia ouvi-lo dizer:

"Meu filho, você não é um vagabundo. Eu estava totalmente enganado."

E o que tornava tudo isso ainda mais estranho era que o pai dele falecera havia muitos anos. E, no entanto esse filho, agora na meia-idade, continuava a trabalhar duramente para conquistar a aprovação dele. Uma prática que começara como um propósito de vida acabara-se tornando um vício, que ele não conseguia romper.

QUAIS SÃO AS CAUSAS DA COMPULSÃO?

Por que será que existem tantos indivíduos que parecem "impelidos"? As razões são muitas, e esse meu conhecido é um exemplo clássico de uma delas. Ele representa as pessoas que foram criadas num *ambiente onde nunca ouviam as palavras:* "*Muito bem!*" Em muitos casos, quando essas expressões de aprovação e aceitação não são ditas, a pessoa, que se acha faminta de apreciação, conclui que precisa se esforçar mais, conquistar mais símbolos de status, e os elogios dos de fora, para convencer aquele indivíduo importante para ela, e que por tanto tempo reteve seus elogios, para convencê-lo a dizer:

"Meu filho (filha), é, estou vendo que você não é um vagabundo. Tenho grande orgulho de ser seu pai."

Existem hoje muitas pessoas que ocupam cargos de liderança, e que têm em comum esse mesmo tipo de formação, essa mesma insegurança. Às vezes vemos líderes que parecem ser pessoas excelentes, que praticam atos bons, e são largamente elogiados por gestos de dedicação e de altruísmo. É bem possível que esses indivíduos estejam apenas esforçando-se na esperança de conquistar a aceitação e aprovação de uma única pessoa que partilhou de sua vida no passado. E quando não conseguem obtê-lo, desenvolvem uma insaciável sede de riqueza, poder e aplausos de outros, na tentativa de compensar a lacuna deixada por aquela pessoa da infância. Entretanto, raramente chegam a ficar satisfeitos. E isso se dá porque empreendem essa busca ao nível do seu mundo exterior, deixando o interior abandonado e vazio. E é aí que se encontra realmente o ponto sensível.

Outro fato que pode levar uma pessoa a se tornar "impelida" *é uma infância de privações ou humilhações*. Em seu livro, *Creative Suffering* (Sofrimento criativo), Paul Tournier ressalta que um bom número dos líderes políticos mundiais dos últimos séculos foram órfãos. Tendo sido criados sem conhecer o amor paterno ou sem um aconchego emocional, podem ter procurado o "abraço" do povo como uma compensação para essa falta. Sua forte compulsão para a busca do poder pode ter sido ocasionada por uma simples necessidade de amor. Só que, em vez de resolver essa carência colocando ordem no seu mundo interior, preferiram buscar a solução no plano externo.

Há pessoas "impelidas" que se tornaram assim por terem passado por fortes humilhações e constrangimento na infância. Em seu livro *The Man Who Could Do No Wrong* — O homem que não podia errar — (Lincoln, Va. Chosen Books, 1981), aliás, um livro escrito com admirável franqueza de sentimentos, o pastor Charles Blair fala de sua infância em Oklahoma, durante a época da recessão econômica nos Estados Unidos. Penosamente, ele recorda a tarefa que tinha de realizar todos os dias: ir buscar o leite gratuito, distribuído pelo governo, e que ele ia apanhar num quartel próximo. E ao descer pela rua com aquela vasilha de leite tinha de suportar a zombaria cruel dos outros garotos de sua idade. Devido à agonia que passou naqueles momentos, fez um juramento consigo mesmo que chegaria o dia em que nunca mais teria que carregar uma "vasilha de leite", mesmo que simbólica, e que implicasse na sensação de perda da auto-estima.

Blair narra também um outro fato inesquecível. Certo dia estava voltando da escola em companhia de uma garota por quem nutria fortes sentimentos. Em dado momento surge diante deles um outro garoto com uma bicicleta novinha em folha, que ofereceu uma carona à jovem. Sem hesitar nem por um instante, a moça sentou-se na garupa, e os dois saíram, deixando Blair para trás. A humilhação que ele sentiu naquele momento levou-o a prometer a si mesmo que um dia ele teria a "sua" bicicleta novinha em folha; ele teria tudo que fosse preciso para impressionar outros, conquistando assim a atenção e amizade de todos.

E essas resoluções ficaram gravadas a ferro e fogo em sua vida, e se tornaram uma compulsão que mais tarde, como ele mesmo diz, iria atraiçoá-lo. Pois ele se tornou um homem que tinha necessidade de ter o carro mais bonito, pastorear a maior e mais bela igreja e vestir as mais elegantes roupas masculinas. Essas coisas iriam mostrar a todo mundo que conseguira sair da recessão econômica de Oklahoma. Não era mais uma pessoa sem valor. E poderia provar!

Charles Blair estava fugindo de uma coisa, o que significava que estava automaticamente correndo para outra. Embora ocultasse sua compulsão por trás de belos objetivos espirituais, e embora seu ministério fosse excelente, bem lá no fundo ele guardava sofrimentos do passado, que ainda não estavam resolvidos. E como essas mágoas criavam um clima de desordem em sua vida interior, estavam sempre voltando à tona para

atormentá-lo. Elas afetavam suas decisões, sua escala de valores, e também impediram que enxergasse a realidade quando passou por uma grave crise, num momento crítico de sua vida. O resultado disso? Fracasso, constrangimento e humilhação pública.

Mas é preciso acrescentar que ele se reergueu. Só isso já serve de esperanças para o homem "impelido". Charles Blair, o homem "*impelido*" de alguns anos atrás, que fugia da vergonha, agora é um homem *chamado*, merecedor da admiração de todos os seus amigos. Considero seu livro um dos mais importantes que já li, acho que deveria ser leitura obrigatória para todas as pessoas que se acham em posições de liderança.

Por último, algumas pessoas se tornam "impelidas" *simplesmente porque são criadas num ambiente onde a compulsão é parte da vida.* Em um livro intitulado *Wealth Addiction* (Vício de enriquecer), Philip Slater relata a infância de vários bilionários ainda vivos. Em quase todos os relatos, nota-se que, quando esses homens eram crianças, seu divertimento era acumular coisas e obter domínio sobre as pessoas. Eles quase não brincavam com a finalidade de divertir-se ou exercitar-se fisicamente. Só sabiam jogar para ganhar, para acumular coisas. Era assim que viam os pais agirem, e por isso entenderam que assim era a vida. Então, nesses indivíduos, a compulsão de enriquecer e obter poder teve início já nos dias da infância.

Para esse tipo de gente, um mundo interior em ordem não tem a menor importância. O único lado de seu ser que merece atenção é o exterior, cujos elementos podem ser avaliados, admirados, usados.

É claro que pode haver pessoas "impelidas" cuja infância não foi igual às descritas acima. Apresentamos aqui apenas alguns exemplos. Mas há um fato que se aplica em todos os casos: nenhuma delas possui uma vida interior em plena ordem. Seus principais objetivos na vida são externos, materiais, tangíveis. Nada mais lhes parece real; nada mais faz sentido para elas. E elas têm que se agarrar firmemente àquelas coisas, como fez Saul, que achava que o poder era mais importante do que ser íntegro, ou ser leal à sua amizade por Davi.

Mas vamos deixar bem claro aqui que quando falamos de pessoas "impelidas" não estamos nos referindo apenas a indivíduos com forte impulso de competição nos negócios ou no esporte profissional. Também não limitamos essa descrição aos "viciados em trabalho"; a idéia é mais ampla que isso. Qualquer um pode examinar-se a si mesmo e de repente descobrir que a *compulsão tem sido a tônica de sua vida.* Podemos estar sendo impelidos a buscar a fama de "bom crente"; ou a desejar uma experiência espiritual grandiosa; ou a conseguir uma forma de liderança que na verdade é mais um meio de dominar outros do que servi-los. Uma dona-de-casa pode ser uma pessoa "impelida"; um estudante também; qualquer um pode.

HÁ ESPERANÇA PARA OS "IMPELIDOS"

Será que uma pessoa "impelida" pode mudar? Certamente. Essa mudança pode começar no instante em que ela encarar de frente o fato de que está vivendo em função de suas compulsões, e não de um chamado. Geralmente descobrimos isso em presença da luz brilhante e reveladora de um encontro com Cristo. Como aconteceu aos doze discípulos, tendo um contato prolongado com Jesus, durante certo período de tempo, acabamos expondo todas as raízes e manifestações de nossa compulsão.

E a primeira coisa a se fazer para se resolver o problema é efetuar uma análise fria, impiedosa, de nossas motivações pessoais, de nossa escala de valores, tal como Pedro foi obrigado a fazer em suas periódicas confrontações com Jesus. Além disso, aquele que deseja realmente libertar-se desse mal deve procurar escutar a crítica construtiva que lhe for feita, bem como os pastores e líderes que pregam a Palavra de Cristo em nossos dias.

Talvez ele tenha que praticar alguns atos de renúncia e abandonar conscientemente certas coisas — coisas que em si mesmas talvez não sejam erradas, mas tornam-se erradas pelo fato de sua importância ser determinada por razões erradas.

Talvez o "impelido" tenha que perdoar àqueles que, no passado, não lhe deram a afeição e a atenção de que necessitavam. E isso poderá ser o início de seu processo de libertação.

O apóstolo Paulo, antes de se converter, também era um homem "impelido". E foi movido por compulsões que fez seus estudos, ligou-se aos fariseus, alcançou vitórias, defendeu suas teses, e conseguiu ser aplaudido pelo mundo. Nos meses que antecederam a sua conversão, estava agindo de forma quase semelhante à de um maníaco. Parecia estar sendo impelido a buscar metas ilusórias; e, mais tarde, quando fez uma avaliação daquele tipo de existência, disse: "Foi tudo inútil."

E Paulo foi um homem "impelido" até o dia em que Cristo o chamou. Lendo o relato de sua conversão, tem-se a impressão de que no momento em que caiu de joelhos diante do Senhor, na estrada de Damasco, em seu interior ocorreu como que uma explosão de alívio. Que tremenda mudança se operou nele; que diferença entre a compulsão que o impelia em direção a Damasco, onde pretendia exterminar completamente o cristianismo, e o decisivo momento em que, numa atitude de total submissão, indagou a Jesus Cristo: "Que farei, Senhor?" Ali, um homem "impelido" transformou-se num homem "chamado".

Eu gostaria que essa mudança tivesse ocorrido também com aquele senhor que vinha conversar comigo, cuja esposa estava exigindo que saísse de casa. Falamos várias e várias vezes sobre aquela sua insaciável sede de vencer, de ganhar dinheiro, de impressionar os outros. Houve algumas ocasiões em que pensei que ele estava entendendo a mensagem, e em que cheguei a me convencer de que estávamos conseguindo alguma coisa.

Cheguei mesmo a crer que ele iria voltar sua atenção para seu mundo interior, tornando-o o centro de sua vida.

Quase já o via ajoelhando-se diante de Cristo, submetendo a ele suas compulsões, purificando-se totalmente das recordações penosas daquele pai que havia imprimido o sentimento de "vagabundagem" no seu mundo interior. Como eu gostaria que aquele meu amigo, aquele vagabundo que venceu na vida, se visse a si mesmo como um discípulo chamado por Cristo, e não como um homem impelido a buscar realizações, a fim de provar algo para os outros.

Mas isso nunca aconteceu. E com o passar do tempo, perdemos contato um com o outro. A última notícia que tive dele foi que sua compulsão lhe tirara tudo: a família, a esposa e o negócio; inclusive precipitou-lhe a morte.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem, será porque entendo que sou mordomo de Cristo, e não o dono de meus objetivos, de minha função na vida e de minha identidade.

5. A PESSOA CHAMADA

Em seu livro, *A Casket of Cameos* (Um baú de camafeus), F. W. Boreham faz uma reflexão sobre a fé do "Pai Tomás", personagem do romance de Harriet Beecher Stowe. O velho escravo fora arrancado de sua velha casa em Kentucky, e colocado num vapor, sendo levado para um lugar desconhecido. Foi um momento crítico para ele, e o autor faz o seguinte comentário: "A fé do Pai Tomás vacilou. Isso parece indicar que, para ele, deixar para trás a Tia Cloé e os filhos, bem como os velhos conhecidos era o mesmo que estar deixando Deus ali."

Em dado momento ele adormece e tem um sonho. "Sonhou que estava em sua casa, e que a pequena Eva lia para ele um trecho da Bíblia, como sempre fazia. Ele até escutava a voz dela: "Quando passares pelas águas eu serei contigo... Porque eu sou o Senhor teu Deus, o Santo de Israel, o teu salvador." E Boreham continua:

> "Pouco depois, o pobre escravo estava-se contorcendo debaixo das cruéis chicotadas de seu novo dono. "Mas", diz a escritora, "*as lambadas atingiram apenas o homem exterior, e não o coração, como acontecera anteriormente*. Tom permaneceu submisso ao seu dono, mas Legree não pôde deixar de perceber que perdera todo o domínio sobre sua vítima. Assim que Tom entrou em sua cabana, Legree virou o cavalo com um movimento rápido, e pela mente daquele tirano passaram aqueles expressivos lampejos que tantas vezes fazem brilhar raios de consciência nas almas negras e más. Ele entendeu claramente que fora Deus quem se interpusera entre ele e Tom, e naquele instante soltou uma blasfêmia." [9] (Grifo meu)

A PESSOA CHAMADA

É essa firmeza que procuramos quando queremos distinguir uma pessoa "impelida" de uma pessoa "chamada". Na hora em que os impelidos estão rompendo em frente eles podem até pensar que possuem essa qualidade. Mas muitas vezes, nos momentos em que menos esperam, aparecem situações adversas, e pode haver um colapso. Mas os chamados têm uma força que vem de dentro, possuem uma perseverança e poder, que oferecem resistência aos golpes externos.

As pessoas chamadas às vezes procedem dos lugares mais estranhos, e trazem as qualificações mais singulares. Talvez sejam os indivíduos menos notados, menos reconhecidos, menos sofisticados. Lembremos novamente os homens que Cristo escolheu; poucos deles poderiam candidatar-se a um alto cargo de uma organização religiosa ou de uma empresa. Não que fossem extremamente incapacitados; não. É que eram pessoas comuns. Mas Cristo os chamou; e isso muda tudo.

Então, existem algumas pessoas que, em vez de viverem de acordo com as compulsões do mundo, são atraídas pelo aceno do Pai, que as chama. Geralmente, esses que ouvem o chamado são indivíduos cujo mundo interior se acha em ordem.

JOÃO, O EXEMPLO DE UM HOMEM CHAMADO

João Batista é um ótimo exemplo de um homem chamado. Ele teve a audácia de dizer aos judeus que eles tinham que parar de justificar-se diante de Deus, usando de seu senso de superioridade racial, e enxergar a necessidade que tinham de arrepender-se moral e espiritualmente. O batismo, dizia ele, seria uma prova de que seu arrependimento era genuíno. Não admira que as pessoas nunca tivessem uma posição de neutralidade com relação a ele. João nunca media muito as palavras. E as pessoas ou o amavam, ou o odiavam. E foi um dos que o odiavam que um dia mandou cortar sua cabeça. Mas só depois que ele concluiu sua missão.

João, esse homem chamado, constitui um notável contraste com Saul, o impelido. Desde o começo, João já parecia possuir um forte senso de propósito, que resulta de uma orientação celestial, proveniente do fundo do seu coração. Mas o momento em que vemos com maior clareza a diferença entre Saul e João é quando eles estão sendo atacados em sua identidade pessoal e sua convicção vocacional. Quando Saul se convenceu de que a preservação do poder e sua continuação naquela posição dependiam exclusivamente dele mesmo, como estamos lembrados, ele reagia com violência, agredindo os inimigos.

Mas com João a coisa foi muito diferente. Veja como ele reage quando fica sabendo que sua popularidade está para sofrer um sério declínio. Permitam-me ser um pouco dramático, e sugerir que ele estava diante da possibilidade de perder o emprego. O relato a que me refiro inicia-se pouco depois que João apresenta Cristo às multidões, e o povo começa a transferir sua admiração para o "Cordeiro de Deus" (Jo 1.36). Alguém comunica a João que o povo, e mesmo alguns de seus discípulos, estão passando a seguir a Jesus, a ouvir seus ensinamentos e a ser batizados pelos discípulos dele. Lendo isso, fica-se com a impressão de que aqueles que foram levar essa notícia ao profeta, falando do declínio de sua popularidade, talvez o tivessem feito na expectativa de vê-lo ter uma reação negativa. Mas ele os deixou frustrados.

> "Respondeu João: O homem não pode receber cousa alguma se do céu não lhe for dada.
> "Vós mesmos sois testemunhas de que vos disse: Eu não sou o Cristo, mas fui enviado como seu precursor.
> "O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo. Pois esta alegria já se cumpriu em mim.
> "Convém que ele cresça e que eu diminua." (Jo 3.27-30)

As Pessoas Chamadas Entendem o Princípio da Mordomia.

Observemos que o conceito que João tinha da vida era segundo o princípio da mordomia. Aqueles que foram interpelá-lo fizeram suas perguntas com base na suposição de que aquele povo pertencia a João, que ele os tinha conquistado para si com seu carisma pessoal. E, se assim o fosse, estava perdendo algo: seu estrelato como profeta.

Mas não era por essa perspectiva que João via as coisas. Ele nunca possuíra nada, e muito menos o povo. Ele pensava como um mordomo cristão, e isso é uma qualidade da pessoa "chamada". A função de um mordomo é simplesmente cuidar de algo que pertence a outrem, até que o proprietário volte para reaver sua propriedade. João sabia que as multidões que o deixavam para seguir a Cristo nunca tinham sido propriedade dele. Deus as colocara sob seus cuidados durante algum tempo, mas agora as estava recolhendo de volta. E para o profeta estava tudo bem.

Como essa atitude é diferente da do "impelido" Saul, que se julgava o dono do trono de Israel, pensando poder fazer com ele o que bem desejasse. Quando possuímos alguma coisa, nossa tendência é segurá-la com força e tentar protegê-la. Mas João não via as coisas dessa maneira. E assim, quando Cristo assumiu o comando das multidões, ele se sentiu feliz em devolvê-las a ele.

Essa visão que João tinha de mordomia representa um princípio muito importante para nós hoje. O que as multidões eram para ele, serão para nós nossa carreira, nossos bens, nossos dons naturais e espirituais, nossa saúde. Será que possuímos essas coisas ou apenas as gerimos em nome daquele que as confiou a nós? As pessoas "impelidas" consideram as coisas como sua propriedade; as "chamadas", não. E quando um "impelido" perde alguma coisa isso gera uma grave crise. Mas quando é um "chamado" que perde, nada muda. Seu mundo interior continua o mesmo; talvez melhor.

As Pessoas Chamadas Sabem Exatamente Quem São.

Vemos uma segunda qualidade dos chamados no modo como João estava consciente de sua identidade. "Vocês estão lembrados", disse ele para aqueles homens, "que eu lhes falei que não sou o Cristo?" E saber que não era Cristo, era uma forma de saber quem ele era. Ele não tinha ilusões quanto à sua identidade pessoal. Isso já estava bem claro em seu mundo interior.

Mas aqueles cuja vida interior não está em ordem ficam confusos quanto à sua identidade. Parecem estar cada vez mais incapazes de fazer distinção entre a função que exercem e sua própria pessoa. Para eles, o que fazem se confunde com o que são. É por isso que as pessoas que já detiveram grande parcela de poder têm muita dificuldade em abandoná-lo,

e muitas vezes lutam até à morte para retê-lo. E é por causa disso também que muitos indivíduos sofrem terrivelmente com a aposentadoria. Isso explica por que muitas senhoras passam por sérias crises de depressão quando o último filho cresce e sai de casa.

Precisamos analisar atentamente essa questão da identidade, pois trata-se de um assunto muito atual. João poderia ter tirado vantagens de sua ascendência sobre as multidões, na época em que gozava de grande popularidade. Ou poderia ter-se deixado seduzir pelo aplauso das massas. O fato de eles estarem transferindo seu apreço dos sacerdotes de Jerusalém para ele, poderia tê-lo tornado arrogante e ambicioso. Teria sido muito simples acenar que sim quando lhe perguntaram se ele era ou não o Messias.

Outro homem, que não fosse tão íntegro quanto João, em seu lugar teria cedido à tentação, e responderia:

"Bom, eu não tinha pensado nas coisas exatamente nos termos em que as estão colocando, mas talvez estejam certos. Existe mesmo algo de messiânico em mim. Por que não aceitamos essa tese de que eu sou o Cristo, para ver o que acontece?"

E se João tivesse feito isso, é bem provável que conseguisse manter a mentira de pé por algum tempo. Mas o fato é que o verdadeiro João nem quis tentar. Em seu interior tudo estava muito em ordem, e ele veria claramente as terríveis implicações de assumir uma identidade falsa.

E se por um acaso houve um momento em que a voz das multidões falou alto, a voz de Deus, que soava em seu interior, falou ainda mais alto. E essa voz foi mais convincente porque o profeta já colocara em ordem o seu mundo interior, quando estivera no deserto.

Não subestimemos a importância desse princípio. Em nossos dias, nesse mundo todo dirigido pelos meios de comunicação de massas, muitos homens bons e talentosos, que ocupam posições de liderança, estão constantemente diante da tentação de passarem a crer em seus próprios textos publicitários. E, se eles acreditarem, sua personalidade e seu exercício de liderança irão aos poucos sendo contaminados pela fantasia do messianismo. Então, eles se esquecerão de que não são nada, e passarão a ter uma visão distorcida de sua própria identidade. E por que isso acontece? Porque estão sempre ocupados demais, e não podem passar algum tempo no deserto para colocar em ordem seu mundo interior. Os programas da organização tornam-se dominantes; o aplauso dos seguidores por demais fascinantes. E assim, em meio ao agitado burburinho de sua vida pública, a voz de Deus fica abafada.

As Pessoas Chamadas Possuem um Firme Senso de Objetivo.

Lendo mais uma vez essa notável resposta que João deu a seus interlocutores vemos que o profeta do deserto também entendia o objetivo

de sua função como precursor de Cristo. Esse é outro aspecto da condição de chamado. E quando lhe indagaram acerca de sua opinião a respeito da crescente popularidade daquele Homem de Nazaré, ele comparou sua missão com a de um padrinho de casamento: "O que tem a noiva é o noivo; o amigo do noivo (isto é, João) que está presente e o ouve, muito se regozija por causa da voz do noivo." (Jo 3.29) A função do amigo é estar ao lado do noivo, cuidando para que a atenção de todos esteja voltada para ele. Seria ridículo se, no meio da cerimônia de casamento, o padrinho se voltasse para os convidados e começasse a cantar ou a recitar um monólogo cômico. A melhor maneira de ele realizar sua tarefa é não chamar a atenção dos outros sobre si mesmo, mas procurar voltá-la para o noivo e a noiva.

E foi isso que João fez. E se Jesus Cristo era o noivo — para usar a metáfora que ele criou — então a única preocupação de João Batista era ser o amigo dele, e nada mais. Esse era "O objetivo de seu chamado, e ele não tinha o menor desejo de ultrapassar esse limite. Portanto, quando João viu as multidões dirigindo-se para Jesus, sentiu-se altamente gratificado; tinha alcançado sua meta. Mas numa situação dessas, somente um homem "chamado", como era o caso de João, não se perturba.

As Pessoas Chamadas Sabem o que é um Compromisso Firme.

E por último, João, sendo um homem chamado, também sabia o que era um compromisso pessoal. "Convém que ele cresça e que eu diminua" (Jo 3.30), disse ele aos que o procuraram para saber de sua reação. Um homem "impelido" nunca teria dito o que ele disse, pois esse tipo de indivíduo é compelido a buscar mais e mais atenção dos outros, mais e mais poder, mais e mais bens materiais. Um homem seduzido pelas glórias da vida pública teria assumido uma postura mais competitiva, mas em João o seu senso de compromisso pessoal falou mais alto em seu coração. Uma vez tendo concluído a tarefa para a qual fora designado — apresentar Cristo como o Cordeiro de Deus — sentia-se realizado, pronto para se retirar do cenário público.

E são esses atributos — esse senso de mordomia cristã revelada por João, sua consciência acerca da própria identidade, a visão clara de sua função e seu senso de compromisso — que constituem as características da pessoa "chamada". E são também as marcas de indivíduos que primeiro cultivam seu mundo interior, para que dele jorrem as fontes da vida.

Que diferença marcante se nota entre a vida do Rei Saul e a de João Batista. O primeiro tentou defender sua gaiola dourada, e saiu derrotado; o outro se contentou com um lugar no deserto e a oportunidade de servir a Deus, e saiu vitorioso.

As Pessoas Chamadas Experimentam Gozo e Paz.

A vida de João apresenta diversas qualidades especiais que merecem nossa admiração. Vemos nele, por exemplo, uma grande paz que não depende de segurança profissional. Tenho conversado com muitas pessoas que, por razões as mais diversas, fracassaram em sua carreira profissional, e conseqüentemente perderam seu objetivo na vida. Isso pode ser sinal de que haviam edificado toda a sua existência sobre bases profissionais, em vez de firmá-la sobre a solidez e a estabilidade de um mundo interior em ordem, que é comandado e dirigido por Deus.

Além disso, João demonstra possuir também uma espécie de gozo, que não deve ser confundido com nosso moderno conceito de felicidade — um estado emocional que depende de tudo estar correndo bem. E quando os outros começaram a pensar que ele temia acabar como um fracassado, descobriram que, na verdade, ele estava muito contente, apesar de saber que estava "perdendo os níveis de audiência". Talvez alguns homens de seu tempo não tivessem essa mesma atitude, mas João possuía essa tranqüilidade porque baseava suas avaliações primeiramente em seu mundo interior, onde os valores são formados de acordo com as disposições de Deus.

João era sem dúvida um homem chamado. Ele ilustra muito bem o que Harriet Stowe quis dizer quando escreveu que as chicotadas que Simon Legree dava em Pai Tomás só atingiam o homem exterior. Havia algo que protegia João da aparente evidência de que talvez ele fosse um fracassado. Era a indubitável certeza do chamado divino que ele guardava em seu mundo interior. E essa voz era mais forte que qualquer outro sonido. Ela provinha de um lugar que estava em perfeita ordem.

COMO SE TORNAR UM "CHAMADO"

Quando contemplamos com tanta admiração a vida de João Batista, a pergunta que automaticamente nos ocorre é: como foi que ele se tornou o que era? De onde provinha essa determinação, essa resistência, essa inabalável capacidade de encarar os eventos de uma forma tão diferente dos outros? Examinando a formação que ele recebeu poderemos ver como era a estrutura e a consistência de seu mundo interior.

Um fato que serve para explicar a lucidez de João é a influência de seus pais, que lhe formaram o caráter desde os primeiros dias. A Bíblia deixa bem claro que Zacarias e Isabel eram pessoas profundamente espirituais, com extraordinária sensibilidade em relação ao chamado de João, que lhes fora revelado por meio de diversas visões de anjos. Então, desde os primeiros anos do filho, eles começaram a incutir essa missão em sua alma. Não temos muitas informações sobre a vida deles após o nascimento de João, mas sabemos que possuíam um forte senso de integridade, santidade e perseverança.

Os pais de João devem ter morrido quando ele ainda era jovem. Não sabemos como ele enfrentou essa perda. O fato é que, quando as Escrituras voltam a focalizá-lo, ele está sozinho, morando no deserto, afastado da sociedade para a qual, mais tarde, iria ser uma voz profética.

> "No décimo-quinto ano do reinado de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, Herodes tetrarca da Galiléia, seu irmão Filipe tetrarca da região da Ituréia e Traconites, e Lisânias tetrarca de Abilene, sendo sumos sacerdotes Anás e Caifás, veio a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto.
> "Ele percorreu toda a circunvizinhança do Jordão, pregando batismo de arrependimento para remissão de pecados." (Lc 3.1-3)

Estas palavras contêm revelações interessantes. César estava em Roma, cuidando das coisas importantes que diziam respeito aos césares. Anás e Caifás se achavam em Jerusalém, procurando manter em ordem a religião organizada. E as outras personalidades políticas exerciam suas funções, circulando pelos lugares públicos, participando de eventos que aparentemente mereciam divulgação. O mundo desses indivíduos era um complexo de poder, fama e contatos importantes.

Mas *veio a palavra de Deus a João*, um homem insignificante, que se encontrava num lugar sem importância, um deserto. Por que João? E por que num deserto?

Isso me recorda umas palavras de Herbert Butterfield, que me impressionaram fortemente.

> "Existe um fenômeno, não muito raro, com que nos deparamos não apenas na história da Igreja mas também em nossa experiência diária: encontramos pessoas quase iletradas que parecem ter alcançado notável profundidade espiritual... enquanto outras, muito cultas, parecem estar executando belas acrobacias intelectuais apenas para encobrir o imenso vazio que existe em seu interior." ([10])

Por que João? Principalmente porque Deus o chamou e ele atendeu. O chamado exigia total submissão aos desígnios de Deus, aos seus métodos de trabalho e ao seu conceito de sucesso. E João se dispôs a aceitá-lo nesses termos, não importando o quanto isso lhe custasse em sofrimento e solidão.

Por que um deserto? Talvez porque num deserto as pessoas consigam ouvir e meditar sobre questões que normalmente não ouvem nem examinam com facilidade. No burburinho de uma cidade, geralmente nos encontramos cercados de ruídos, estamos muito ocupados e mergulhados até o pescoço em nossa própria importância. Nas cidades, às vezes o estrídulo da vida pública é tão forte que não podemos ouvir a

sussurrante voz de Deus. Além disso, nas cidades, as pessoas são por demais orgulhosas para ouvir a Deus, em meio às suas estruturas de aço e concreto, seus teatros de luzes coloridas, seus magníficos templos.

Então, Deus levou João para o deserto, onde poderia falar com ele. E assim que o profeta chegou lá, Deus começou a imprimir em seu mundo interior imagens que lhe deram uma visão de sua época totalmente diferente da que tinha. Ali no deserto, ele adquiriu um novo conceito de religião, de certo e errado e dos planos de Deus para o mundo. E ali começou a cultivar também uma sensibilidade especial e uma grande coragem que o prepariam para a extraordinária tarefa que iria desempenhar: apresentar Cristo aos seus contemporâneos. Ali, o seu mundo interior estava sendo edificado — ali, no deserto.

A palavra de Deus veio a João no deserto. Que lugar mais estranho para Deus se manifestar! O que se pode aprender num deserto? Eu tenho a tendência de evitar os desertos, e quando tenho que passar por um, procuro desviar, dar a volta, sempre que possível. Para mim, eles têm uma conotação de dor, isolamento e sofrimento. E quem é que gosta de tais coisas? O deserto é um lugar difícil de viver, seja ele físico ou espiritual. Contudo não há como fugir ao fato de que é nos desertos que podemos aprender as melhores lições, se, em meio à luta, atendermos ao chamado de Deus.

No deserto aprendemos a conhecer a *aridez*. Ali João aprenderia não apenas a suportar a aridez do deserto, mas também a se aperceber da aridez espiritual das pessoas que iriam escutar sua pregação às margens do Jordão.

No deserto, as pessoas aprendem a *depender* só de Deus. Como os hebreus já tinham aprendido há séculos atrás, era impossível viver num deserto sem os cuidados de um Deus misericordioso. Só mesmo uma pessoa que já enfrentou dificuldades iguais às de um deserto sabe o que significa confiar totalmente no Senhor, pois não há mais ninguém a quem possa recorrer.

Entretanto o deserto tem também o seu lado positivo. Trata-se de um lugar onde podemos meditar, fazer planos e nos preparar para determinadas tarefas. Depois, quando chega a hora certa, como aconteceu a João, partiremos do deserto com nossa mensagem, com algo para dizer ao mundo, algo que porá a descoberto toda a sua hipocrisia e superficialidade. Abordaremos questões que irão tocar as profundezas do espírito humano. E assim toda uma geração será posta em contato com o Cristo de Deus.

É no deserto que uma pessoa se torna "chamada". Quando João se apresentou primeiro diante de seus críticos e depois de Herodes, cujos atos imorais ele repreendia, tornou-se evidente essa sua condição especial de pessoa "chamada". Vemos isso pela serenidade com que desempenhava seu ministério profético. Havia algo operando em seu interior que lhe dava

uma base de sabedoria e imparcialidade no julgar. E eram poucas as pessoas que resistiam à sua palavra.

Como era estruturado este mundo interior forjado no deserto? Para sermos honestos, os escritores bíblicos não nos fornecem uma resposta muito ampla. Eles apenas nos mostram as evidências de uma vida interior em plena ordem. João é o protótipo da personalidade que estamos procurando, pois se conduz com muita segurança e firmeza em um mundo onde tudo parece caótico e em desordem.

Será que a vida de Saul, João Batista e daquele meu amigo, o "vagabundo que venceu na vida", nos ensina alguma coisa? Parece-me que a mensagem que transmitem é clara. Faça um auto-exame, dizem eles. O que motiva seus atos? Que razões o levam a agir como age? O que espera obter com seus atos? Qual seria sua reação se tudo lhe fosse tirado?

Examinando meu mundo interior, descubro que quase diariamente tenho que enfrentar a luta da escolha entre ser um Saul ou um João Batista. Vivendo num mundo dominado pela competição, onde a realização pessoal é a coisa mais importante, é mais fácil para mim ser um Saul, ser impelido a agarrar-me às coisas, a proteger-me, a dominar. E é possível até que aja assim, embora diga a mim mesmo que estou apenas fazendo a obra de Deus. Mas essa atitude pode gerar um forte stress.

Mas também há dias que poderia ser como João. Tendo ouvido o chamado de Deus, já sei qual é minha missão. É uma missão que talvez exija de mim coragem e disciplina, naturalmente, mas só que agora os resultados são problema daquele que me chamou. Se eu vou crescer ou diminuir, isso é com ele, não comigo. Pois, se resolver conduzir minha vida de acordo com as expectativas dos outros ou com as minhas próprias, ou se fizer minha auto-avaliação de acordo com a opinião dos outros, isso poderá gerar caos em meu mundo interior. Mas, se eu operar sempre com base no chamado divino, posso gozar de plena ordem em minha vida interior.

SEGUNDA PARTE

O Emprego do Tempo

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque já tomei a firme deliberação de encarar o tempo como uma dádiva de Deus, que merece ser aplicado com critério.

6. Alguém Viu meu Tempo por aí? Eu o Perdi!

Eu estava terminando uma palestra para um grupo de pastores, na qual mencionara alguns livros que havia lido recentemente. Ao final, um jovem pastor me perguntou:

— Como você arranjou tempo para ler todos esses livros? Quando comecei meu pastorado, achava que iria ter muito tempo para ler bastante também. Mas faz semanas que não leio nada. Estou com o tempo todo tomado.

Conversamos alguns instantes sobre como é necessário exercitar disciplina para ler, e daí o assunto passou para outros aspectos de sua vida particular. Ele me falou dos sentimentos de culpa que tinha em relação às práticas espirituais; quase não as observava mais. Confessou também que havia muito tempo não passava com a esposa momentos de boa comunhão. Lamentava o fato de que ele próprio achava que seus sermões geralmente estavam abaixo da crítica. E, ao fim de nossa conversa, ele admitiu que o fato de não conseguir nem mesmo ler um livro era apenas um indício de que o problema era mais amplo.

— Para ser sincero, disse ele, sou totalmente desorganizado. Não estou realizando nada que valha a pena.

Não posso ser rigoroso com esse jovem e com a confissão que fez. Houve uma época em que eu também poderia ter dito a mesma coisa. E acredito que, se os outros pastores presentes àquela reunião pudessem manifestar-se com sinceridade, não seríamos os únicos a fazer esse tipo de confissão. O mundo está cheio de pessoas desorganizadas, que perderam totalmente o controle do tempo.

Fazendo um comentário sobre a falta de disciplina do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge, William Barclay escreve o seguinte:

> "Coleridge é o exemplo supremo da tragédia da indisciplina. Não há outra grande inteligência que tenha produzido tão pouco. Quando saiu da Universidade de Cambridge, entrou para o exército; saiu do exército, porque não sabia escovar um cavalo; voltou para Oxford, mas saiu sem receber nenhum título. Fundou um jornal, The Watchman, do qual só soltou dez exemplares, e depois o fechou. Alguém já disse que "ele se perdia nas visões dos trabalhos que tencionava fazer. Coleridge possuía todos os dons poéticos, menos um — o dom de executar um trabalho de forma concentrada e contínua." Na cabeça e na mente, ele tinha diversos tipos de livros, e ele próprio disse certa vez que os tinha "completos, mas não escritos. Estou prestes a mandar para o prelo dois volumes de poemas em oitava-rima". Mas esses livros nunca foram impressos, a não ser na mente do poeta, simplesmente porque não teve a disciplina de

sentar-se e escrevê-los. Sem disciplina, ninguém chega a uma posição de eminência; e se chegar, não a mantém." ([11])

O poeta Coleridge foi a prova viva de que uma pessoa pode possuir inúmeros talentos, uma inteligência brilhante e notáveis dons de comunicação, e mesmo assim terminar malba-ratando tudo por não saber controlar o tempo. Suas frustradas tentativas no universo da literatura encontram similares nas de outros indivíduos cuja esfera de ação é uma casa, a igreja, ou um escritório.

Tenho certeza de que ninguém quer chegar ao fim da vida e, ao olhar para trás, sentir um profundo pesar por ter deixado de realizar coisas que poderia ter realizado, como foi o caso de Coleridge. E para evitar que isso aconteça, precisamos aprender a manejar o tempo que Deus coloca em nossas mãos.

OS SINTOMAS DA DESORGANIZAÇÃO

A primeira coisa que precisamos fazer é proceder a um rigoroso auto-exame da forma como habitualmente empregamos nosso tempo. Somos desorganizados ou não? Vamos examinar aqui algumas características de uma pessoa sem organização. Alguns desses sintomas mencionados podem parecer ridículos e até insignificantes. Mas de um modo geral são partes de um quadro maior onde tudo se encaixa. Eis alguns exemplos desses sintomas.

Uma das evidências de que estamos caminhando para a desorganização é o fato de nossa escrivaninha ficar com aparência de estar entulhada. Podemos dizer o mesmo com relação à cômoda. Aliás quase todas as superfícies horizontais que se acham ao nosso alcance ficam cheias de papéis, recados não atendidos, e serviços por terminar. Até vejo algumas esposas dizendo:

— Olhe aqui, leia isso. Parece que este escritor passou em sua sala um dia desses e viu sua mesa.

Mas o que para uns é a escrivaninha, para outros é a mesa da cozinha, a banca de trabalho, uma oficina no porão, etc. A mesma observação se aplica a todas essas coisas.

Outro sintoma de desorganização também pode ser as condições em que se encontra o carro. Deixamos que fique sujo por dentro e por fora. Esquecemos de fazer a manutenção e revisão regulares, e acabamos descobrindo que está passando da hora de trocar um pneu "careca", ou de pagar o seguro obrigatório.

Ainda outro sintoma de desorganização é o fato de que quando deixamos que ela nos domine, começamos a *sentir um declínio em nossa imagem pessoal*. Aparece uma leve sensação de paranóia, um receio meio encoberto de que os outros venham a descobrir que o serviço que faço não

está bem à altura do que eles pagam, e que eles percebam que não somos nem a metade do que pensam que somos.

Reconhecemos que estamos relaxando quando vemos *uma porção de compromissos que esquecemos de cumprir, telefonemas que esquecemos de dar, e serviços ou tarefas que não completamos dentro da data prevista*. Então começamos a faltar a compromissos e a dar desculpas esfarrapadas. (Mas devo ressaltar aqui que não estou-me referindo a situações em que incidentes alheios à nossa vontade vêm impedir o cumprimento dessas obrigações, mesmo que tenhamos a melhor das intenções. Todos nós, até mesmo as pessoas mais organizadas, estão sujeitas a isso.)

Sabemos que somos desorganizados quando *tendemos a investir nossas energias em tarefas improdutivas*. Nós nos ocupamos de pequenos serviços aborrecidos só para dizer que fizemos alguma coisa. Tornamo-nos propensos a procrastinar, a devanear, para evitar decisões que precisam ser tomadas. E assim a desorganização passa a afetar nossa disposição de trabalhar metodicamente, e de fazer um serviço bem feito.

As pessoas desorganizadas sentem que seu trabalho é de baixa qualidade. O pouco que conseguem realizar não lhes agrada. E têm muita dificuldade em aceitar elogios de outros. Bem lá no fundo, sabem que o serviço realizado é de segunda categoria.

Isso já me aconteceu mais de uma vez, no domingo de manhã, quando volto para casa após o culto sentindo que preguei dessa forma. Às vezes, me pego dando murros no volante, com sensação de frustração por saber que poderia ter pregado melhor, se tivesse empregado melhor o tempo durante a semana, com o estudo e preparação da mensagem.

As pessoas desorganizadas raramente mantêm bom nível de comunhão com Deus. É verdade que elas têm intenção de buscar uma melhor comunhão, mas nunca conseguem estabelecer uma comunhão firme. E não é preciso que se lhes diga que têm de separar um momento para estudar e meditar na Bíblia, para interceder, e para louvar a Deus; já sabem disso muito bem. Simplesmente não o estão praticando. Desculpam-se dizendo que não têm tempo, mas bem lá no fundo sabem que o problema é mais uma questão de desorganização e falta de força de vontade, do que qualquer outra coisa.

Quando estamos levando uma vida desorganizada, *nosso relacionamento com os familiares logo o revela*. Passamos vários dias sem ter uma conversa séria ou mais profunda com os filhos. Temos contato com a esposa, mas nossa conversa é muito superficial, sem abrir o coração, sem palavras de conforto e aprovação. Às vezes tornamo-nos irritadiços, reagindo negativamente às tentativas dela de chamar nossa atenção para tarefas que não realizamos ou para as falhas que cometemos em relação a compromissos com outros.

A verdade é que, quando somos desorganizados nessa questão do controle do tempo, *não gostamos de nós mesmos, nem do serviço que fazemos, nem de outras coisas que fazem parte de nosso mundo*. E isso cria uma mentalidade destrutiva, muito difícil de ser modificada.

Precisamos dar um jeito de eliminar esse horrível hábito da desorganização, senão nosso mundo interior logo entra numa desordem total. Temos que tomar a deliberação de assumir o controle de nosso tempo.

Os psicólogos apresentam muitas razões para explicar esse problema da desorganização, e é bom considerarmos algumas delas. Existe muita coisa boa escrita sobre essa questão do controle e administração do tempo. E a verdade é que por trás das práticas e regras de organização estão alguns princípios fundamentais que devem ser analisados seriamente por qualquer pessoa que esteja querendo pôr em ordem o seu mundo interior. Para aqueles que têm ignorado a importância de reger melhor o emprego de seu tempo, colocar em prática esses princípios representará um verdadeiro desafio.

A PROGRAMAÇÃO DO TEMPO

O princípio básico de qualquer organização de tempo é bem simples: *o emprego do tempo tem que ser planejado*.

A maior parte das pessoas aprende isso com relação ao seu dinheiro. Assim que descobrimos que dificilmente temos dinheiro para comprar tudo que desejamos, achamos que o mais sensato é sentar e pensar bem sobre nossas prioridades financeiras.

No caso do dinheiro, as prioridades são óbvias. Como eu e minha esposa adotamos o plano de mordomia cristã estabelecido por Deus, nossa primeira preocupação é tirar o dízimo e as ofertas. Em seguida vêm as despesas fixas da casa, alimentação, prestação da casa, contas (água, luz, telefone, etc.), livros (tanto eu como minha esposa achamos que os livros são uma despesa obrigatória), e assim por diante, e para elas separamos quantias certas, segundo nossa estimativa.

Só depois de separarmos essas quantias para as necessidades da família é que nos arriscamos a pensar no nosso gosto pessoal, quero dizer, a pensar em coisas que representam mais um desejo nosso do que uma necessidade. Aqui é que entra, por exemplo, jantar fora num restaurante que apreciamos, ou comprar um eletrodoméstico para facilitar nossa vida em casa, ou então um belo casaco para o inverno.

Quem não aprende a fazer distinção entre as despesas fixas do seu orçamento e as que atendem ao gosto pessoal, termina fazendo dívidas, que é a própria desorganização no plano das finanças.

Quando o dinheiro é limitado, somos obrigados a planejar. E quando o tempo é limitado, o mesmo princípio deve ser aplicado. A pessoa desorganizada deve procurar ver as coisas pela perspectiva do planejamento. E isso significa fazer a distinção entre o que é obrigatório e o que é do gosto pessoal — entre o que se deve fazer, e o que se gosta de fazer.

Certa vez fui procurado por um jovem pastor que desejava saber por que sentia que seu trabalho era tão improdutivo, e levantei com ele essas questões. Ficou surpreso quando lhe disse que um de meus problemas era justamente essa questão do tempo.

— Gordon, disse ele, você não dá a impressão de que perde o controle de seu tempo.

— Pois às vezes eu não sei ao certo se estou conseguindo controlar tudo bem, respondi.

Houve uma época em que eu tinha todos esses sintomas de desorganização, mas tomei a firme decisão (e fiz isso mais de uma vez), de que, dentro do possível, não iria viver assim nem mais um minuto.

O SENHOR DO TEMPO

Evidentemente aquele meu jovem amigo estava esperando que eu lhe fornecesse alguns ensinamentos que houvesse empregado para pôr meu mundo interior em ordem, no que dizia respeito ao uso do tempo. E se ele achava que eu possuía uma porção de soluções para facilitar a resolução do problema, deve ter ficado decepcionado. Continuando nossa conversa, disse-lhe que ele teria que estudar bem uma Pessoa que parece nunca ter desperdiçado um minuto de seu tempo.

Lendo a Bíblia, fico muito impressionado com a vida e a obra de Jesus Cristo, que nos fornecem muitas lições práticas sobre organização. O retrato dele que os quatro autores dos evangelhos nos dão é o de uma pessoa sob constantes pressões, acossado tanto por amigos como por inimigos. Cada palavra que dizia era vigiada; cada ato era analisado; cada gesto era comentado. Praticamente, ele não gozava nenhuma privacidade.

Às vezes tento imaginar como Jesus agiria se vivesse hoje em dia. Será que daria interurbanos? Será que preferiria viajar de avião, em vez de ir a pé? Estaria interessado em fazer campanhas por mala direta? Como ele administraria a complexa gama de atividades e relacionamentos que podemos manter hoje devido aos avanços da tecnologia? Como ele se enquadraria nesse mundo onde qualquer palavra que se diga pode percorrer o planeta todo em questão de segundos e se tornar manchete de jornais no dia seguinte?

Embora o mundo em que ele viveu fosse bem menor que o nosso, parece que ele conviveu com as mesmas intromissões e exigências que

conhecemos hoje. Mas estudando sua vida, ficamos com a impressão de que ele nunca teve que se apressar, nunca teve que ficar esperto para não errar, nunca foi pego de surpresa em situação nenhuma. Não apenas se mostrou hábil no manejo do tempo que passava em público, sem o auxílio de uma secretária para anotar compromissos, como também conseguiu separar bons momentos para ficar a sós em oração e meditação, e para estar na companhia daqueles que reuniu ao seu redor como discípulos. E isso só foi possível porque tinha perfeito controle de seu tempo.

Vale a pena passar algum tempo estudando a Bíblia para ver como ele tinha controle de seu tempo. O que fez com que fosse uma pessoa tão organizada?

A primeira coisa que me chamou a atenção é que *ele sabia claramente qual era sua missão*. Ele tinha uma tarefa básica para realizar, e aplicava o tempo em função dos interesses dela.

Isso está muito claro na última viagem que fez para Jerusalém, onde seria crucificado. Quando ele se aproximava de Jericó, escreve Lucas (capítulo 18), ouviu a voz estridente de um cego, e parou, para consternação de seus amigos e inimigos. Eles se irritaram com o fato de Jesus não levar em conta que ainda estavam umas seis ou sete horas distantes de Jerusalém, e que eles gostariam de chegar lá em tempo para realizar o objetivo deles, a celebração da Páscoa.

E naturalmente eles tinham certa razão — se é que o objetivo de Jesus fosse apenas chegar à cidade a tempo para a celebração de uma festa religiosa. Mas, como percebemos logo, a principal missão dele não era essa. Para ele, era mais importante cuidar de pessoas que sofriam, como aquele cego; tão importante que ele investia nisso seu tempo.

Pouco depois desse primeiro encontro, Jesus fez outra parada. Dessa vez ele se deteve embaixo de uma árvore para chamar Zaqueu, um conhecido cobrador de impostos. A idéia do Senhor era reunir-se com ele em sua casa, para terem uma conversa. E mais uma vez a multidão que o acompanhava se alterou, primeiro porque novamente ele interrompia a viagem para Jerusalém, e, segundo, por causa da reputação de Zaqueu.

Do ponto de vista deles, Jesus estava desperdiçando seu tempo. Pela perspectiva de Cristo, porém, ele estava empregando muito bem o seu tempo, pois aquele ato *estava em plena consonância com sua missão*.

Lucas registra as palavras com que Jesus define sua posição aí: "Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o perdido." (Lc 19.10) Os discípulos tiveram muita dificuldade para entender isso, e Jesus teve que explicar-lhes diversas vezes os pontos específicos de sua missão. Enquanto eles não compreenderam o significado dessa missão, não conseguiram entender que critério usava para deliberar sobre suas ações e sobre a aplicação de seu tempo.

Um segundo fato que vemos na vida de Jesus com relação ao modo como empregava o tempo era que *ele tinha consciência de suas limitações*.

Ao descer à terra como o Filho de Deus encarnado, ele deixou de lado algumas de suas prerrogativas como Príncipe dos céus, e aceitou viver dentro das limitações humanas, durante aquele período de tempo, para que pudesse se identificar totalmente conosco. Ele sofria as mesmas limitações que nós, mas soube encará-las e superá-las — como nós devemos fazer.

Por outro lado, não podemos deixar de levar em conta o fato de que Jesus sempre tinha tempo para estar a sós com o Pai, antes das decisões e atos mais importantes de seu ministério.

Temos que considerar também os trinta anos que ele praticamente passou em silêncio, antes de iniciar seu ministério público. Somente quando pudermos conversar com ele na eternidade é que entenderemos plenamente a importância dessas três décadas. Mas podemos deduzir que foi um proveitoso período de preparação. E é interessante notar que ele passou trinta anos de relativa obscuridade e privacidade a fim de preparar-se para três anos de atividade muito importante.

Assim não devemos nos surpreender ao saber que Moisés passou quarenta anos no deserto antes de ter seu confronto com o Faraó. Paulo também passou um longo período no deserto ouvindo a Deus, para depois assumir sua posição de apóstolo. E esse tipo de experiência não é muito incomum.

Pouco antes de iniciar seu ministério público, Jesus esteve quarenta dias no deserto em comunhão com o Pai. E não podemos nos esquecer também de que ele passou uma noite em oração antes de selecionar os doze apóstolos. Numa outra ocasião, após um dia muito agitado em Cafarnaum, ele subiu a montanha de madrugada para orar. E há também sua experiência no monte da transfiguração, onde se preparou para a última jornada até Jerusalém. E por último houve ainda a oração do Getsêmani.

Jesus conhecia bem as suas limitações. Embora isso possa parecer estranho, ele tinha consciência de um fato que nós, às vezes, esquecemos por conveniência: *temos que distribuir corretamente nosso tempo com a finalidade de acumularmos força interior e capacidade de decisão, para compensar nossas fraquezas em meio às batalhas espirituais*. Jesus reservava esses momentos para estar a sós porque sabia de suas limitações. E as pessoas tinham muita dificuldade em entender isso, até mesmo as que lhe eram mais íntimas.

Mas o Senhor tinha ainda um terceiro elemento muito importante na distribuição de seu tempo: *separava momentos para instruir os doze*. Apesar de ter milhões de pessoas para atender, Jesus passou a maior parte de seu tempo na companhia daqueles poucos homens simples.

E dedicou suas melhores horas a explicar-lhes as Escrituras e a revelar-lhes suas verdades celestiais. Mas houve também momentos-chave, em que seu ministério foi dirigido a um ou outro discípulo, a quem permitia observar seus atos e ouvir cada palavra que dizia. E houve ocasiões

especiais em que procurou mostrar-lhes o sentido mais profundo dos ensinamentos que dispensava às multidões. Houve momentos preciosos, quando eles regressaram de suas missões, em que ele lhes deu instruções específicas, e os repreendeu quando erraram, ou os aprovou, quando acertaram.

Talvez já tenhamos sido tentados, mais de uma vez, a indagar por que Jesus passou tanto tempo valioso com aqueles homens de mente simples, quando poderia ter falado a intelectuais, que poderiam ter apreciado mais seu grande conhecimento teológico. Mas o fato é que ele sabia o que era verdadeiramente importante, quais eram suas prioridades. E devemos aplicar o tempo ao que tem prioridade.

Por essas razões, Jesus nunca se viu em aperturas por causa de tempo. Como tinha perfeita consciência de sua missão, como estava sempre espiritualmente alerta em decorrência dos momentos de comunhão com o Pai, e como sabia bem quem eram as pessoas que iriam continuar sua missão depois que subisse aos céus, nunca tinha dificuldade em recusar, com firmeza, convites ou solicitações que a nós talvez parecessem perfeitamente aceitáveis e corretos.

Houve uma época em minha vida em que o estudo que fazia da vida de Jesus levou-me a desejar profundamente essa capacidade. Queria saber tomar decisões corretas sobre a aplicação do meu tempo, e acabar com aquela correria frenética do dia-a-dia, em que se está sempre tentando alcançar as horas. Será que conseguiria? Do jeito que ia, não.

O jovem pastor que veio falar comigo, após a palestra, ficou muito interessado. Sugeri-lhe que voltássemos a conversar algum outro dia. Talvez eu pudesse passar-lhe algumas medidas práticas que aprendera. Mas teria que ser muito sincero com ele. A maior parte delas eu aprendera "apanhando".

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque já comecei a reparar os problemas de desperdício de tempo e a aplicar minhas horas mais produtivas de acordo com minhas habilidades, minhas limitações e prioridades.

7. Recuperando o Tempo Perdido

Eu iria retomar a conversa com aquele jovem pastor alguns dias depois. Nesse meio tempo, pus-me a reunir algumas idéias sobre o que eu tinha aprendido nos últimos anos com relação ao assunto, e que haviam-me ajudado a acertar melhor a vida. Quais tinham sido as lições que eu aprendera com meus próprios erros, ou em consulta a outras pessoas, assim como fazia agora aquele jovem, que viria conversar comigo?

E quanto mais analisava as coisas que aprendera, mais me convencia de que é muito importante aprender a controlar o tempo o mais cedo possível. Coloquei essas idéias no papel e percebi que na verdade tratava-se de alguns princípios básicos. Mas enquanto não aprendêssemos a dominá-los bem, o problema do descontrole do tempo seria sempre muito sério, e potencialmente frustrante. Então, quando me preparava para a entrevista seguinte, dei a esses princípios que descobri o nome de "Leis de MacDonald Sobre o Descontrole do Tempo".

LEIS DE MACDONALD SOBRE O DESCONTROLE DO TEMPO

1ª Lei — Quando não controlo o tempo, tenho a tendência de aplicá-lo em áreas nas quais sou mais deficiente.

Como eu não havia definido claramente os contornos de minha missão no início do meu ministério, e como não tinha sido bastante rigoroso com minhas deficiências, percebi que, de um modo geral, empregava muito tempo nas coisas em que não era eficiente, ao passo que ia deixando para depois aquelas que sabia fazer bem.

Conheço muitos homens que ocupam cargos de liderança nos meios evangélicos e que confessam abertamente que aplicam cerca de 80% do tempo em atividades que não exercem bem, que não são sua especialidade. No meu caso, por exemplo, meu dom é pregar e ensinar. Embora eu saiba atuar razoavelmente como administrador, essa na verdade não é a melhor flecha de minha aljava pastoral.

Então, por que é que, quando mais jovem, eu empregava cerca de três quartos do meu tempo em atividades administrativas e reservava pouco tempo para estudar e para preparar sermões? Porque quando não temos controle do tempo temos a tendência de aplicá-lo em nossas deficiências. Como eu sabia que tinha facilidade para pregar e mesmo com pouca preparação podia entregar um bom sermão, não estava dando tudo que podia no púlpito. É isso que acontece quando não fazemos uma análise bem feita dessa questão, tomando uma atitude drástica com relação a ela.

Pois afinal resolvi tomar uma atitude drástica. Para isso recebi ajuda de alguns irmãos, leigos, pessoas sinceras, que se interessaram pelo caso e

me ensinaram a ver o que estava acontecendo, e me mostraram como estava desperdiçando minhas potencialidades. Com o auxílio delas, tomei a decisão de delegar a parte administrativa do ministério da igreja a um pastor competente, com dons de administração. A princípio não foi fácil, pois estava sempre querendo influenciar em todas as decisões, dar palpites em todos os assuntos. Então tive que me retirar e deixar tudo nas mãos dele. Mas deu certo! E assim que consegui confiar inteiramente em nosso pastor administrador (o que não foi muito difícil), pude redirecionar a maior parte de minhas energias para atividades que, Deus permitindo, posso realizar com mais eficiência.

Mas parece que já estou ouvindo alguém dizer: "Isso é ótimo, quando se tem dinheiro para contratar alguém que cuide daquilo em que somos deficientes." E talvez, em alguns casos, o único benefício que esse tipo de comentário nos trará é mostrar-nos por que nos sentimos frustrados com o desperdício de tempo. Mas devo dizer também que é muito possível — mais do que pensamos — encontrar formas positivas de delegar tarefas a outros. A primeira coisa a fazer é sentar e analisar os fatos: quem faz melhor esse ou aquele trabalho? Isso pode ser aplicado à administração de uma casa, de uma igreja, de um escritório, etc.

2ª Lei — Quando não controlo o tempo, posso deixar que as pessoas mais dominadoras do meu círculo de amizades assumam o controle dele.

Existe um conhecido chavão evangélico que diz o seguinte: "Deus o ama e tem um plano para sua vida." Aqueles que não estão controlando seu tempo sabem que se poderia dizer o mesmo de alguns indivíduos dominadores.

Quem sucumbe diante dessa minha segunda lei é porque não tem um planejamento para seu tempo, e assim deixa que outros entrem em sua vida e "empurrem" programas e prioridades nele. Quando eu era jovem, e iniciava meu ministério, percebi que, como não tinha um planejamento bem organizado, achava-me à mercê de qualquer pessoa que tivesse a idéia de fazer uma visita, ou me levar para tomar um cafezinho, ou que quisesse que eu fosse a uma reunião de comissão. E como eu poderia recusar se minha programação era toda desorganizada? Além disso, sendo jovem, queria agradar a todo mundo.

Desse modo, por falta de organização, não apenas eu ficava sem a melhor parte de meu tempo, mas também minha família era privada de minha companhia e de momentos preciosos que deveria dedicar a ela. E isso aconteceu durante algum tempo. As pessoas de temperamento forte tinham mais controle de meu tempo do que eu mesmo, pois eu não tomava a iniciativa de aplicá-lo antes que elas aparecessem.

3ª Lei — Quando não controlo o tempo, perco-o para todas as emergências.

Em um pequeno livrete, um clássico do assunto, Charles Hummel diz isso de uma forma ainda melhor: somos governados pela tirania da urgência. Aqueles que têm responsabilidades de liderança, seja no lar, na profissão ou na igreja, estão sempre sendo abordados por eventos que exigem atenção imediata.

Não faz muito tempo, eu e o nosso co-pastor estávamos viajando de férias, e um membro da igreja telefonou e foi atendido pelo pastor responsável pelo setor de educação religiosa. Queria que eu fosse celebrar um culto fúnebre para um parente dele. Quando o pastor respondeu que eu estaria fora o mês todo, perguntou pelo co-pastor. Sabendo que ele também estava ausente, ficou muito frustrado. O pastor que o atendia ofereceu os préstimos de algum outro obreiro de nosso ministério, mas ele recusou dizendo:

— Não quero ninguém abaixo do segundo.

Este tipo de mentalidade é que cria situações de pressão sobre os líderes. Todo mundo quer as atenções do "mais importante". Todas as comissões e juntas querem que o pastor titular assista às suas reuniões, mesmo que não dêem atenção às opiniões dele. A maioria das pessoas que estão passando por algum problema quer atenção imediata por parte do pastor principal.

Certa vez, num sábado à tarde, nosso telefone tocou, e, quando atendi, ouvi uma voz de mulher do outro lado da Unha, parecendo bastante nervosa.

— Preciso vê-lo imediatamente, disse.

Assim que se identificou, reconheci que era uma pessoa que ocasionalmente visitava nossa igreja, mas eu mesmo nunca falara com ela.

— Por que razão quer conversar comigo agora?, indaguei.

Essa pergunta era muito importante; uma das que aprendera a fazer depois de haver cometido muitos erros. Se isso tivesse acontecido alguns anos antes, quando eu era jovem, teria cedido logo às suas pressões, e combinado para encontrar-me com ela dali a dez minutos em meu gabinete, mesmo que tivesse planejado passar aquelas horas com a família ou estivesse estudando.

— Meu casamento está prestes a desfazer-se.

— E quando foi que a senhora notou que isso estava para acontecer?, perguntei em seguida.

— Terça-feira passada, explicou. Fiz outra pergunta:

— Há quanto tempo esse processo de rompimento vem-se dando?

E a resposta que ela deu foi simplesmente incrível.

— Ah, isso já vem se dando há uns cinco anos.

Consegui disfarçar, e não respondi o que pensei no momento.

— Mas se isso já vem se dando há cinco anos, e desde terça-feira você sabia que isso ia acontecer, por que é tão urgente que converse comigo agora, neste momento? Preciso saber.

— Ah, é que tenho a tarde livre hoje, e achei que seria uma boa ocasião para conversarmos.

Se eu estivesse vivendo à base da terceira lei, teria cedido ao pedido dela para falar comigo imediatamente. Mas àquela altura da vida já estava com meu tempo todo bem distribuído, e então respondi o seguinte:

— Percebo que você está realmente com um problema muito sério, mas vou ser muito franco. Tenho que pregar três vezes amanhã, e estou com a mente toda concentrada nisso. E como disse que já está vivendo esse problema há vários anos, e como já teve muitos dias para pensar em sua situação, sugiro-lhe que ligue para mim na segunda-feira; aí iremos combinar uma hora em que minha cabeça esteja em condições melhores. Mas hoje não vai mesmo ser possível. O que acha?

Ela achou que era uma ótima idéia, e entendeu as razões de eu sugerir essa solução. Quando desligamos, ambos estávamos satisfeitos. Ela, porque sabia que mais cedo ou mais tarde, iria poder ter a entrevista comigo; e eu, porque tinha conseguido ficar com aquela tarde de sábado para me ocupar de questões mais importantes, para mim, nesse dia. Assim, aquela questão aparentemente importante não tivera poder para transtornar meu planejamento de tempo. Nem tudo que "grita mais alto" na verdade é a coisa mais importante.

Em sua autobiografia, *While It Is Yet Day* (Enquanto ainda é dia), Elton Trueblood diz o seguinte:

> "Um homem de vida pública, embora obrigatoriamente tenha que ser acessível aos outros, tem que aprender a esconder-se. Se estiver sempre à disposição dos outros, não lhes será tão útil, quando precisarem de recorrer a ele. Certa vez escrevi um capítulo de um livro na estação de trens da Cincinnati Union, mas isso acabou sendo uma forma de me esconder, pois ninguém sabia quem era aquele homem que ali estava com um bloco de anotações. Desse modo, ninguém me incomodou, e pude ficar lá cinco horas, até a partida do trem seguinte para Richmond. *Temos que empregar bem o tempo de que dispomos, já que, na melhor das hipóteses, nunca temos o suficiente.*" ([12]) (Grifo meu.)

4ª Lei — Quando não controlo o tempo, acabo aplicando-o em atividades que buscam o reconhecimento público.

Em outras palavras, quando não temos um planejamento do tempo, temos a tendência de empregá-lo em eventos que nos tragam os elogios e reconhecimento mais imediatos.

Pouco depois que eu e minha esposa nos casamos, descobrimos que, se nos dispuséssemos a cantar duetos ou solos em reuniões, receberíamos muitos convites para banquetes e outros tipos de reunião. Era muito agradável receber o aplauso das pessoas, conquistar popularidade, mas o fato é que a música não era nossa tarefa prioritária. Nossa tarefa era pregar e pastorear. Mas, infelizmente, pregadores jovens não recebiam muitos convites e fomos tentados a fazer exatamente o que as pessoas queriam que fizéssemos.

Então, chegamos a um ponto em que tivemos de fazer uma decisão. Iríamos dedicar nosso tempo àquilo que as pessoas queriam que fizéssemos? Ou iríamos ficar firmes e dedicar todo o nosso empenho naquilo que era mais importante: aprender a pregar e a dar aconselhamento? Felizmente, conseguimos superar as seduções daquela primeira alternativa e optar pela segunda. E valeu a pena.

E durante toda a nossa vida, temos tido que fazer decisões desse tipo. E algumas vezes tenho feito a opção errada. Antigamente achava que aceitar um convite para ir pregar em um banquete do outro lado do país era prova de sucesso. Mas, na verdade, era quase um desperdício de tempo. Alguém já disse que "Para pregar um sermão, somos capazes de atravessar o país; mas para ouvir um, não queremos nem atravessar a rua." E isso está muito perto de ser verdade; tão perto que chega a nos incomodar. Há algum tempo atrás, parecia-me maravilhoso estar à mesa do café da manhã de algum político, ou ser entrevistado em algum programa evangélico de rádio, mas às vezes essas coisas não eram atividades de prioridade máxima para o emprego do meu tempo.

E assim essas leis sobre o tempo mal administrado estão sempre atormentando os desorganizados, até que resolvam tomar a iniciativa do uso dele, antes que outras pessoas e atividades façam isso por eles.

COMO RECUPERAMOS O CONTROLE DO TEMPO

Estudando os assuntos que iria conversar com aquele jovem pastor em nossa entrevista, pus-me a relembrar minha própria experiência, procurando identificar os princípios que aplicara para colocar em ordem a minha vida interior. E depois de pensar muito sobre o processo por que passara, consegui levantar três dados que me possibilitaram recuperar o controle do tempo.

Preciso aprender a identificar meu ritmo de eficiência.

Examinando com atenção meus hábitos de trabalho, descobri um fato muito importante. Certas tarefas eu realizo melhor sob certas condições, e em certas horas. Na preparação dos sermões do domingo, por exemplo, não tenho muita eficiência nos primeiros dias da semana. Se trabalhar duas horas na segunda-feira, não consigo quase nada; ao passo que trabalhando uma hora na quinta ou sexta-feira tenho bom rendimento. É que nesses dias consigo concentrar-me melhor. Por outro lado, nos primeiros dias da semana, quando ainda não estou preocupado com a pregação de domingo, acho-me com mais disposição para atender às pessoas. Mas à medida que vai chegando o fim de semana e começo a pensar mais no sermão do domingo, minha eficiência no trato com as pessoas tende a diminuir.

Vamos detalhar um pouco mais essa observação. Meus momentos de estudo particular devem ser marcados na parte da manhã, quando disponho de longos períodos de isolamento ininterrupto. E as entrevistas com pessoas devem ser marcadas para a tarde, pois então me sinto mais disposto à reflexão e com maior acuidade mental.

Depois que descobri meu ritmo de trabalho passei a reservar as horas dos últimos dias da semana para estudo, e a marcar reuniões com comissões ou indivíduos, sempre que possível, para o início da semana. Desse modo, o planejamento acompanha meu ritmo próprio.

Já descobri também que sou uma pessoa diurna, isto é, que gosta de acordar cedo; e já me levanto alerta e bem disposto, caso tenha ido dormir até uma certa hora, na noite anterior. Então, é bom para mim ir dormir sempre mais ou menos no mesmo horário. Quando nossos filhos eram pequenos, exigíamos isso deles, e não sei por que, nunca me ocorreu que seria aconselhável também nós, os adultos, mantermos um horário regular. Assim que compreendi isso, procurei deitar-me à mesma hora, todas as noites.

Certa vez li um artigo sobre sono, escrito por um especialista do assunto, e resolvi tentar descobrir de quantas horas de sono eu realmente precisava. O autor do artigo afirmava que podemos ficar sabendo de quantas horas de sono precisamos, usando o procedimento seguinte. Primeiro, acertamos o despertador para nos acordar numa mesma hora três dias seguidos. Depois, acertamos o relógio para dez minutos mais cedo, nos três dias seguintes. Após três dias, atrasamos o alarme mais dez minutos, por mais três dias, e assim por diante até chegarmos a um ponto de fadiga, isto é, ao ponto em que nos sintamos sonolentos durante o dia, sem ter dormido o suficiente. Esse é o nosso limite. Experimentei fazer isso, e vi que podia acordar muito mais cedo do que acordava. Adotei esse novo horário e assim acrescentei quase duas horas a mais ao meu dia — duas horas preciosíssimas.

Mas nós temos o ritmo semanal, o ritmo diário e o ritmo anual. Descobri que havia períodos do ano em que me sentia a ponto de sofrer fadiga emocional, e nessas ocasiões parecia que um lado meu queria fugir

de todo mundo, escapar das responsabilidades. Tive que reconhecer o problema e encará-lo de frente para solucioná-lo.

Por outro lado, percebi que havia ocasiões em que eu, sendo um líder evangélico, tinha que me mostrar mais forte, pois as pessoas com quem convivia estavam passando por períodos de fadiga e tensões. Isso acontece nos meses de fevereiro e março, quando nós, que moramos na Nova Inglaterra, temos a tendência para nos mostrar mais irritadiços e intolerantes, após um inverno longo e rigoroso. Já aprendi que tenho de me preparar para dispensar mais atenção e ânimo para os outros nessa época. E quando chega a primavera, e todos se sentem revitalizados, aí posso entregar-me a um período de relaxamento. Mas foi muito bom para mim saber de antemão que essas coisas iriam acontecer, pois pude preparar-me para enfrentar o fato.

Já descobri também que nos meses de verão, posso dedicar-me a ler outros livros e a preparar-me espiritualmente para o ano seguinte. Mas de janeiro a março, pelos motivos que já expus, tenho que me dispor a dar assistência a outros, grande parte do tempo, pois a procura de aconselhamento aumenta bastante. Todos os meus livros foram escritos no verão; não poderia de modo algum ter-me dedicado a eles no inverno.

Conhecendo esse meu ritmo pessoal, não me assusto quando percebo que, após um período de intenso trabalho, de muitas pregações e muitas aulas, sinto-me interiormente vazio. Não posso ficar muito tempo abusando da minha resistência emocional, sem de vez em quando descer um pouco para um ritmo mais calmo, a fim de recuperar as forças perdidas. Sendo assim, já sei que não é aconselhável tomar decisões importantes numa segunda-feira, depois de ter passado um domingo cansativo, pregando vários sermões. E quando tenho que trabalhar muito em períodos como o Natal ou Páscoa, é bom planejar um curto período de relaxamento, assim que terminar aquele trabalho.

Eu próprio só aprendi a dar atenção a essas diferenças no meu ritmo pessoal de uns tempos para cá. Lembro-me de certa ocasião, antes disso, em que tive a impressão de que tudo estava se desmoronando. Havia celebrado dois cultos fúnebres, numa mesma semana; trabalhara dez dias seguidos, quase sem descansar. Nesse mesmo período, li um livro que me deixou muito perturbado, e, além disso, não estava observando minhas práticas espirituais. Não estava dedicando à minha família os momentos que deveria dar-lhe, e naquele momento realizava certo trabalho que me deixava bastante frustrado. Então não deveria ter-me surpreendido quando, num sábado à tarde, após passar por uma crise relativamente pequena, de repente, comecei a chorar. Simplesmente não conseguia conter as lágrimas, e chorei quase três horas seguidas.

Embora estivesse cônscio de que não estava passando por um colapso nervoso no sentido literal da expressão, o fato é que, com essa experiência dolorosa, aprendi que é muito importante prestar atenção às nossas tensões e sintomas de stress, e aprender como e quando atuamos melhor na execução de certas tarefas. Eu não queria que aquilo viesse a

repetir-se, e nunca mais se repetiu. Fiquei por demais apavorado com aquela experiência, de modo que não mais descuidei disso, deixando-me desgastar emocionalmente a esse ponto. Tinha que planejar melhor a distribuição de meu tempo.

Agora entendo perfeitamente uma carta que a esposa de William Booth, o fundador do Exército de Salvação, escreveu ao marido, quando ele se encontrava fora, numa longa viagem. Entre outras coisas ela diz o seguinte:

> "Seus bilhetes de terça-feira chegaram, e fiquei muito alegre de saber que o trabalho está sendo abençoado, mas triste de entender que você está cansado. Temo pelos efeitos que toda essa comoção e atividade possam ter sobre sua saúde, e, embora não queira atrapalhar seu serviço, aconselharia a não gastar insensatamente suas forças.
>
> "Lembre-se de que um santo trabalho, uma atuação duradoura e coerente, durante um longo período de tempo, redundará no dobro de frutos que poderá produzir uma vida abreviada e destruída devido a um labor excessivo e intermitente. Seja cuidadoso, e não desperdice suas forças em situações e momentos quando isso não é necessário." ([13])

Preciso ter um bom critério para decidir como aplicar meu tempo.

Alguns anos atrás, meu pai, com muita sabedoria, me disse que um dos maiores testes a que é submetido o caráter humano consiste na escolha e rejeição das oportunidades que se nos apresentam na vida. "E o mais difícil", disse ele, "não é saber escolher entre as que são boas e as que são ruins, mas, sim, agarrar, dentre as que são boas, aquela que é a melhor."

E ele tinha razão. Tive realmente que aprender — e às vezes aprendi "apanhando" — a dizer "não" a coisas que eu desejava muito fazer, a fim de poder dizer "sim" a outras melhores.

A aplicação dessa orientação, para mim, vez por outra, obrigou-me a dizer "não" a jantares ou a eventos esportivos num sábado à noite, para estar física e mentalmente bem disposto no domingo pela manhã. Implicou em dizer "não" a certos convites para pregar ou fazer palestras em alguns lugares, quando na verdade gostaria de ter dito "sim".

Há momentos em que essa decisão é bastante difícil, simplesmente porque desejo a aprovação dos outros. Quando aprendemos a dizer "não" a coisas válidas, corremos o risco de fazer inimizades e atrair a crítica dos outros. E ninguém gosta disso. Então me é muito penoso dizer "não".

Já percebi que muitas das pessoas que exercem cargos de liderança lutam com esse mesmo problema. Mas se quisermos realmente ser donos

de nosso tempo teremos que ser fortes e apresentar uma negativa firme, mas cortês, a atividades que talvez sejam boas, mas não a melhor.

Para isso, mais uma vez, temos que estar cônscios de nossa missão, como era o caso do Senhor. Qual é nossa chamada? Qual a atividade que exercemos melhor, com o tempo que dispomos? Quais são os elementos necessários, sem os quais não podemos operar? Tudo o que não se enquadra aí deve ser considerado como negociável: é da nossa vontade, mas não é essencial.

Aprecio muito um conselho dado por C. S. Lewis em *Letters to an American Lady* (Cartas a uma senhora americana), onde ele aborda essa questão da escolha das atividades. Diz ele:

> "Não se convença muito depressa de que Deus quer que você faça uma porção de coisas que, na verdade, não precisa fazer. Cada um de nós deve cumprir seu dever "na vocação em que foi chamado". Lembre-se de que a idéia de que se deve fazer determinada coisa apenas porque precisa ser feita é uma característica feminina e americana, e dos tempos modernos. Portanto, você pode estar sendo impedida de enxergar os fatos com clareza por causa desses três véus. Assim como podemos ser intemperantes na bebida, podemos sê-lo também no trabalho. Um excesso de atividades, que se julga ser zelo, na verdade pode ser apenas uma agitação nervosa, ou uma forma de alimentar nossa importância pessoal... Quando executamos serviços que não são exigidos pela nossa "vocação" e pelas responsabilidades a elas inerentes, corremos o risco de não estar aptos para fazer os deveres que ela exige de nós, e assim agir erradamente. É bom darmos uma chance para "Maria", assim como as damos a "Marta"." ([14])

Para controlar e comandar eu mesmo o emprego de meu tempo, tenho que planejar com antecedência.

Este é o último princípio e o mais importante. É aí que ganhamos ou perdemos todas as batalhas.

Eu aprendi, e aprendi pela experiência, que tenho de colocar minhas principais atividades na agenda com dois meses de antecedência. Dois meses!

Se, por exemplo, estamos no mês de agosto, tenho que começar a pensar nas atividades do mês de outubro. E quais as primeiras coisas que vão para a agenda? Os aspectos imprescindíveis ao equilíbrio do meu mundo interior: a disciplina espiritual, a disciplina mental, o descanso semanal e, naturalmente, os compromissos com a família e com os amigos especiais. Em seguida entra na agenda uma segunda faixa de prioridades: a programação da principal tarefa que exerço — estudo para os sermões, matérias a escrever, desenvolvimento da liderança e discipulado.

Sempre que possível, essas coisas são programadas com várias semanas de antecedência, pois, à medida que se aproxima a data para a realização dessas tarefas, sempre aparecem pessoas querendo minha atenção nas horas de disponibilidade. Algumas delas têm reivindicações justas, e o ideal é que tenha tempo para elas.

Mas outras terão solicitações inoportunas. Talvez queiram uma noite que reservei para minha família; ou um horário da manhã que está designado para estudo pessoal. O fato é que nosso mundo interior opera muito melhor quando nossas atividades *giram em torno* dessas prioridades, encaixando-se corretamente nos horários para elas determinados, do que quando não observamos essa disciplina.

Certo dia ocorreu-me que as atividades mais importantes tinham um ponto em comum: quando negligenciadas elas nunca "reclamavam" imediatamente. Às vezes eu negligenciava minhas práticas espirituais, por exemplo, e Deus parecia não reagir. E durante algum tempo tudo ia bem. Quando eu não dedicava tempo à família, Gail e os filhos pareciam compreensivos e perdoavam — às vezes até mais que alguns membros da igreja, que exigiam atenção e respostas imediatas. E quando descuidava do estudo, também podia passar algum tempo sem ele. Podia ignorar essas coisas por algum tempo sem sofrer maiores conseqüências. E era por isso que, quando não as planejava com antecedência, elas eram desalojadas por outras atividades de menor importância, que iam como que se intrometendo e abrindo espaço até afastá-las por várias semanas. Mas, se eu as negligenciar por muito tempo, quando afinal perceber que a família, o descanso e as práticas espirituais foram abandonadas, infelizmente já será tarde demais para evitar as conseqüências.

Quando meu filho Mark estava na escola, participava de competições esportivas. Kristen, nossa filha adolescente, também participava do teatro e atividades musicais. Se eu não tivesse marcado em minha agenda, com semanas de antecedência, as apresentações deles, provavelmente não teria ido a esses eventos. Então, minha secretária tinha essas datas anotadas na agenda que ficava no gabinete de trabalho, e estava orientada para não marcar nenhum compromisso que entrasse em conflito com essas ocasiões.

Assim, quando alguém me solicitava uma entrevista para uma tarde em que havia jogo da escola, eu pegava minha agenda, ficava a coçar o queixo pensativamente e dizia:

"Sinto muito, mas nesse dia não poderei atendê-lo; já tenho um outro compromisso. Que tal um outro dia?"

Quase nunca as pessoas criavam problemas. O segredo disso é planejar e programar a distribuição do tempo com semanas de antecedência.

Quais são as atividades de que você não pode abrir mão? Tenho percebido que muitas das pessoas que são desorganizadas nem sabem

responder a essa pergunta. E por causa disso, não colocam na agenda as atividades mais importantes, que iriam influenciar decisivamente na sua eficiência pessoal; e só se lembram delas quando já é muito tarde. E o resultado disso? Desorganização e frustração. As atividades não essenciais enchem a agenda antes que as essenciais cheguem a ela. E, a longo prazo, isso traz conseqüências penosas.

Um dia desses um homem veio falar comigo e perguntou-me se poderia tomar o café da manhã com ele para conversarmos, num determinado dia.

— A que horas?, indaguei.

— Você é dessas pessoas que levantam cedo, falou ele. Por que não às seis horas?

Consultei minha agenda e depois respondi:

— Não dá; desculpe, mas já tenho um compromisso para essa hora. Que tal às sete?

Ele concordou em nos encontrarmos às sete, mas ficou muito espantado de saber que em minha agenda há anotações para um horário já tão cedo.

Eu tinha realmente um compromisso para as seis da manhã. Aliás, ele iniciava antes de seis. Era um compromisso com Deus. Era a primeira pessoa de minha agenda, naquele dia; e é onde ele está todos os dias. E esse não é um tipo de compromisso a que se possa faltar, quando se quer controlar o tempo, e mantê-lo sob controle. É o passo inicial de um dia bem organizado, de uma vida bem organizada, de um mundo interior em ordem.

TERCEIRA PARTE

Sabedoria e Conhecimento

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque tomei a firme deliberação de crescer em conhecimento e sabedoria a cada dia.

8. O Melhor Perdeu a Corrida

As únicas medalhas de ouro que ganhei foram conquistadas em competições de atletismo. Embora eu não tivesse sido um bom atleta — e poderia ter sido se tivesse exigido um pouco mais de mim mesmo — naqueles anos em que treinei e competi, tanto na época do cursinho como na faculdade, tive muitas oportunidades de viver ricas experiências, em termos do cultivo de autodisciplina e caráter.

A melhor lição que aprendi, nessas experiências da juventude, foi num fato sucedido na corrida de revezamento da Pennsylvania, realizado em Filadélfia, na primavera. Eu era o primeiro da nossa equipe, no revezamento da milha. Minha tarefa era ganhar a dianteira no quarto de milha designado para mim, e passar essa vantagem para o segundo corredor da equipe. Se eu não terminasse minha corrida em primeiro lugar, ao passar o bastão para o corredor seguinte provavelmente estaríamos cercados por um bolo de atletas. Nesse caso, havia sempre o risco de se perder um pouco de tempo, pois normalmente há muitos empurrões e movimentação entre eles. Isso implicaria na perda de preciosas frações de segundos, e se a última volta terminasse um pouco apertada, esse tempo seria muito valioso.

No sorteio das raias, nossa equipe ficara com a número 2, e fiquei curioso para saber quem ficaria na raia 1. Descobri que ali estaria um velocista da "Escola Poly", que tinha fama de ser muito ligeiro nos cem metros rasos. Já havíamos competido antes em corridas de curta distância, e eu perdera para ele por larga margem. Será que ele conseguiria vencer agora também, quando a distância era maior, com 350 metros a mais?

Logo senti que ele achava que sim, pois deixou isso bem claro quando apertamos as mãos na hora da partida. Ele me olhou direto nos olhos e falou:

— MacDonald, que vença o melhor. Estarei esperando você na linha de chegada.

Alguém talvez chame isso de guerra psicológica do esporte. E quase deu certo; tive que fazer um certo esforço emocional para recobrar o equilíbrio.

Foi dado o sinal de largada, e o corredor da "Poly" disparou. Ainda me lembro de que sentia bater em minha canela os grãos de areia que ele levantava ao correr, quando já virava a primeira curva. Enquanto isso, os outros corredores procuravam alcançar a todo custo a melhor posição de dois a oito.

Mal tinha corrido cinqüenta metros e eu me preparava mentalmente para chegar em segundo lugar, se é que poderia chegar pelo menos em segundo. E era o que teria acontecido se a corrida fosse mais curta. Por

volta da marca dos trezentos metros, porém, as coisas mudaram abruptamente. O corredor da "Poly", que se encontrava bem na frente, de repente diminuiu a velocidade passando a trotar. Um segundo depois passei por ele, correndo com o máximo de velocidade. Cheguei a ouvir sua respiração ofegante. Mal conseguia caminhar. Como dizem os esportistas, seu "gás" acabara. Não me lembro qual foi a colocação dele no final; mas lembro-me bem de que era eu quem o estava esperando na linha de chegada, fazendo uma força danada para não "gozar" dele.

Naquele dia aprendi uma lição muito valiosa às custas daquele atleta da "Escola Poly". Sem querer, ele me ensinara que todo mundo, mesmo as pessoas de grande talento e energia, precisam esperar que a corrida termine para depois cantar vitória. Não adianta nada chegar à primeira curva à frente dos outros, se não se tem resistência para encerrar bem a competição. Ganha-se uma corrida mantendo-se um ritmo constante, do início ao fim. E um bom atleta tem que estar preparado também para dar uma "arrancada", uma aceleração no final. De que adianta possuirmos um grande talento para o atletismo, se isso não for acompanhado da resistência adequada?

O PREÇO DA INDOLÊNCIA MENTAL

Conto essa historieta porque ela tem a ver com outro aspecto de nosso mundo interior que precisa estar sempre em processo de organização. Se não tivermos uma forte resistência mental e o crescimento intelectual que ela produz, não poderemos pôr em ordem o nosso mundo interior.

Nessa sociedade pressurizada em que vivemos, aqueles que não tiverem uma boa resistência mental geralmente serão vitimados por idéias e sistemas que são destrutivos para o espírito e para as relações humanas. Essas pessoas ficam prejudicadas porque não aprenderam a pensar, nem se empenharam no desenvolvimento de sua mente, que é uma tarefa para a vida toda. Sem as vantagens de uma mente forte, vão se tornando dependentes das idéias e opiniões de outros. E em vez de trabalhar no campo das idéias e das questões, cercam sua vida de leis, regulamentos e programas.

O suicídio em massa dos membros da Igreja do Povo, ocorrido na Guiana em 1978, é um triste exemplo de onde as pessoas podem chegar quando sua mente não tem resistência. Quando os membros daquele grupo começaram a deixar que Jim Jones pensasse por eles começaram a correr perigo. Pararam de pensar, esvaziaram a mente, e passaram a depender dele para isso. E quando a mente dele deixou de raciocinar corretamente, todos eles sofreram as conseqüências. Ele lhes prometera orientação segura em meio a um mundo hostil e violento. Oferecera apoio pessoal e soluções para seus problemas. E aquelas pessoas renunciaram ao seu direito de pensar por si mesmas, o preço pago para ter essa segurança.

Mas muitos dos que não estão com a mente fortalecida nem sempre são indivíduos sem inteligência. O problema é que nunca pararam para pensar que precisam exercitar a mente para seu próprio desenvolvimento, pois isso é um aspecto importante da vida espiritual, de uma vida que agrada a Deus. É muito fácil deixar nossa mente se tornar apática, principalmente quando estamos cercados de pessoas de temperamento dominante, que querem pensar por nós.

Às vezes vemos isso em famílias sem equilíbrio, sem vida espiritual, onde uma pessoa intimida todas as outras, e estas acabam deixando que a primeira determine suas opiniões e tome todas as decisões. Temos também exemplos de igrejas cujo pastor possui personalidade dominante, e os membros deixam a ele a tarefa de sempre pensar por eles.

Na terceira carta de João, ele faz acusações a um homem de nome Diótrefes, um líder leigo que, como Jim Jones, estava praticamente controlando todo mundo. Os cristãos simplesmente haviam sujeitado a ele seu direito de pensar.

O PERIGO DA LARGADA RÁPIDA

Assim como no atletismo existem corredores velozes que arrancam rapidamente e logo saem cegamente numa explosão apressada, assim também na vida existem pessoas que gostam de arrancadas rápidas — não porque sejam ótimos pensadores ou gigantes intelectuais, mas por possuírem habilidades naturais e um ambiente favorável. Podem ter tido a sorte de pertencer a uma família inteligente, onde todos são altamente comunicativos, e sabem trabalhar com idéias e solucionar problemas. Como resultado disso, desde cedo já adquirem boa dose de autoconfiança.

Esse desenvolvimento precoce logo dá ao jovem forte tendência para liderar, para competir e o prepara para resolver situações difíceis. O resultado é o que chamamos de "sucesso prematuro". E muitas vezes, esse sucesso pessoal obtido antes do amadurecimento torna-se mais um empecilho do que uma vantagem.

Geralmente esse tipo de pessoa aprende tudo muito depressa, atinge alto nível de conhecimento com pouco esforço. De um modo geral, também possui boa saúde e muita energia. Parece que sempre consegue, com uma boa conversa, colocar-se em boas situações ou sair de aperturas. E acaba concluindo que pode fazer quase qualquer coisa que desejar, pois tudo lhe é fácil.

Quanto tempo isso pode durar, ninguém sabe. Suponho que, em alguns casos, pode durar a vida toda. Mas pelo que tenho visto, por volta dos trinta e poucos anos, começam a surgir na vida desse velocista nato sinais de possíveis problemas. Começam a aparecer os primeiros indícios de que, para terminar a corrida da vida, irá precisar de resistência e disciplina também; não podendo depender apenas de seu talento natural. E, como aconteceu ao atleta da "Escola Poly", ele talvez principie a

perceber que outros corredores, que são mais lentos, mas que se acham melhor condicionados, estão se aproximando dele.

No meu trabalho de aconselhamento, tenho tido contato com muitas pessoas na meia-idade que, devido a esse tipo de problema, estão passando por sérias lutas. Percebo que há um número alarmante de indivíduos exaustos, mentalmente vazios, que pararam de crescer, e se acham agora buscando apenas divertimento, ou pouco mais que isso.

Quando emprego a palavra "divertimento", estou me referindo a uma atividade que não exige esforço mental. E uma pessoa que não exercita esforço mental, também não possui senso de organização. E como são essas pessoas que estão vivendo assim? Provavelmente são as mesmas de quem, há vinte anos atrás, se disse: "Esse aí vai longe! Não tem erro!" Talvez seja um pastor que aos vinte e um anos já era um poderoso pregador; ou um homem de negócios que no início da carreira já conseguia vendas fabulosas; ou uma jovem que foi oradora da turma em sua classe. Na maioria dos casos, são indivíduos que não entenderam que a mente precisa ser desenvolvida, precisa ser exercitada, alimentada, para que cresça. Possuem talentos naturais, mas esses dons só as ajudam até certo ponto, e se esgotam bem antes do encerramento da corrida.

A NECESSIDADE DE DISCIPLINAR A MENTE

Precisamos treinar nossa mente para pensar, analisar, criar. Quem possui um mundo interior bem ordenado, é porque se *esforça* para ser um pensador. Esse tem uma mente alerta, viva, e está sempre recebendo novos conhecimentos a cada dia, e regularmente faz novas descobertas, raciocina e chega a conclusões; são pessoas que exercitam a mente todos os dias.

Diz Elton Trueblood: "Não se pode ter um cristianismo vital sem o desenvolvimento de pelo menos três aspectos de nossa personalidade. Esses três aspectos são: a devoção interior, o serviço cristão, desenvolvido no exterior, e *a vida de racionalidade, na mente.*" ([15]) Esse terceiro aspecto é bastante ignorado por muitos evangélicos, que o consideram por demais mundano e contrário ao evangelho. Mas o fato é que o embotamento da mente ocasiona, por fim, a desordem no mundo interior.

Eu entendo muito bem essa questão do sucesso "pré-maturo" porque tive esse problema. Com trinta e poucos anos, descobri que estava-me apoiando demasiadamente em meu talento natural, e não dava a necessária atenção ao desenvolvimento da mente. Percebi então que, se não tomasse uma providência, dentro de mais alguns anos minha mente já não estaria mais à altura de minha necessidade, justamente na época em que teria de dar o melhor de mim, quando teria que estar utilizando minha capacidade mental.

Para mim, isso significava que, se eu quisesse tornar-me um melhor pregador, se quisesse ser mais sensível ao sofrimento das pessoas e

exercer melhor minha liderança, teria que aceitar seriamente o desafio de "exercitar" minhas capacidades mentais, para que pudesse operar bem em meu mundo exterior. Embora não estivesse com a mente totalmente adormecida, o fato é que também não estava me exercitando como devia, de modo que pudesse ser uma pessoa criativa e prolífica, como Deus queria que eu fosse.

Portanto, não me admira ter sentido os sintomas da desorganização sempre que enfrentava situações que não conseguia entender bem. Era como uma pessoa que tivesse diante de si um peso muito grande. Percebi que estava sempre ali tentando erguer problemas e questões, mas não tinha força mental para levantá-los do chão.

Embora os evangélicos estejam amplamente empenhados na educação cristã, o fato é que nem sempre dão muito valor ao desenvolvimento da mente. São poucos os que realmente sabem a diferença entre recolher pormenores e regras, e manejar bem a verdade. Pode ser que haja alguns que tenham certo conhecimento de muitos assuntos, mas isso não é garantia de que saibam analisar em profundidade e com inteligência os fatos que conhecem.

Tenho visto muitas pessoas que parecem possuir um imenso volume de informações sobre a Bíblia comprimido na mente. Desenvolveram um rico vocabulário de perfeitos chavões evangélicos. As orações delas são tão fluentes que todos os que estão ao seu lado ficam estáticos. E pensamos que esses indivíduos são muito espirituais. Mas depois começamos a perceber que são rígidos e inflexíveis, totalmente fechados a mudanças e inovações. Se alguém levanta uma dúvida séria com relação ao seu modo de pensar, reagem com um acesso de cólera e acusações.

Como outros, estou convencido de que os pensadores cristãos têm que ser as pessoas de mente mais aberta, mais capaz e mais criativa do mundo. Paulo afirmou que nós, os crentes, temos a mente de Cristo. Isso significa que possuímos potencialmente uma amplitude intelectual que a mente do irregenerado não tem. Nossa perspectiva para pensar é eterna, intemporal. Em Cristo, temos uma base de verdades que situa nossa análise das coisas, nossas idéias e nossas inovações entre as mais poderosas de nossa era. Mas isso nem sempre ocorre, porque muitos crentes padecem de "preguiça" intelectual e desorganização interior. E desse modo estamos desperdiçando um dos maiores dons que Deus nos concede por intermédio de Cristo.

O missionário e evangelista Stanley Jones escreveu o seguinte:

> "Shivananda, um famoso líder religioso da Índia, costumava dizer aos seus discípulos o seguinte: "Matem a mente, e só então conseguirão meditar." A posição cristã é outra: "Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração" (a natureza emocional), "de toda a tua alma" (o aspecto volitivo), "de todas as tuas forças" (o aspecto físico), "e de todo o teu entendimento" (nossa faculdade mental). Temos que

amar a Deus com todo o nosso ser: com a mente, com as emoções, com a vontade e com as forças. Mas a palavra "forças" pode significar a força dos outros três. Alguns o amam com toda a força da mente, mas com pouca emoção — são os intelectuais da fé; outros o amam com toda a força das emoções, mas com pouco empenho da mente — são os sentimentais; e outros ainda o amam com a força da vontade, mas com emoção fraca — é o indivíduo de vontade férrea, não muito acessível. *Mas o que nos torna verdadeiramente cristãos, e cristãos equilibrados e de caráter forte, é amar a Deus com toda a força da mente, da emoção e da vontade*." ([16]) *(Grifo* nosso)

O almirante Hyman Rickover foi o diretor do setor nuclear da marinha dos Estados Unidos durante vários anos. Ele era um comandante muito rigoroso e exigente, e seus admiradores têm, a respeito dele, opiniões firmemente opostas às dos que o criticam. Durante certo período, era ele mesmo quem entrevistava pessoalmente todos os oficiais que iriam servir na tripulação dos submarinos nucleares daquele país, que teriam de ter a aprovação dele para serem admitidos. Todos os homens que passavam por essa entrevista saíam do gabinete dele tremendo nervosos, indignados, ou totalmente intimidados. Um desses foi o ex-presidente Jimmy Carter, que havia se inscrito para um cargo em que teria que trabalhar sob a liderança de Rickover. E ele narra da seguinte maneira sua entrevista com o almirante:

"Eu havia me inscrito para trabalhar no programa submarino nuclear, e fui fazer a entrevista com o Almirante Rickover. Era a primeira vez que o via pessoalmente. Ficamos sentados numa sala ampla, sozinhos, durante duas horas, e ele deixou que eu escolhesse os assuntos que desejava debater. Com muito cuidado, escolhi aqueles que conhecia melhor no momento: eventos atuais, serviços da marinha, música, literatura, táticas navais, eletrônica e armamentos. Então ele começou a dirigir-me uma série de perguntas, cada uma mais difícil que a anterior. E a cada uma que fazia mostrava que eu tinha relativamente pouco conhecimento sobre os assuntos que escolhera.

"Ele sempre me olhava diretamente nos olhos, e nunca sorria. Eu estava todo molhado, suando frio.

"Por fim, ele me fez uma pergunta que pensei que serviria para melhorar minha situação aos olhos dele: "Qual foi sua colocação na sua turma da Academia Naval?" Como eu havia feito alguns anos de faculdade antes de entrar na academia, tinha-me saído muito bem. Senti-me todo cheio de orgulho e respondi: "Senhor, fiquei no qüinquagésimo nono lugar, numa turma de 820 alunos!" Em seguida, recostei-me na cadeira para esperar as congratulações dele — que nunca recebi. Em vez disso, fez-me outra pergunta: "Você deu o máximo de si?" Abri a boca para responder, "Sim, senhor!", mas aí me lembrei das muitas vezes em que poderia ter estudado um pouco mais, e ter aprendido mais sobre nossos aliados, nossos inimigos, sobre armas, estratégia, e assim por diante. Afinal, sou apenas

humano. Por fim, engoli em seco e disse: "Não, senhor; nem sempre dei o máximo que podia."

"Ele me fitou longamente, depois girou a cadeira para terminar a entrevista, mas fez uma última pergunta, uma pergunta da qual nunca mais me esqueci — e nunca consegui responder. Disse ele: "Por que não?" Fiquei ali sentado uns instantes, trêmulo, e depois saí lentamente da sala." ([17])

Essa entrevista acabou se tornando a idéia inicial para um livro que Carter escreveu, *Why Not the Best?* (Por que não o máximo?) E de fato isso é algo em que vale a pena pensar. Será que a pessoa que afirma estar vivendo por Cristo não deve ao seu Criador o máximo em termos de intelecto?

O intelecto é uma notável capacidade que Deus concedeu ao ser humano, e com a qual ele pode observar a criação e fazer descobertas a respeito dela; comparar e contrastar cada uma das partes que a compõem, e, sempre que possível, utilizá-las para refletir a glória do Criador. Os que pensam vêem as velhas realidades sob novos ângulos; analisam hipóteses, separando o que é falso do que é verdadeiro. Às vezes expressam verdades antigas de forma nova e com palavras novas, e mostram para os outros como elas podem ser aplicadas à vida. Os pensadores são pessoas que fazem decisões corajosas, e nos revelam novas visões, e superam obstáculos por métodos antes desconhecidos.

E essas coisas não devem ser limitadas apenas aos grandes, aos indivíduos de inteligência brilhante, não. Isso é responsabilidade de qualquer pessoa que tenha mente normal. E como acontece no plano físico, alguns talvez tenham mente mais capaz que outros, mas isso não significa que estes outros estejam isentos de utilizar a mente e o corpo.

Dizem que, apesar de Thomas Edison ter registrado patentes de mais de mil inventos, reivindicava como sua a idéia original de apenas um deles, o fonógrafo. Todos os seus outros "inventos", dizia ele, não passavam de adaptações ou desenvolvimento de idéias de outras pessoas, que não as tinham trabalhado até o fim.

Seria bom se víssemos a nós mesmos como esponjas. Deus escondeu uma porção de coisas por todo esse imenso universo para que a humanidade as descobrisse, se deleitasse com elas, e através delas aprendesse a conhecer a natureza do próprio Criador. E nós deveríamos absorver tudo isso.

"A glória de Deus é encobrir as cousas, mas a glória dos reis é esquadrinhá-las." (Pv 25.2)

Inicialmente, a tarefa do primeiro homem e da primeira mulher era descobrir as coisas que Deus criara, e identificá-las. Mas como

desobedeceram as leis de Deus, uma parte desse maravilhoso privilégio foi removida deles. Agora tinham que se preocupar mais com a sobrevivência em um mundo adverso, em vez de continuar a descobrir o que havia nele. Então, a natureza de seu trabalho mudou radicalmente. E estou certo de que nossa vida no céu deverá ser, de certo modo, uma recuperação dessa forma original do trabalho.

Mas o fato é que esse princípio da descoberta e o privilégio de utilizá-lo ainda continuam a existir, pelo menos em parte. Em alguns casos, essas descobertas ocorrem por meio de árduo trabalho físico, como por exemplo a prospecção do ouro na encosta de montanhas. Mas fazemos descobertas também quando observamos o progresso dos seres vivos, nos reinos vegetal, animal e humano. E ainda, uma grande parte da exploração da criação se processa apenas no âmbito da mente. Temos que escavar, por assim dizer, o campo da mente, para descobrir idéias e verdades, e depois nos dirigimos aos outros para expressá-las de forma artística ou criativa, ou então fazemos isso em nosso culto a Deus.

Pensar é um ótimo trabalho. Para realizá-lo bem temos que estar com a mente treinada e em forma, assim como um atleta só compete bem quando está bem treinado e com o corpo em forma. A melhor forma de pensamento é a que se desenvolve no contexto do respeito pelo reino e pela criação de Deus. É muito triste ver filósofos e artistas realizando grandes obras artísticas e intelectuais, mas sem o menor interesse em descobrir realidades acerca do Criador. O objetivo deles ao criar ou pensar é apenas seu engrandecimento próprio ou então o desenvolvimento de um sistema humano adotado por gente que acredita que pode viver bem sem Deus.

Parece que alguns cristãos têm medo de pensar. Eles confundem coleta de fatos, sistemas doutrinários e listas de regulamentos com pensar. Ficam perturbados quando têm que se haver com perguntas que admitem mais de uma resposta. E não vêem sentido em se trabalhar com grandes idéias, a não ser que possam sempre chegar a conclusões e respostas fáceis. Por causa disso, sofrem um declínio em sua vida e atividade mental, em direção à mediocridade. Com isso perdem grande parte dos benefícios de Deus para seus filhos, benefícios que deveriam apreciar à medida que fossem descobrindo as obras das mãos de Deus no contato com o universo que ele criou. Uma vida vivida nessas circunstâncias não passa de mero divertimento; é atuar sem pensar.

O crente que não pensa está sendo perigosamente absorvido pela cultura que o cerca, embora não se dê conta disso. Como sua mente está destreinada e não é preenchida com idéias válidas, ele não tem condições de apresentar ao mundo os questionamentos penetrantes com os quais desafiar suas teses. E a maior dificuldade que o crente moderno, vivendo numa sociedade secular, tem diante de si hoje talvez seja o de colocar diante do mundo esse questionamento profético para que surjam então as oportunidades de oferecer-lhe respostas baseadas nos pensamentos de Cristo.

Estamos constantemente recebendo grandes volumes de informação secular, e, por causa disso, o crente que não quer raciocinar sente ímpetos de fugir, deixando a uma pequena elite de líderes e teólogos evangélicos o encargo de pensar por eles.

Em seu livro, *The Christian Mind* (A mente cristã), aliás uma obra que revela grande visão das coisas, Harry Blamires indaga se existem no meio cristão pessoas com mente desenvolvida, capaz de confrontar essa cultura moderna que está se distanciando cada vez mais de Deus. Ele expressa o anseio de que haja homens que saibam raciocinar sobre as grandes questões morais da humanidade segundo as linhas do pensamento cristão. O receio dele, que eu compartilho, é de que achemos que somos pessoas que pensam, quando, na verdade, não somos, enganando-nos a nós mesmos. E ele diz o seguinte, dirigindo uma enérgica repreensão aos cristãos em geral:

> "Retiraram do cristianismo sua relevância intelectual, castrando-o. Talvez ele continue sendo um veículo de orientação moral e espiritual a nível do indivíduo; mas a nível da comunidade cristã, ele é pouco mais que a expressão de um ajuntamento sentimental." ([18])

Quando o crente permite que sua mente fique embotada, ele se torna presa fácil dos divulgadores de um esquema de valores não cristão, pessoas que não negligenciaram sua capacidade de pensar — e simplesmente nos superaram no plano intelectual.

Assim como aprendi com meu técnico a fazer o treinamento físico com o objetivo de chegar ao fim da corrida, também aprendi uma outra coisa que muita gente está tendo que aprender: nossa mente precisa ser exercitada. Se nós, os crentes, não cuidarmos com seriedade desse aspecto de nosso crescimento intelectual, nosso mundo interior ficará fraco, vulnerável e em desordem.

Aquele atleta da Escola Poly era melhor corredor do que eu, mas perdeu a corrida. Perdeu porque seu talento só dava para os cem metros, e não eram suficientes para 450 metros.

Certa vez fiz uma avaliação da parte intelectual do meu mundo interior, para ver se estava em ordem, e, felizmente para mim, compreendi que se me limitasse aos poucos dons naturais que possuía e a alguns anos de estudo, nunca iria chegar a ser como Deus queria que eu fosse, para que ele pudesse usar-me em algum lugar do mundo. Se eu quisesse ter resistência e me tornar útil para ele ao máximo do meu potencial, não poderia confiar apenas no talento ou no diploma, mas teria que aprender a exercitar meus músculos mentais, para colocá-los em forma.

Tinha que me tornar um pensador. Tinha que me familiarizar com os novos rumos que a história estava tomando. Precisava aprender a "dialogar" com as grandes idéias da humanidade e a fazer minha própria

apreciação do que estava presenciando. Estava na hora de começar a agir — e de trabalhar muito. Alguns corredores já estavam-me alcançando, e a corrida estava longe de terminar. Não queria ser como aquele "melhor" atleta, que está à frente dos outros até a primeira curva, mas que perde a corrida simplesmente porque não possui resistência, embora tenha talento.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque procurei utilizar tudo que aprendi para servir a outros, como fez Cristo.

9. A Tristeza que é um Livro Não Lido

Certa vez eu e minha esposa estávamos dando uma olhada numa velha livraria, procurando, entre os volumes de segunda mão que ali estavam, algum livro bom, um achado sempre muito agradável. Então Gail deu com uma biografia de Daniel Webster, que fora publicada por volta de 1840. Como gostamos muito de biografias, e aquele livro parecia bastante interessante, resolvemos levá-lo.

A capa do livro estava um tanto gasta, dando a impressão de que fora lido muitas vezes. Começamos a imaginar que ele deveria ter sido uma espécie de tesouro, na biblioteca de alguma família da Nova Inglaterra. Era possível que eles o tivessem emprestado a dezenas de conhecidos, e que esses leitores também se tivessem deliciado com ele. Mas não! Quando minha esposa começou a folhear o livro, percebeu que as folhas dele não tinham sido bem aparadas, e muitas delas teriam que ser abertas com espátula. Essas páginas não cortadas eram uma prova clara de que o livro nunca fora lido. Exteriormente, dava a impressão de ter sido muito manuseado. Mas, se o fora, tinha sido apenas para enfeitar uma estante, ou para escorar uma porta, ou para uma criança pequena sentar-se sobre ele e alcançar a mesa, ao fazer as refeições. Aquele livro pode ter sido usado, mas certamente nunca fora lido.

O crente que não está se desenvolvendo intelectualmente é como um livro cujas páginas ainda estão por cortar; não foram lidas. Pode até ter alguma utilidade, como era o caso daquele livro, mas teria muito mais valor se procurasse desenvolver e aguçar sua mente.

ASSUMIR A DISPOSIÇÃO DE CRESCER INTELECTUALMENTE

Quando uma pessoa toma a firme deliberação de utilizar sua mente com o propósito de crescer e se desenvolver, seu mundo interior ganha uma nova ordem. Assim que se dispõe a assumir o que eu chamo de disposição de crescer intelectualmente, seu intelecto — que em muitos indivíduos é um aspecto bem pouco desenvolvido — ganha uma nova vida, com novas perspectivas.

Esse desenvolvimento da dimensão intelectual do nosso mundo interior tem pelo menos três objetivos. Quero apresentá-los aqui sob a forma de um plano de desenvolvimento mental.

Primeiro objetivo: dirigir a mente para que passe a raciocinar dentro das linhas do pensamento cristão.

Eu valorizo muito esse objetivo porque fui criado num contexto evangélico, e sei das vantagens de se receber orientação cristã desde a infância.

Pensar dentro das linhas do cristianismo significa encarar o mundo pela perspectiva de que ele foi criado por Deus e pertence a ele, de que um dia lhe prestaremos contas pelo modo como agimos em relação à criação, e de que é importante que nossas decisões sejam feitas em harmonia com as leis de Deus. A Bíblia chama isso de "mordomia cristã". O pensamento cristão encara todas as questões e idéias pelo ponto de vista da vontade de Deus e da glorificação do seu nome.

Aqueles que não tiveram a vantagem de viver num contexto cristão desde cedo provavelmente terão dificuldade em assumir essa perspectiva. Quem se torna seguidor de Cristo numa idade já mais avançada, fica um pouco irritado ao comparar seus instintos e reações com os de outros crentes mais maduros. Por causa disso, talvez tenha a tendência de exigir muito de si, chegando mesmo a duvidar se algum dia crescerá na fé.

A mentalidade dessa pessoa será formada mais por decisões deliberadas do que por intuição cristã. Em outras palavras, as reações desse crente mais novo, diante de problemas ou oportunidades, não serão tipicamente cristãs. Então ele terá que reverter essa tendência, substituindo suas reações por reações cristãs adquiridas.

Aquele que já possui a mentalidade cristã por uma questão de formação, provavelmente tem as reações corretas, a não ser que deliberadamente resolva contrariar sua formação. Agora, se seus atos não se harmonizam com sua mentalidade cristã, isso já é outra questão.

Menciono esses dois tipos de mentalidade porque isso ajuda muito os crentes, principalmente novos convertidos, que têm dificuldade para entender os pormenores do processo de crescimento espiritual. Eles não compreendem por que estão sempre um passo atrás de outros cristãos mais maduros, e nunca conseguem alcançá-los. Muitas vezes isso é apenas

uma questão de aculturação evangélica, o que certamente é uma grande vantagem, e vem comprovar a importância da família cristã. Mas essa aculturação cristã está se tornando cada vez mais rarefeita, já que o mundo que nos cerca está se secularizando cada vez mais, afastando-se das bases cristãs.

Então, o desenvolvimento mental do novo-convertido deverá consistir, em parte, no cultivo de uma perspectiva cristã, de reações cristãs diante da vida e do sistema de valores bíblico.

Aquele que se converteu há mais tempo luta com um problema diferente. Embora já tenha reações cristãs na maioria das situações, sua dedicação talvez não seja tão entusiástica como a do novo-convertido. É que ele supõe que seus mecanismos mentais cristianizados funcionarão automaticamente, e isso pode ser muito perigoso, depois de algum tempo. Se não fizermos, de tempos em tempos, uma renovação de nosso compromisso com Cristo, nossa mentalidade cristã pode levar-nos a uma religião morta, a uma fé enfadonha, a um improdutivo testemunho da nossa fé em Deus. E nós que fomos criados conhecendo o evangelho de Cristo temos que ser bastante cuidadosos para evitar que tal aconteça.

Segundo objetivo: treinar a mente para observar e apreciar as mensagens que Deus registrou na criação.

"Os céus proclamam a glória de Deus." (Sl 19.1) Tudo que Deus criou — até mesmo os seres humanos — tem como objetivo principal refletir a glória de Deus.

Infelizmente, o poder do pecado reduziu a capacidade de alguns aspectos da criação de refletirem a glória do Senhor. Aliás, o pecado parece que operou profundamente na humanidade primeiro; depois, por meio do homem, sistematicamente maculou todo o resto da criação. Mas naquilo que o homem ainda não conseguiu interferir, ele continua a proclamar sua mensagem: seja louvado o Deus Criador!

A mente que está se desenvolvendo e é cheia do amor de Cristo, pesquisa a criação em busca dessas mensagens. Devido aos nossos diversos dons, naturais e espirituais, cada um de nós descobre, isto ê, vê e ouve essas mensagens em alguns campos mais do que em outros. Temos a capacidade de tomar esse material fornecido pela criação e identificá-lo, dar-lhe forma, reformulá-lo, ou trabalhá-lo de outras maneiras, com o fim de usá-lo para glorificarmos ainda mais nosso Deus. O carpinteiro trabalha com a madeira; os médicos auscultam o corpo humano; os músicos fazem arranjos com os sons; os executivos dirigem o trabalho de diversas pessoas; o educador prepara os jovens; o pesquisador faz análises dos elementos do universo, inova-os e implementa-os.

É para realizar essas tarefas que desenvolvemos nossa mente; e, enquanto as realizamos, alegramo-nos por tudo que Deus, em seu amor, vai nos revelando.

Terceiro objetivo: preparar a mente para estudar informações, idéias e verdades, com o objetivo de servir às pessoas que fazem parte do nosso mundo exterior.

Com o desenvolvimento de nossa mente podemos servir melhor à geração em que vivemos. Lembro-me das contribuições de pessoas como Paul Brand, o missionário médico, a quem devemos a criação de métodos cirúrgicos para a restauração do uso de pernas e braços a portadores de lepra. E todos nós também nos enriquecemos com a mente de C. S. Lewis, na literatura, ou de John Perkins, no campo das relações inter-raciais. E existem muitos outros cujos nomes não são conhecidos do público: um jovem engenheiro que usa seus conhecimentos para construir uma represa hidroelétrica no Equador; um contador que nas horas vagas ajuda pessoas falidas a se reestruturarem financeiramente; um construtor que está ensinando pessoas a recuperar e a calafetar casas velhas; um operador de computador que está alfabetizando filhos de imigrantes. Todos esses estão empregando a mente para auxiliar a outros.

Nossa meta, nesse empenho de desenvolver o intelecto, não é apenas o nosso proveito pessoal, mas a utilização de nossas potencialidades mentais para servir a outros. Sempre penso nisso quando me forço a ler mais ou a arquivar alguma coisa: estou coletando material básico para preparar sermões de incentivo ou de instrução para outros algum dia. Quando minha mente se desenvolve, isso pode significar o desenvolvimento de outros.

PÔR A MENTE EM ORDEM PARA QUE SE DESENVOLVA

Relembrando os primeiros anos de minha vida, recordei-me de que, certa vez, tive consciência de que embora tivesse acumulado um enorme volume de informações sobre diversos assuntos, nunca havia-me esforçado realmente para pensar. Aliás, eu não estava muito certo de que aprendera a gostar de estudar.

Durante os anos escolares, eu tivera a tendência de ficar sempre na periferia do aprendizado. "Qual é o mínimo necessário para se passar nessa matéria?", dizia eu. "É o que vou aprender." Com poucas exceções, empreguei sempre essa filosofia de estudo em todos os cursos, no ginásio, faculdade e universidade. Vez por outra, um dos professores percebia essa minha postura limitada e me desafiava a um desempenho melhor. E o interessante é que aprendi a apreciar mais a esses mestres, mas nunca parei para me perguntar por quê. É que, na verdade, é muito agradável exercitar-se um pouco mais; era bom deixar que arrancassem de mim um esforço um pouco acima da média.

Mas depois que terminei minha formação acadêmica, não havia mais ninguém para me "empurrar", ninguém exigindo que eu tivesse um melhor desempenho, a não ser eu mesmo. Então logo percebi que toda a

responsabilidade de me desenvolver mentalmente estava apenas em minhas mãos. Foi aí que cheguei à "puberdade intelectual". Pela primeira vez na vida estava levando a sério o fato de aprender a pensar e de aprender sozinho.

E como é que efetuamos esse processo de nos organizarmos intelectualmente? Existem várias maneiras.

Desenvolvemos a mente aprendendo a ouvir.

Foi quando aprendi a ouvir que meu intelecto começou a gozar de certa ordem. Aprender a ouvir pode ser uma tarefa muito difícil para uma pessoa como eu, que gosta muito de falar. Mas quem não aprender a ouvir, estará cerrando sua mente para uma importante fonte de informações, pelas quais ela pode se desenvolver.

Talvez o primeiro passo para se aprender a ouvir seja *aprender a fazer perguntas*. Raramente encontramos pessoas com as quais não possamos aprender alguma coisa de valor; o mesmo se pode dizer das situações da vida. Em muitos casos, para chegar a ouvir, primeiro tenho que fazer perguntas. Para isso tive que aprender também a fazer perguntas. Sabendo perguntar, obtemos valiosas informações, que contribuem para o crescimento. Gosto de fazer perguntas sobre o trabalho que as pessoas realizam, onde conheceram o cônjuge, os livros que elas têm lido, o que consideram os maiores desafios da atualidade, em que situações Deus mais opera em suas vidas. Geralmente, as respostas que recebo são muito úteis.

Nesse processo de aprender a ouvir, tenho percebido que a maioria das pessoas gosta muito de falar a respeito de si mesma. Muitas pessoas idosas, às vezes, não têm com quem conversar, e geralmente possuem muita sabedoria para transmitir. Pessoas que estão sofrendo ou se acham sob tensão e stress também têm muita coisa para dizer, a quem souber perguntar. E, quando perguntamos, não apenas temos oportunidade de aprender alguma coisa sobre o ser humano, mas também comunicamos amor e conforto aos outros.

E as pessoas a quem precisamos ouvir com mais atenção são os velhos e as crianças. Todos eles têm muita coisa para nos ensinar, que serve para nos enriquecer a mente e o coração. As crianças, por exemplo, sabem descomplicar as coisas, e muitas vezes o fazem com uma sinceridade cortante. Os idosos nos apresentam a realidade pela perspectiva dos anos vividos. Os que sofrem também nos ajudam a entender quais são as questões mais importantes da vida. Todas as pessoas têm algo a nos ensinar, basta que nos disponhamos a "sentar aos pés" delas, a ser humildes, e a saber perguntar.

A segunda forma de desenvolvimento mental pelo ouvir, para mim, foi visitar as pessoas em seu *local* de *trabalho,* para ver o que fazem, conhecer os que trabalham com elas, e desse modo saber quais as

dificuldades que enfrentam. Além disso, faço questão de aprender a ver melhor os diversos tipos de contribuição que os outros estão dando ao mundo. Gosto de fazer perguntas sobre a atividade profissional das pessoas: "O que é necessário para se realizar este trabalho da melhor maneira possível? Quais são os maiores desafios que esta atividade apresenta? Em que pontos de sua atividade você se defronta com questões éticas e morais? Que aspectos dela produzem mais cansaço e desânimo? Você procura descobrir de que modo Deus pode estar presente em seu serviço?"

Uma outra maneira de se crescer mentalmente pelo ouvir é escutar os *pregadores, pastores, preletores, conselheiros*, enfim todos que de alguma forma nos instruem. Sinto que Deus sempre me cercou de um bom número de pessoas que me amaram, que acreditaram em mim e que sempre procuraram auxiliar-me de alguma maneira no sentido de fazer desabrochar os potenciais que o Senhor tivesse colocado em minha personalidade. Sou grato a meus pais por me haverem ensinado a dar ouvidos a tais pessoas, pois tenho visto que muitos de meus colegas preferiram desprezar as orientações e a sabedoria desses conselheiros, e assim perderam muita informação valiosa.

Em quarto lugar, gostaria de sugerir que sempre ganhamos alguma coisa em termos de crescimento quando damos ouvidos às críticas que nos são dirigidas, o que não é muito fácil. Dawson Trotman, o fundador da missão "Navegadores", tinha uma maneira muito positiva de tratar com as críticas que lhe eram feitas. Ouvia todas elas, por mais injustas que fossem, e depois ia para o aposento da oração e apresentava-as a Deus, dizendo: "Senhor, mostra-me o ponto de verdade que há nessa crítica."

Em alguns casos, a porcentagem de verdade pode ser minúscula, mas sempre vale a pena descobri-la e pensar um pouco nela. Eu fiquei muito satisfeito quando aprendi esse segredo de Dawson Trotman. Isso evitou que cedesse à tentação de cair na defensiva, sempre que era criticado, o que me poupou maus momentos. Em vez de agir assim, comecei a utilizar a crítica para crescer. Tenho percebido que é rara a crítica a meu respeito que não contenha pelo menos 1% de verdade, que me é muito útil. É uma porcentagem bastante insignificante, mas existe.

Quando repasso mentalmente os princípios mais importantes, sobre os quais procuro basear o desenvolvimento de meu caráter e personalidade, percebo, com espanto, que aprendi a maior parte deles em situações penosas, em que alguém, ou por raiva ou por amor, me repreendeu ou criticou com dureza. Trago sempre na lembrança uma ocasião em que o Dr. Raymond Buker, meu professor de missiologia do Seminário de Denver, veio falar comigo após uma aula especial onde eu apresentara uma tese sobre um assunto que estava sendo debatido com ardor pelos estudantes da época. Eu havia "matado" duas aulas dele naquele dia para preparar o trabalho, e obviamente ele soubera disso.

— Gordon, disse-me, o trabalho que você apresentou hoje foi muito bom, mas não chegou a ser ótimo. Quer saber por quê?

Eu estava em dúvida se queria ou não, pois sabia que ele iria dirigir-me uma dura repreensão, mas engoli em seco, e respondi ao Dr. Buker que gostaria de ouvir a apreciação dele.

— Seu trabalho só não foi ótimo, comentou batendo com a ponta do dedo em meu peito, porque ficou prejudicado pelo fato de você ter suprimido uma tarefa de rotina para prepará-lo.

E foi assim que, dolorosamente, aprendi uma das mais importantes lições de minha vida. Devido à minha função de líder evangélico, sou eu mesmo quem faz a divisão do uso do meu tempo, do modo como melhor desejar. Então é muito fácil fugir das atividades de rotina, dos serviços mais "sem graça", para me dedicar apenas aos mais empolgantes que aparecerem. Mas o fato é que a maior parte de nossa vida é constituída de rotina. Buker tinha razão: aquele que aprende a conviver bem com suas obrigações e responsabilidades rotineiras, a longo prazo é o que mais contribui para a sociedade.

Mas se aquele homem não tivesse se disposto a me repreender, e se eu não tivesse resolvido escutar e aprender, não teria aprendido a lição naquela época, e não teria tirado proveito dela.

Então, nós nos desenvolvemos quando ouvimos, e ouvimos ativamente das seguintes maneiras: fazendo perguntas, observando tudo que se passa à nossa volta, prestando atenção aos frutos que as pessoas colhem em conseqüência das decisões tomadas.

Desenvolvemos nossa mente através da leitura.

Outra maneira de nos desenvolvermos é através da leitura. Em nossa era, dominada pelos meios de comunicação de massa, os mais jovens estão tendo grande dificuldade para adquirir a disciplina da leitura, e essa talvez seja uma das maiores perdas de nosso tempo. Não há nada que substitua o conhecimento que se obtém através da leitura freqüente.

O apóstolo Paulo mostrou que gostava muito de ler quando escreveu a Timóteo e lhe pediu que lhe levasse os pergaminhos e livros. Embora fosse um homem de idade, estava ansioso para "crescer" mais. Algumas pessoas não possuem mesmo um gosto natural pela leitura, e nesse caso encontram mais dificuldade para ler. Mas até onde for possível, devemos nos forçar um pouco para adquirirmos o hábito de ler sistematicamente.

Eu e minha esposa gostamos de estudar biografias, e é rara a ocasião em que não estamos lendo dois ou três relatos biográficos ao mesmo tempo. Esses livros estão derramando em nossa mente um conhecimento de incalculável valor.

Outros talvez prefiram livros de psicologia, teologia, história ou uma boa obra de ficção. Mas todos nós precisamos estar sempre lendo um bom livro, ou mais de um, se possível. Quando converso com pastores que

confessam estar encontrando dificuldades para exercer seu ministério com eficiência, muitas vezes pergunto: "Que livros você tem lido ultimamente?" E é quase certo que, quando um pastor está fracassando em seu trabalho, ele não conseguirá dizer o nome de um livro que esteja lendo. E se ele não está lendo, é muito provável que não esteja crescendo também. E se não está se desenvolvendo, pode rapidamente tornar-se ineficiente.

Durante o episódio dos reféns do Irã, havia entre eles uma mulher que pareceu sobressair dentre os cinqüenta e tantos que ficaram presos na embaixada americana. Era Katherine Koob, que se tornou uma inspiração para muitas daquelas pessoas, como também para outros, aqui mesmo, nos Estados Unidos. Quando voltou, e pôde explicar por que havia mantido seu equilíbrio e força mental naquelas condições adversas, reconheceu que isso se deveu às coisas que tinha lido e memorizado desde a infância. Ela tinha armazenado na mente um volume quase infinito de conhecimentos dos quais retirava forças e determinação para sobreviver, e mensagens para confortar a outros.

No meu planejamento, separo um tempo mínimo de uma hora por dia para ler. Já aprendi que sempre que lemos devemos ter um lápis à mão, para marcar os trechos mais importantes. Criei também uma série de sinais de código, bastante simples, para me ajudar a lembrar de pensamentos e citações interessantes, que devem ser coletados para aproveitamento futuro.

Sempre que estou lendo, vou anotando idéias e pensamentos que me ocorrem e que, mais tarde, podem tornar-se a base de um sermão ou artigo. E muitas vezes ocorrem-me idéias que podem ser úteis para algum conhecido. Então geralmente copio aquela citação ou referência, e envio para a pessoa em questão, como uma forma de aconselhamento ou estímulo, o que não deixa de ser um ministério também.

Quando leio um livro e sinto que ele me despertou muito, não só a mente, mas também o coração, procuro adquirir todos os outros trabalhos daquele autor. Além disso, anoto a bibliografia, notas de rodapé e outras informações, para ter o nome de livros que eu possa querer consultar mais tarde.

Outra coisa que aprendi a fazer nesses últimos anos foi indagar das pessoas que sei serem bons leitores: "O que você tem lido?" Gosto muito quando alguém pode me fornecer uma meia dúzia de títulos, e os coloco em minha lista de livros a serem lidos. É muito fácil identificar, em um grupo de indivíduos, aqueles que lêem. É que sempre que alguém menciona um livro bom, os bons leitores logo pegam um caderno ou cartão e anotam o título e o nome do autor.

Desenvolvemos nossa mente pelo estudo sistemático.

A terceira maneira pela qual podemos crescer intelectualmente é através de um estudo disciplinado. É verdade que o período de tempo que

cada um de nós dedicará a essa atividade deve variar de uma pessoa para outra e de acordo com a profissão de cada um. Os pastores, por exemplo, têm que estudar muito, se é que querem oferecer no púlpito o "alimento" que têm a obrigação de dar aos seus ouvintes.

Nos primeiros anos do meu ministério, quando ainda não havia me disciplinado nessa questão do desenvolvimento mental, a maior parte do que eu estudava era para o que eu chamava de estudo definitivo. Só estudava com afinco o material para um sermão que iria pregar ou palestra que iria proferir. Todo meu esforço nesse sentido estava centralizado na preparação daquele trabalho.

Mais tarde, porém, vim a descobrir que era muito importante também realizar um outro tipo de estudo, que chamo de *estudo de ofensiva*. Implica em se estudar com o objetivo de reunir grande quantidade de informação e conhecimento, os quais, no futuro, possamos utilizar em sermões e palestras, ou livros e artigos. No primeiro tipo de estudo, estamos restritos a apenas um assunto. No segundo, estamos explorando e analisando verdades e ensinamentos de diversas fontes. Ambas as formas de estudo são necessárias ao trabalho.

E podemos nos desenvolver muito quando nos empenhamos no estudo de ofensiva de forma disciplinada. Isso é feito através de leitura, de cursos que podemos fazer ocasionalmente e que servem para abrir mais nossa mente, de desafios para trabalhos que nos obrigam a estudar assuntos novos, e de pesquisar outras disciplinas simplesmente pelo prazer de aprender mais a respeito desse mundo de Deus.

Para mim, a época das férias, no verão, é a melhor ocasião para levar a efeito um bom estudo de ofensiva, o que não me é possível em outras ocasiões do ano. Durante o ano vou separando um certo número de livros que desejo ler ou projetos que desejo conhecer, e, sempre que tenho alguma folga nos meses de verão, dedico-me a eles. Meu plano é que, ao findar o verão, tenha em meus cadernos uma boa quantidade de material para sermões e estudos bíblicos que será utilizado no restante do ano.

Como já disse aqui, as horas em que estudo melhor são as da manhã. Mas só consigo dedicar essas horas ao estudo, se reservar esse espaço em minha agenda com boa antecedência. E quando desvio esse horário para outra coisa, sempre acabo me arrependendo. Esse é um compromisso que nunca deve ser negligenciado.

Felizmente, minha esposa me apóia muito nesse particular, e até incentiva essa prática, o que revela também que ela "cresceu". Nos primeiros anos de nosso casamento e do ministério, ela teve que aprender como eu a importância de se efetuar um estudo defensivo e de ofensiva. Naquela época, quando ela me via sentado à minha mesa ou lendo um livro, não hesitava em interromper-me. Afinal, era muito fácil supor que não havia nada de mal em se parar uns trinta segundos para responder a uma pergunta ou colocar o lixo lá fora.

Mas afinal, Gail entendeu que estudar é uma tarefa árdua, e que as interrupções, muitas vezes, perturbam a fluência do ritmo mental. Compreendendo isso, não somente passou a proteger meus momentos de estudo, mas também procurou criar outros, pois com muito tato me repreendia quando me via desperdiçando o tempo ou retardando o início de meus compromissos. Eu não teria escrito nenhum de meus livros se não fosse pelo fato de ambos nos convencermos de que isso era da vontade de Deus, e de que precisava do apoio e do incentivo dela.

Faz alguns meses, realizei um seminário para pastores sobre pregação, onde abordamos as questões de estudo e preparação de sermões. Como estava presente ali um bom número de esposas, aproveitei para dizer ao grupo o seguinte:

"Talvez alguns de vocês pensem que, quando seu marido ou esposa está lendo, realiza uma atividade de menor importância. Assim sendo, é provável que até o interrompam. Pois vocês precisam compreender que, na verdade, ele está trabalhando, como o carpinteiro que amola sua serra também está trabalhando. Dentro do possível, vocês devem não apenas evitar interromper seu cônjuge, mas também fazer tudo para que ele tire o melhor proveito possível daquele instante de privacidade, se é que desejam que ele se torne cada vez mais eficiente no seu ministério."

Alguns meses depois, eu estava fazendo uma série de palestras em determinado lugar, quando um casal veio falar comigo. Os dois estavam de mãos dadas, e ambos sorriam, felizes. O rapaz estendeu a mão para mim e disse:

— Viemos agradecer-lhe porque o senhor mudou nossa vida.

Como não acho que tenha a capacidade de mudar muitas vidas por aí, fiquei curioso para saber o que eu fizera.

— Assistimos àquele seu seminário sobre pregação, explicou a esposa, onde o senhor falou sobre a importância de encarar o estudo e leitura como uma forma de trabalho. O senhor deu muita ênfase à necessidade de respeitarmos o tempo que o outro está estudando, e até protegê-lo; lembra-se?

É, eu me lembrava perfeitamente.

— Pois eu percebi, continuou ela, que nunca tinha encarado assim o tempo que meu marido passa lendo ou estudando. Mas naquele dia prometi a Deus que, quando voltássemos para casa, iria agir de modo diferente...

—... e isso mudou minha vida, disse o jovem pastor. Estamos muito gratos ao senhor.

Estudar irá implicar em criar bons métodos de arquivamento das informações coletadas, para que não se percam. Implicará também em fazer algum sacrifício para adquirir bons livros de referência. Mas acima de

tudo irá implicar em exercitar determinação e disciplina. E isso sempre resulta em crescimento pessoal.

Mais uma observação acerca da importância do estudo para todos nós. Tenho-me dirigido principalmente a pastores, porque esse é o meu universo, e porque acho que o estudo é muito importante para eles. Mas, em princípio, estou falando a todos os crentes, homens e mulheres. Já percebi que é muito importante não apenas que minha esposa facilite para mim esse tempo de estudo, mas também que eu dê a ela condições de estudar. Trata-se de uma disciplina mútua, na qual incentivamos um ao outro — ambos devemos estar empenhados em nosso desenvolvimento intelectual.

Quero deixar bem claro que isso significa que nós, os maridos, precisamos ver se estamos ou não proporcionando à nossa esposa tempo para ler e estudar, e protegendo esse momento dela. Em nossa atividade de conselheiro matrimonial, temos conversado com muitos casais cujo principal problema é o desnível intelectual. Notamos que, após uns dez anos de vida conjugal, um continuou a se desenvolver intelectualmente enquanto o outro estagnou. E, com sinceridade, na maioria dos casos de casais na meia-idade, as mulheres demonstram ter continuado a manter o exercitamento intelectual, enquanto o marido preferiu ficar vendo televisão. Mas pode ocorrer o contrário também.

É fácil reconhecer os que gostam de estudar, de qualquer idade, pois, são os que estão sempre fazendo anotações. Há alguns anos eu e Gail resolvemos passar a utilizar um determinado tipo de folha de caderno para anotações, e compramos diversos colecionadores. Depois de fazer nossas anotações, guardamos as folhas nesses colecionadores, cada um com um código de assuntos. Sempre que saímos para qualquer lugar, levamos conosco algumas dessas folhas, onde anotamos idéias interessantes que recolhemos em nossos contatos com os outros. Nunca se sabe quando se vai dar com um bom livro, ou ouvir uma experiência que vale a pena anotar, para referência futura.

Aquele que deseja crescer tem que estar sempre fazendo anotações, ou durante os sermões, ou nas classes de estudo bíblico. É uma forma prática de o crente mostrar que crê que Deus lhe dará algum ensinamento que poderá ser útil para outros no futuro. Tomar nota é um bom modo de guardarmos as informações e revelações que estamos constantemente recebendo, e, assim fazendo, aproveitamos bem tudo de útil que nos aparece e pode contribuir para o nosso desenvolvimento intelectual.

Esdras, o escriba do Velho Testamento, era uma pessoa que acreditava nessa tese do desenvolvimento da mente. "Porque Esdras tinha disposto o coração para buscar a lei do Senhor e para a cumprir e para ensinar em Israel os seus estatutos e os seus juízos." Vale a pena observar a ordem em que é descrito o desenvolvimento do mundo interior desse homem: buscar a lei, cumprir o que havia estudado, e ensinar aos outros. Esdras era, de certo modo, um estudioso de profissão, e dedicava a isso muitas horas, mais do que nós dedicamos. Portanto constitui um belo

exemplo. E como sua mente e espírito estavam bem desenvolvidos, Deus o chamou para uma tarefa gigantesca: conduzir uma imensa força-tarefa pelo deserto, com o objetivo de reconstruir Jerusalém.

Se um dia alguém chegar à nossa casa e pegar em nossa estante aquela velha biografia de Webster, verá que abrimos todas as páginas, para podermos ler a história da vida desse grande americano. O livro ainda tem a aparência de ter sido muito manuseado; mas agora ele tem essa aparência com justa razão: finalmente foi lido!

Existem muitas pessoas que também exibem exteriormente as marcas de terem sido "manuseadas" pela vida. Mas como era o caso desse livro na época em que o encontramos, elas ainda possuem amplas áreas de seu mundo interior que estão fechadas. Interiormente acham-se em total desordem porque nunca procuram expandir e condicionar a mente para manejar bem os desafios e informações de nossa era. Não estão aproveitando tudo que Deus colocou no mundo para o homem descobrir, utilizar e apreciar.

Mas quando levamos a sério essa questão do crescimento e desenvolvimento de nossa mente, acontece uma coisa maravilhosa. Começamos a conhecer a Deus mais plenamente, e somos bem mais úteis para servir a outros, pois nós — com a mente mais aguçada — passamos a refletir também a glória de Deus, o que era o plano original dele, na criação.

Que belo quadro para se ver: um ser humano, em meio a esse universo de Deus, com a mente desenvolvida, após abrir todas as páginas de sua vida com a verdade e com conhecimento.

QUARTA PARTE

Força Espiritual

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem, será porque tomei a deliberação de cultivar regularmente o centro espiritual de minha vida.

10. Pondo em Ordem o Jardim

Ainda no início da guerra do Vietnã, Howard Rutledge, um piloto da Força Aérea dos Estados Unidos, teve seu avião derrubado quando sobrevoava o Vietnã do Norte. Foi preso e passou vários anos nas mãos de seus captores, sofrendo muitas torturas. Ao fim da guerra foi libertado.

Em seu livro *In the Presence of Mine Enemies* (Na presença dos meus inimigos), ele faz uma reflexão sobre as reservas morais de que dispunha e das quais retirara forças, naqueles dias difíceis, quando a vida parecia quase insuportável. Diz ele:

> "Durante os longos períodos em que era forçado a meditar, não foi difícil aprender a distinguir entre o que é importante e o que é supérfluo, o que é útil e o que é "lixo". Anteriormente, nos domingos, por exemplo, eu passava o tempo trabalhando muito ou me divertindo, e não tinha tempo para ir à igreja. Durante muitos anos, Phyllis (sua esposa) havia-me chamado para ir ao culto com a família. Ela não implicava nem se irritava — mas sempre mantinha as esperanças. Mas eu estava ocupado demais, ligado demais em outras coisas, e não podia passar uma ou duas breves horas por semana pensando nas questões mais importantes da vida.
>
> "Mas agora ali estava eu, cercado por imagens da morte — cenas, sons e cheiros. Em pouco tempo, minha fome espiritual superava até a vontade de comer um bife. Eu queria saber mais sobre aquele aspecto do meu ser que nunca morrerá; queria conversar com alguém sobre Deus, Cristo, e sobre a igreja. Mas no confinamento solitário do Heartbreak (nome que os prisioneiros de guerra deram ao seu campo de concentração) não havia pastores, nem professores de escola dominical, nem bíblias, nem hinários, nem grupos de crentes para me orientar e me confortar. *Eu havia negligenciado completamente a dimensão espiritual de minha vida. Foi preciso ficar numa prisão, para descobrir como é vazia uma vida sem Deus*." ([19]) (Grifo nosso)

Foi necessário que Rutledge sofresse as pressões de um campo de prisioneiros de guerra para que reconhecesse que havia em seu interior um setor central que ele negligenciara praticamente durante toda a vida. Eu chamo a esse setor de espírito; outros o chamam de alma. Nós não podemos localizar fisiologicamente o setor espiritual de nosso mundo interior; mas ele existe. É eterno, e é nele que gozamos de comunhão íntima com o Pai celeste. Embora nosso espírito nunca perca sua natureza eterna, o fato é que pode encontrar-se em tal estado de desordem que torna-se impossível o indivíduo ter comunhão com Deus. De um modo geral, isso produz um caos total nas outras facetas de nosso ser interior.

Os evangélicos, em geral, são teologicamente convictos acerca da existência da alma. Mas a verdade é que muitos deles têm problemas com

relação à qualidade da vida que há nela. Ou pelo menos essa é a impressão que tenho quando converso longamente com aqueles que se dispõem a falar de sua atuação espiritual. Há muitas pessoas que se acham amargamente insatisfeitas com o nível de sua comunhão com Deus. Um comentário típico que ouço muitas vezes é: "Sinto que muitas vezes parece que não consigo chegar até Deus."

As pessoas cujo espírito não está em ordem, raramente têm serenidade interior. Algumas tomam por tranqüilidade um estado que na verdade é apenas uma dormência ou um vazio espiritual. Outras sofrem de inquietação, uma sensação de que nunca conseguirão corresponder às expectativas de Deus em relação a elas. Uma preocupação que muitos revelam é com sua incapacidade de manter um bom ritmo espiritual, que resulte em atitudes e desejos espirituais mais ou menos constantes. Um jovem certa vez fez o seguinte comentário:

"Eu começo a semana cheio de boas intenções, mas já por volta da quarta-feira pela manhã perco o interesse. Simplesmente não consigo manter um nível satisfatório em minha vida espiritual. Então, estou chegando a um ponto em que me sinto cansado de tentar."

A FÓRMULA RÁPIDA

Quando estudamos a história dos grandes vultos da Bíblia, às vezes até temos inveja deles. Pensamos em experiências como a da sarça ardente, para Moisés, a visão de Isaías, no templo, e a confrontação de Paulo com Cristo na estrada de Damasco. E somos tentados a pensar: "Ah, se eu tivesse uma experiência semelhante à deles, minha vida espiritual ficaria perfeita para o resto da vida." Achamos que se vivêssemos uma dessas experiências de êxtase espiritual, que ficasse indelevelmente impressa em nosso consciente, iríamos crescer muito em espiritualidade. Pensamos que depois de um toque espetacular de Deus, que nos impressionasse bastante, nunca mais seríamos tentados a duvidar de nada.

Essa é uma das razões por que muitos crentes são tentados a procurar uma espécie de "fórmula rápida", que faça com que Deus lhes pareça mais real e mais próximo. Alguns se sentem profundamente abençoados quando ouvem um desses pregadores exaltados a derramar com veemência acusações e censuras, e disso lhes provém um forte senso de culpa. Outros ficam à procura de experiências emocionais que os elevem espiritualmente e os deixem em estado de arrebatamento. E existem também aqueles que mergulham em intermináveis rondas de estudo bíblico, pensando encontrar na busca da doutrina pura um modo de entrar numa comunhão mais satisfatória com Deus. Ainda outros buscam a espiritualidade tornando-se superativos na igreja. Geralmente cada um escolhe uma forma de preencher seu vazio espiritual que mais se harmonize com seu temperamento — isto é, cada um escolhe aquilo que lhe fala mais de perto no momento e o faz sentir-se em paz.

Mas o fato é que a média dos crentes — pessoas como eu e você — provavelmente não passa por confrontações tão contundentes, como alguns casos da Bíblia; nem tampouco ficaria satisfeita com tais experiências. Se quisermos cultivar uma vida espiritual que nos satisfaça, teremos que encará-la como uma disciplina, assim como a de um atleta que exercita seu corpo preparando-se para uma competição.

Uma coisa é certa. Se não tomarmos a firme deliberação de exercer essa disciplina espiritual, chegará o dia em que nos arrependeremos muito de não havermos aceitado esse desafio — foi o que aconteceu a Howard Rutledge.

O CULTIVO DESSE JARDIM

Como podemos descrever esse setor, esse território espiritual, onde os encontros quase são sagrados demais para serem postos em palavras? Tirando as definições teológicas, resta-nos apenas uma série de metáforas.

Davi, nos Salmos, estava pensando metaforicamente, quando descreveu seu espírito como um pasto, onde Deus, o pastor, conduzia a ele, a ovelha. Nessa metáfora, vemos águas tranqüilas, pastos verdejantes e mesas abarrotadas de alimentos de que poderia servir-se com toda a segurança. Era um lugar, dizia Davi, em que a alma se sentia restaurada.

O poeta cristão, William Cowper, que viveu no século XVII, empregou a metáfora de uma lagoa tranqüila:

> Uma vida cheia de turbulência e barulho pode parecer
> Para quem a vive, sábia e louvável;
> Mas a sabedoria é uma pérola mais facilmente encontrada
> Em águas tranqüilas.
> (De The Task, livro 3)

Para mim, a melhor metáfora desse setor espiritual interior é um jardim, um lugar amplo, cheio de paz e tranqüilidade. É nesse jardim que o Espírito Santo entra para se revelar a nós, para dar-nos sabedoria, para nos aprovar ou repreender, dar-nos incentivo ou orientação e instrução. E quando tudo está em perfeita ordem ali, ele é um lugar silencioso, sem muita agitação, sem ruídos poluidores, sem confusões.

Mas esse recanto interior também é muito vulnerável, e, se não for devidamente cuidado, logo será invadido por uma vegetação indesejada. E Deus não vem caminhar em locais que se encontrem em desordem. É por isso que, quando uma pessoa não cultiva bem seu jardim interior, diz que ele está vazio.

Era esse exatamente o problema de Howard Rutledge, quando os tormentos da prisão "Heartbreak" eram mais intensos. Vivia um terrível

momento de crise, devido ao isolamento total, aos freqüentes espancamentos e ao declínio da saúde. A que recursos ele poderia apelar para que o sustentassem naquela hora? Pelo que ele próprio diz, nos anos anteriores havia desprezado suas oportunidades de armazenar forças e determinação em seu espaço interior. "Eu estava ocupado demais, ligado demais em outras coisas", diz ele, "e não podia passar uma ou duas breves horas por semana pensando nas questões mais importantes da vida." Mas apesar de tudo, ele tinha alguma coisa recolhida na infância, e foi isso que ele rebuscou e cultivou. De repente, Deus era uma Pessoa muito significativa e muito real para ele.

Colocar em ordem essa dimensão espiritual de nosso mundo interior equivale, então, a fazer o cultivo dela. É trabalhar cuidadosamente o solo espiritual. O jardineiro revolve a terra, arranca os matos, planeja como vai utilizar os canteiros, semeia, rega e aduba as plantas, e depois se deleita com o que seu pomar produz. Tudo isso compreende o que chamamos de disciplina espiritual.

Gosto muito das palavras do irmão Lourenço, um grande pensador cristão que viveu muitos séculos atrás, e que empregou a metáfora de uma capela. Diz ele:

> "Não é preciso estar sempre na igreja para se estar em comunhão com Deus. Podemos transformar nosso coração num pequeno templo, ao qual vamos nos recolher para ter uma suave, humilde e terna comunhão com ele. Todos podem ter essas conversas particulares com Deus. Alguns mais, outros menos — ele conhece nossa capacidade. Comecemos logo! Talvez ele só esteja esperando que tomemos essa decisão, de todo o nosso coração. Animo! Nosso tempo de vida é muito curto." ([20]) (Grifo meu)

Comecemos logo! é o que nos aconselha o irmão Lourenço; o tempo é curto! A disciplina do espírito tem que ser iniciada *agora!*

PRIVILÉGIOS QUE PODEMOS PERDER

Se não começarmos logo essa disciplina, perdemos um bom número de privilégios que Deus reservou para nós, com o objetivo de nos proporcionar uma vida mais plena. Um deles, por exemplo, é que nunca aprenderemos a ter uma perspectiva eterna e infinita da realidade, e que, pela maneira como Deus nos criou, deveríamos ter. Nossa capacidade de julgamento ficará substancialmente reduzida.

Davi nos revela um pouco dessa perspectiva da eternidade quando fala que "os reis da terra" criam movimentos e sistemas com os quais pretendem destronar a Deus (Sl 2.2). E se ele não tivesse uma perspectiva correta sobre um Deus eterno e soberano, que ele descreve como estando nos céus rindo dessas inúteis maquinações dos homens, ele poderia ter

ficado intimidado com esses reis e seus movimentos. Mas o que aconteceu? Ele não teve medo; mas quem não tiver essa visão da eternidade, poderá temer.

Um segundo privilégio que não teremos, se o setor central de nosso interior não estiver disciplinado, será uma amizade vital e vivificante com Cristo. E nisso Davi também é um bom exemplo; ele teve plena consciência de que perdera seu contato com Deus, ao pecar com Bate-Seba. E não suportou por muito tempo essa situação; foi logo correndo para Deus, com um brado de confissão e uma súplica de restauração. Aquela intimidade com o Senhor era de enorme importância para ele.

Um terceiro privilégio que perderemos por causa de um espírito em desordem é *o temor que nos advém de nosso senso de responsabilidade diante de Deus*. Começaremos cada vez mais a nos esquecer de que tudo que temos e somos vem de suas bondosas mãos, e cairemos no erro de pensar que tudo é nosso. Foi o que aconteceu com Usias, rei de Judá, que gozava de um belo relacionamento com Deus, mas depois deixou que isso acabasse (2 Cr 26). Em conseqüência desse erro, seu orgulho aumentou, o que o levou a um vergonhoso declínio. Começara como um herói, mas terminou como um louco. E o que provocou tudo foi o caos e a desordem que se estabeleceram em seu espaço interior.

Em quarto lugar, a ausência de ordem em nosso espírito implicará também na perda da consciência de nossas verdadeiras dimensões em relação ao Criador. E, assim sendo, esquecemos nosso valor perante Deus e nossa condição especial de filhos dele. Quando nos esquecemos dessas coisas, caímos nos erros cometidos pelo Filho Pródigo, e acabamos fazendo uma série de decisões desastrosas, com dolorosas conseqüências para nós.

E, por último, não ter ordem no âmago de nosso ser geralmente nos deixa com poucas reservas espirituais e pouca energia para suportarmos os momentos de crise: os fracassos, humilhações, o sofrimento, a morte de um ente querido, ou a solidão. Foi essa a situação desesperadora em que se encontrou Rutledge. Mas como foi diferente a situação de Paulo na prisão romana! Todos o haviam abandonado, por razões válidas ou não, mas ele tinha certeza de que não estava sozinho. E de onde lhe vinha essa certeza? Vinha dos seus muitos anos de disciplina espiritual, durante os quais cultivara seu jardim, criando um lugar onde podia se encontrar a sós com Deus, por pior que fossem as adversidades do mundo exterior.

O QUE SERÁ PRECISO?

Quando cultivamos bem esse jardim e o Espírito de Deus se acha presente nele, as colheitas se tornam regulares. E que frutos colhemos? Colhemos bens tais como coragem, esperança, amor, resistência, gozo e muita paz. Temos também uma inusitada capacidade de exercer autocontrole, a habilidade de saber discernir o mal e descobrir a verdade. É como diz o autor de Provérbios:

"Porquanto a sabedoria entrará no teu coração, e o conhecimento será agradável à tua alma.

"O bom siso te guardará e a inteligência te conservará." (Pv 2.10,11)

Richard Foster faz uma citação de Thomas Kelly, um dos autores que mais aprecio, que diz o seguinte:

"Todos nós sentimos o peso de muitas responsabilidades, e procuramos cumprir todas elas. E nos sentimos infelizes, intranqüilos, constrangidos, oprimidos, receosos de sermos incompetentes... Às vezes temos a impressão de que existe uma forma melhor de viver, uma vida mais rica e mais profunda, diferente dessa existência apressada que levamos; uma vida de calma serenidade, paz e poder. Se ao menos pudéssemos refugiar-nos nesse recanto tranqüilo!... E já vimos pessoas e conhecemos algumas que aprenderam a viver nessa atmosfera, onde os diversos interesses da vida, às vezes tão opressivos, acham-se bem integrados, onde se pode dizer "não" e "sim", com toda segurança." ([21])

Kelly exprime isso muito bem. Ah, se pudéssemos refugiar-nos nesse recanto tranqüilo!

Em todos esses séculos de cristianismo, os grandes místicos cristãos foram os que levaram mais a sério essa questão da disciplina espiritual. Eles a estudaram, praticaram-na, e, em alguns casos, a levaram a extremos perigosos e doentios. Mas o fato é que sabiam que regularmente precisavam afastar-se um pouco da rotina da vida, para buscar a Deus em seu jardim interior. E eles nos revelaram que os cultos e as cerimônias religiosas não eram o lugar mais apropriado para isso. Cada crente teria que encontrar seu próprio santuário, suas águas tranqüilas, seu jardim interior, diziam eles. Não havia outra alternativa.

Jesus foi uma pessoa que sem dúvida cultivou essa disciplina do espírito. Davi também a buscou, sabemos disso. E assim também fizeram os apóstolos, e assim fez Paulo, que disse o seguinte a respeito de suas atividades rotineiras:

"Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar.

"Mas esmurro o meu corpo, e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado." (1 Co 9.26,27)

E será que hoje não "barateamos" um pouco essa disciplina espiritual? Conversamos sobre a importância da "hora silenciosa", um momento devocional diário, que muitas vezes está reduzido a um sistema ou método rápido e super-simplificado. E resumimos tudo a uns dez, ou trinta minutos de exercício espiritual, dependendo da quantidade de tempo de que dispomos. E além disso, utilizamos manuais de estudo bíblico, manuais devocionais, livretes devocionais e listas de oração bem organizadas. Tudo isso é muito bom — acho que é até melhor que nada — mas está longe de ter a mesma eficiência da comunhão espiritual que os místicos ensinavam.

Não faz muito tempo, uma importante revista evangélica me contatou para pedir que passasse um dia em companhia de um notável líder evangélico de outro país, que se achava em visita à nossa cidade, Boston. Queriam que eu o entrevistasse, procurando saber tudo que pudesse a respeito dele, para que os leitores tivessem maior conhecimento de sua pessoa. Liguei para aquele líder, solicitando permissão para a entrevista.

— E sobre o que deseja conversar? indagou.

— Pensei que poderíamos conversar sobre suas experiências de pregador, escritor, teólogo, respondi. Talvez pudéssemos falar também sobre suas opiniões acerca da família, amizades, de sua prática espiritual...

— Sobre minha prática espiritual? interrompeu ele.

— É, respondi. Muitas pessoas gostariam de saber alguma coisa sobre seus métodos de comunhão com Deus, expliquei.

E nunca mais esquecerei a resposta que me deu.

— Essa faceta de minha vida é muito íntima; não posso falar dela com ninguém.

Ainda acho que muitos de nós, obreiros mais jovens, poderíamos aprender muito com a experiência daquele homem; contudo entendi o que ele estava querendo dizer. Esse aspecto do seu mundo particular era exatamente o que o nome dizia: exclusivamente particular. Havia sido cultivado "em secreto", e iria continuar assim. Somente ele e Deus partilhavam desse mundo — sozinhos. Não poderia reduzi-lo a um sistema de regras para ser utilizado por outros.

O que será preciso para que comecemos a cultivar o jardim interior de nosso mundo particular? Será que precisaremos passar por grandes sofrimentos? Parece que é isso que a história está sempre revelando: as pessoas só buscam a Deus quando se acham sob grandes tensões, e não têm mais ninguém a quem recorrer. Os que se acham cercados de "bênçãos" tendem a se deixar levar pelas correntezas da vida. E é por isso que às vezes questiono a aplicação da palavra bênção a certas situações. É claro que algo que faz com que negligenciemos o cultivo de nosso jardim interior não pode ser de fato uma bênção.

Será que só apreciaremos a importância desse espaço interior quando nos virmos diante da morte, ou da derrota, ou de humilhações? Mas a ordenança está aí, e está também o exemplo dos grandes santos de Deus, na Bíblia e na história da Igreja. Quando pomos em ordem nosso mundo espiritual estamos, com isso, preparando um lugar para Deus, onde ele possa entrar e falar conosco. E quando ouvirmos sua voz, veremos que é diferente de tudo que conhecemos. Foi isso que Howard Rutledge aprendeu. Mas primeiro teve que passar pela terrível experiência de ser prisioneiro de guerra.

O irmão Lourenço diz: "Comecemos logo!"

Thomas Kelly nos aconselha: "Refugiemo-nos nesse recanto!"

Cristo nos diz: "Aprendei de mim!"

Como é que se dá esse disciplinamento do espírito?

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque não tenho receio de ficar na presença de Cristo, sozinho, em silêncio.

11. Sem Necessidade de Muletas

O ex-missionário metodista na Índia, E. Stanley Jones, quando já bem idoso, sofreu um derrame que o deixou paralítico e com deficiência na fala. Mas não o deixou sem fé. "Não necessito de muletas para minha fé", escreveu ele nessa ocasião, "pois é minha fé que me sustenta." Mas ele constatou também que, infelizmente, nem todas as pessoas que conhecia tinham a mesma estabilidade espiritual.

> "Certa vez eu estava conversando com um bispo aposentado. Ele se sentia muito frustrado. Confessou-me que estava frustrado porque não se achava mais à luz dos holofotes de seu bispado. Queria saber o segredo da vida vitoriosa. Respondi-lhe que era nossa rendição pessoal a Cristo. *O fato* básico da vida era entregar nosso ser a Jesus Cristo. O que importa realmente é a consistência daquilo que nos sustem interiormente. O que acontecera é que, com a aposentadoria, os cordéis externos haviam rebentado, e os interiores não estavam sendo suficientemente fortes para sustentá-lo. Ao que parecia, aquele homem sofria de uma "holofotite", não estava de fato rendido a Jesus Cristo. *Felizmente, no meu caso, o fator básico de minha vida era a entrega pessoal que fizera a Jesus Cristo, e, apesar de meus cordéis externos terem rebentado por causa do derrame, minha vida não foi abalada*." ([22]) (Grifo meu)

Jones havia entendido bem o que Thomas Kelly quer dizer quando nos conclama a nos abrigarmos nesse recanto. E quem não gostaria de ter uma perspectiva igual à de Jones, possuir essa grande força interior? Mas quantos não estão destinados a cair na mesma armadilha que aquele bispo armara para si mesmo, ao negligenciar seu jardim interior? Como é que se cultiva esse jardim?

Como meu principal objetivo neste livro não é fazer um estudo das práticas devocionais, não irei abordar aqui todos os modos pelos quais podemos fortalecer o espírito. Mas selecionei quatro atos devocionais de importância fundamental que, pelo que tenho observado, muitos crentes estão negligenciando. São os seguintes: a busca do *isolamento e silêncio*; *ouvir a voz de Deus* regularmente; a experiência da *reflexão e meditação;* e *a prática da oração, em louvor e intercessão*.

SILÊNCIO E ISOLAMENTO

Henri Nouwen comenta que os monges do deserto entenderam a importância de uma atmosfera de silêncio para o cultivo do espírito, pois gritavam uns para os outros: "*Fuge, terche, et quisset*" — silêncio, isolamento e paz interior.

Poucas pessoas percebem como é terrível a pressão do barulho que nos cerca. Ele rouba de nós o silêncio e o isolamento de que necessitamos para cultivar o jardim interior. E não é de todo improvável que o arquiinimigo de Deus tenha tomado providências para cercar nossa vida, de todos os lados, pelos ruídos da civilização; ruídos que interferem em nossa existência, e que, se não forem abafados, fatalmente sufocarão a voz de Deus. Quem anda com Deus sabe muito bem que ele, de um modo geral, não grita para se fazer ouvir. Como o próprio Elias constatou, Deus, nesse jardim, fala em sussurros.

Visitei recentemente um trabalho missionário na América Latina, onde vi os operários construindo um estúdio de som para uma estação de rádio. Eles estavam tomando todos os cuidados necessários para que a saleta ficasse bem à prova de ruídos, para que os barulhos da rua não viessem atrapalhar as gravações nem os programas que seriam transmitidos dali. Nós também precisamos aprender a tornar nosso coração à prova de ruídos, para que os barulhos do mundo exterior não impeçam que ouçamos aquilo que Deus tem a nos dizer. Gosto muito das palavras seguintes de Madre Teresa de Calcutá:

> "Precisamos encontrar Deus, mas não iremos encontrá-lo se estivermos cercados de barulho e desassossego. *Deus é amigo do silêncio*. Observe como os elementos da natureza — as árvores, as flores, a relva — crescem em silêncio; veja como as estrelas, a lua, e o sol se movem silenciosamente... quanto mais nos entregarmos à oração silenciosa, enriquecendo-nos espiritualmente, mais valores espirituais teremos para transmitir a outros. *Precisamos do silêncio para sermos capazes de falar à alma dos homens*. E o mais importante aí não é o que dizemos, mas o que Deus fala a nós, e, por nosso intermédio, fala a outros. Todas as nossas palavras serão inúteis se não vierem de dentro de nós. Palavras que não espalham a luz de Cristo só servem para aumentar as trevas." ([23]) (Grifo meu)

O mundo já está demasiadamente cheio de ruídos, de músicas intermináveis, de conversas incessantes, de horários tomados. Em muitas casas, há um aparelho de som estereofônico em cada aposento. Há sons nos carros, nos escritórios, nos elevadores. Hoje em dia quando telefonamos para o escritório de algum amigo, costumam colocar lá uma música de fundo para irmos ouvindo enquanto esperamos que atendam. E estando assim tão cercados de ruídos, como é que podemos nos recolher a um canto, e escutar aquele cicio tranqüilo e suave da voz de Deus?

E parece que já estamos tão acostumados com o barulho que, quando ele cessa, isso nos incomoda. Na congregação, por exemplo, quando há silêncio, as pessoas não conseguem ficar quietas mais que um ou dois minutos. Tem-se a impressão de que alguém cometeu algum erro, ou esqueceu alguma coisa que tinha de ser feita. A maioria das pessoas não consegue passar nem uma hora sem ouvir ou sem dizer algo.

E com relação ao isolamento podemos ter o mesmo problema. Não é somente o silêncio que nos incomoda; a solidão também é um peso. São poucas as pessoas que se sentem bem em condições de total isolamento. Mas o fato é que precisamos desses ocasionais períodos de recolhimento. Temos que buscar o isolamento, abandonar um pouco nossa rotina, afastar-nos das pessoas, das demandas do mundo exterior, para entrarmos em contato com Deus em nosso jardim. E em reuniões públicas, em cultos grandiosos, esse contato é praticamente impossível.

Nouwen cita Thomas Merton, um estudioso dos místicos dos primeiros anos do cristianismo, pessoas um tanto estranhas, que muitas vezes levavam a extremos a idéia do isolamento. E o que Merton diz sobre eles é muito interessante. Por que buscariam o isolamento? Diz ele:

> "Eles sabiam que, enquanto estivessem vivendo com altos e baixos, em meio aos escombros (da humanidade), não teriam a menor condição de ser uma bênção para outros. Mas assim que pusessem os pés em terra firme, tudo mudaria. Aí teriam não somente a capacidade de colocar o mundo todo numa posição segura como a deles, mas também a obrigação de fazê-lo." ([24])

É interessante notar que no caso de Zacarias, pai de João Batista, o anjo lançou mão do silêncio para corrigir a mentalidade negativa revelada pelo velho sacerdote, ao saber que ele e sua esposa seriam pais. Já que não conseguia absorver a mensagem de Deus da forma como ela lhe viera, iria ficar mudo durante vários meses, e nesse meio tempo poderia meditar sobre ela. Por outro lado, quando sua esposa, Isabel, ficou ciente do que se passava, ocultou-se, diz a Bíblia. Ela fez isso em parte porque era costume das mulheres grávidas de sua época, e, em parte, penso eu, porque desejava refletir sobre as coisas estranhas que estavam sucedendo.

E nesse particular temos também o exemplo de Maria que, quando soube do papel que teria no nascimento de nosso Senhor, não saiu apregoando aquele ato de Deus, mas ficou em silêncio. "Maria, porém, guardava todas estas palavras, meditando-as no coração." (Lc 2.19) Então o nascimento de Cristo não esteve cercado apenas de cânticos e louvores de anjos, mas também de silêncio por parte das pessoas que teriam participação nele, e que precisavam isolar-se a fim de meditar nessa maravilha, e apreciá-la melhor.

Wayne Oates diz o seguinte:

> "O silêncio não é natural em meu mundo. E é bem provável que seja algo estranho no seu também. Portanto, se quisermos ter silêncio em nosso ruidoso coração, teremos que cultivá-lo... E só poderemos cultivar o silêncio em meio ao barulho de nosso coração, se dermos a ele o devido valor, se o apreciarmos de fato, se estivermos desejosos de fortalecê-lo." ([25])

Não foi fácil para mim conseguir silêncio e isolamento. Antigamente eu associava essas coisas a ociosidade, inatividade, e improdutividade. Assim que me encontrava a sós, minha mente era logo invadida por uma dezena de coisas que deveria fazer: telefonemas que precisava dar, documentos para arquivar, livros que planejava ler, sermões a serem preparados e pessoas que precisava visitar.

O menor ruído do outro lado da porta de meu gabinete de estudos era um elemento estranho a interromper minha concentração. Parecia que minha audição se tornara super-sensível. Conseguia até ouvir pessoas conversando do outro lado da casa. Minha curiosidade me levava a aguçar o ouvido para escutar o que diziam. E como meu gabinete fica contíguo à nossa área de lavar roupa, parecia que, no exato momento em que iniciava meu momento devocional, soava a sirene da máquina de lavar, avisando que as roupas estavam amontoadas num ponto só. E como todo mundo estava lá em cima, era eu quem tinha de ir lá e distribuir melhor as peças.

Mas mesmo quando havia silêncio na casa, ainda era muito difícil concentrar-me. Descobri então que precisava fazer um "aquecimento" espiritual. Teria que aceitar o fato de que, durante os primeiros quinze minutos, minha mente faria tudo que fosse possível para resistir ao isolamento. Uma das medidas que adotei foi iniciar o período de meditação lendo ou escrevendo alguma coisa relacionada com o assunto que estava estudando. Aos poucos, minha mente foi entendendo que nós dois (eu e ela) iríamos adorar a Deus e meditar, e quanto mais depressa ela entrasse em acordo com meu jardim interior, melhor seria.

Mas acredito que conseguir silêncio e isolamento será sempre meio difícil para mim, enquanto viver. Devo dizer, porém, que, com a passagem do tempo, já começo a colher os benefícios da prática do silêncio, pois meu desejo de gozar esses momentos vem aumentando mais e mais. Contudo ainda tenho de vencer aquela resistência inicial. Quando se é uma pessoa ativa por natureza, é muito difícil chegar a uma condição de perfeito recolhimento. Mas é um esforço necessário.

No meu caso, a melhor hora para o cultivo do silêncio e do isolamento é bem cedo de manhã. Então registro isso em minha agenda para aquele horário, antes que alguém me apareça com sugestões de outras atividades para ele. Para outras pessoas, o melhor momento talvez seja tarde da noite. O certo é que quem quiser pôr em ordem o setor espiritual de seu mundo interior precisa definir a hora e o lugar que melhor se adaptam ao seu temperamento.

OUVIR A DEUS

Moisés deve ter tido a sensação de receber um jato de água fria de madrugada quando, depois de passar alguns dias na presença de Deus no monte, desceu ao vale e encontrou os hebreus dançando ao redor de um

bezerro de ouro. Ele passara vários dias na presença da própria santidade, e seu espírito estava como que impregnado de um forte senso da glória e da perfeição divina. Agora aquele espetáculo! Ele ficou arrasado.

Como acontecera aquilo? Enquanto Moisés estivera no monte ouvindo a voz de Deus, seu irmão, Arão, o sumo sacerdote, estivera ouvindo a voz do povo. E a mensagem que cada um recebera decididamente era diferente da do outro. Ouvindo a Deus, Moisés recebera a revelação da lei da retidão. Ouvindo o povo, Arão escutou queixas, aspirações e exigências. Moisés desceu trazendo os padrões de justiça do céu, nos quais não se faziam concessões ao pecado. Arão havia cedido aos caprichos humanos. E ambos tinham estado ouvindo.

Então o cultivo de nosso jardim não se processa apenas nos momentos de recolhimento, em silêncio e isolamento. Outra forma de cultivá-lo é deliberadamente exercitar a disciplina de ouvir a voz de Deus, em meio à atmosfera desse recanto interior. Não conheço muitas pessoas que sabem ouvir a Deus. E as mais ocupadas têm grande dificuldade em aprender essa arte. Embora a maioria dos crentes logo aprenda a conversar com Deus, o fato é que não aprende a ouvi-lo.

Todas as vezes que abrimos as Escrituras e nos assentamos aos pés dos escritores inspirados que nos revelam ali os mistérios de Deus, estamos ouvindo o Senhor falar. E estamos ouvindo-o também quando, como vou explicar um pouco mais adiante, nos tornamos sensíveis aos toques do Espírito Santo que habita em nós. Ademais, quando escutamos uma pregação ou uma exposição de um instrutor bíblico, estamos ouvindo o Senhor.

E vale a pena refletir sobre tudo isso (para não dizer praticar). Mas nesta oportunidade eu gostaria de abordar um outro exercício espiritual que pode fornecer-nos a base para todas as outras formas de ouvir.

O Diário - um Modo de Ouvir a Deus

Estudando a vida dos grandes místicos e pensadores cristãos, percebi que um modo bastante prático de se aprender a ouvir a voz de Deus no jardim interior, é ter um diário. Compreendi que, com um lápis na mão, pronto para escrever, assume-se uma atitude de expectativa, e o espírito fica alerta, pronto para captar o que Deus quiser dizer-nos através de nossas leituras e meditações.

Fiz essa descoberta há quase vinte anos, quando lia a biografia de um grande homem de Deus. Essa pessoa tinha o hábito de registrar todas as suas experiências espirituais. E ali estava eu, sendo abençoado por essa sua prática, embora ele tivesse escrito aqueles fatos apenas para seu próprio benefício. A medida que o Espírito de Deus lhe falava, ele ia registrando as lições aprendidas. Como isso deve ter sido proveitoso para ele! Ali estavam guardados ensinamentos que sempre poderia voltar a ler, e ver como a mão de Deus operara em sua vida.

Outro fato que chamou minha atenção foi que muitos dos grandes homens e mulheres de Deus, de todos os séculos, tinham diários. Comecei a imaginar se eles não teriam descoberto nisso um maravilhoso instrumento para o seu desenvolvimento espiritual. Para satisfazer essa curiosidade, resolvi fazer a experiência, e dei início ao meu diário.

A princípio foi muito difícil. Sentia-me meio constrangido. Tinha receio de que ele se extraviasse e alguém pudesse dar uma lida para ver o que eu escrevia ali. Mas aos poucos aquela sensação foi desaparecendo, e senti mais liberdade para registrar nele os pensamentos que chegavam ao meu mundo interior. Coloquei ali meus sentimentos, temores, minhas sensações de fraqueza, minhas esperanças e as revelações pessoais de Cristo para mim. E quando me sentia vazio e derrotado também anotava isso no diário.

Pouco a pouco fui percebendo que aquilo estava-me ajudando a encarar de frente alguns aspectos do meu ser interior que nunca examinara com toda sinceridade. Agora, minhas lutas e temores não podiam mais ficar trancados no fundo do meu ser, ignorados. Eu os trazia à luz e procurava solucioná-los. Aos poucos fui percebendo também que era o Espírito Santo de Deus quem estava inspirando muitas das idéias que eu colocava no papel. Eu e Deus estávamos mantendo uma boa comunhão naquele caderno. Ele estava ajudando-me a "sondar meu coração", como diz Davi. Induzia-me a expressar verbalmente meus temores e a definir com clareza as minhas dúvidas. E sempre que eu agia com toda sinceridade com relação a essas questões, recebia, através da leitura da Bíblia ou da meditação, as repreensões, reprimendas ou confirmações de que tanto precisava. Mas esse processo só teve início depois que comecei a ter um diário.

Antes disso, minhas orações eram muito desconexas também, e eu não conseguia me concentrar bem (às vezes nem conseguia permanecer acordado por muito tempo depois que começava a orar). Cheguei a duvidar de que pudesse ter uma prática espiritual vigorosa, na intercessão e adoração. Mas nisso também o diário foi um excelente auxílio para mim, pois sempre que sentia que minhas orações estavam meio sem sentido, eu as escrevia ali. Assim elas ganharam mais coerência. Experimentei um grande gozo em registrar minha caminhada espiritual como crente, como discípulo de Cristo.

Uma importante contribuição do diário para minha vida espiritual foi o fato de registrar ali não apenas os bons momentos, mas também os maus. Quando vinham o desânimo e o desespero, conseguia descrever meus sentimentos com mais clareza, e relatar como o Espírito de Deus, afinal, me dava sua bênção para fortalecer uma decisão tomada. E gosto muito de reler essas passagens, pois me levam a louvar a Deus pelo seu poder que se manifesta em meio às minhas fraquezas.

Recordo-me da ocasião em que o Senhor ordenou aos israelitas que guardassem uma "tigela de maná" (Êx 16.33 — BV), para que tivessem sempre consigo uma recordação tangível do cuidado de Deus para com eles. Pois o diário tornou-se a minha "tigela de maná", já que nele estão

depositados muitos testemunhos da fidelidade de Deus para comigo. Essa é uma das vantagens do diário — recordar as bênçãos —, por sinal muito importante para nós.

Hoje, passados vinte anos, já se tornou hábito escrever no diário. É raro o dia em que não registro ali as lições que Deus está-me ensinando através de leituras, meditações e experiências diárias. E ao abrir o diário abro também meus ouvidos. Se Deus estiver querendo falar alguma coisa, quero estar pronto a ouvir.

Quando o pregador inglês, W. E. Sangster, era jovem, esteve muito preocupado com a atmosfera espiritual da Igreja Metodista da Inglaterra. Pensando no papel que iria exercer futuramente na liderança da igreja, recorreu ao diário para aguçar a mente. Nele, Sangster registrava seus pensamentos mais íntimos, suas meditações, e captava o que Deus lhe falava ao coração. Lendo os pensamentos dele hoje, várias décadas depois, podemos perceber como ele usou seu diário para colocar seu mundo interior em ordem, para que, mais tarde, fosse usado por Deus para pôr em ordem o mundo que o cercava. Certo dia, ele escreveu o seguinte:

> "Sinto que Deus está me chamando para trabalhar com ele no sentido de buscar um avivamento para esse ramo da Igreja, sem me preocupar com as conseqüências que isso possa ter para minha reputação; indiferente aos comentários dos líderes mais velhos ou dos invejosos. Tenho trinta e seis anos. Se eu quiser realmente servir a Deus desse modo, não posso mais me furtar a essa missão. Tenho que realizá-la.
>
> "Examinei meu coração para ver se há nele ambição. Tenho certeza de que não há. Sei que serei alvo de muitas críticas e comentários maldosos, e detesto essas coisas. Preferiria ficar na obscuridade, estudando tranqüilamente meus livros, servindo às pessoas simples — mas pela vontade de Deus minha tarefa é esta...
>
> "Foi entre perplexo e incrédulo que ouvi a voz de Deus a dizer-me: "Quero falar aos outros por seu intermédio." O Deus, será que já houve outro apóstolo que se retraísse diante de sua missão mais do que eu? Não me atrevo a dizer "não" a ela, mas minha vontade é fugir, como fez Jonas.
>
> "Ajuda-me, Senhor! Ajuda-me, Senhor! Qual é a primeira tarefa? Chamar o metodismo de volta à sua verdadeira obra?" ([26])

Essas palavras de Sangster são um exemplo claro de como uma pessoa ouve a voz de Deus em seu mundo interior, através do diário. Ele colocou ali seus anseios para fazer distinção entre a ambição pessoal e um chamado genuíno. Fez um exame em seu coração para ver se encontrava nele evidências de que seus pensamentos se achavam em harmonia com os do Pai celeste. Lutou com suas dúvidas. E é interessante observar que, assim que teve a certeza de ter ouvido o sussurro divino, registrou ali a voz tranqüila e suave do Senhor.

Como Fazer um Diário

Sempre que menciono em público a vantagem de se ter um diário, percebo que muitas pessoas logo se interessam bastante, e fazem inúmeras perguntas. E as primeiras indagações geralmente são mais relacionadas com a técnica do diário, do que com outros detalhes. Como é seu diário? Com que freqüência faz anotações nele? Que tipo de fatos registra? Não seria apenas os registros dos acontecimentos de um dia? Você deixa sua esposa ler seu diário? Embora eu esteja longe de ser um expert no assunto, procuro responder da melhor maneira possível.

Faço meus diários em cadernos pequenos, do tipo colecionador, com folhas perfuradas, que compro numa papelaria que fornece artigos de escritório. Esses cadernos não têm nada de especial. Geralmente levo três meses para preencher um deles. A vantagem de se utilizar um caderno pequeno é que ele é mais fácil de carregar, mas não apenas isso. A maior vantagem é que se um deles se extraviar, perderei apenas uma pequena parcela de minhas anotações, e não um ano inteiro.

Faço anotações em meu diário quase todos os dias, mas não preocupo muito se passar um dia sem escrever nada. Tenho o hábito de escrever logo no início de meu momento devocional, o que significa que geralmente faço isso pela manhã, bem cedo.

E o que anoto nele? Primeiramente, coloco ali um relato do que me aconteceu no dia anterior: o que fiz, as pessoas com quem falei, as lições que aprendi, as sensações que experimentei, as impressões que recebi de Deus.

Como já disse, escrevo também minhas orações, quando sinto vontade de registrá-las, bem como as verdades que aprendo ao ler a Bíblia e outros livros, e as preocupações que tenho com relação à minha conduta pessoal. Gosto de registrar também os fatos que estou observando nas pessoas de minha família. Acredito que um dia meus filhos talvez venham a ler alguns desses cadernos, e se eu puder transmitir-lhes uma mensagem positiva pelas coisas que observo neles hoje, mesmo não estando mais aqui, isso será muito proveitoso para eles.

Todo esse processo é parte da prática de se ouvir a Deus. Quando escrevo, sempre penso que aquilo que estou registrando pode ser exatamente o que Deus está querendo dizer-me. Atrevo-me a acreditar que é o próprio Espírito de Deus quem guia meu pensamento na escolha das idéias sobre as quais medito ou que registro no papel. É muito importante sondar o coração para ver quais são as conclusões que ele está desenvolvendo ali, os assuntos que deseja trazer à minha lembrança, as verdades que deseja gravar em meu mundo interior.

Não faz muito tempo, estava meditando sobre um grande e novo desafio que se me apresentava em meu ministério, e coloquei em meu diário as seguintes palavras:

"Senhor, o que significa realmente para mim receber forças de ti? Eu, com minha mente tão pobre, meu espírito fraco, e um mínimo de disciplina? O que há em mim que poderias usar? Possuo alguns talentos, mas outras pessoas possuem mais e os empregam melhor que eu. Tenho algumas experiências, mas outros têm mais, e têm sabido aproveitá-las melhor. Então, o que tenho?

"Talvez a resposta esteja num comentário feito por (Hudson) Taylor: "Deus usa homens débeis e fracos, que, por isso mesmo, são obrigados a apoiar-se nele." Mas, Senhor, será que, apesar de reconhecer que sou fraco, serei suficientemente sábio para entender de onde vem o meu auxílio?

"Se o Senhor ordenar que eu realize essa tarefa, onde me apoiarei? E quanto às noites insones, quando estiver me sentindo sozinho? E quanto à tentação de buscar o louvor dos homens? de acreditar nos símbolos de liderança? Que meios posso utilizar para manter minhas opiniões sempre corretas, minha mente lúcida, meu espírito cheio de poder? E agora pergunto com toda a sinceridade, será que sou capaz de beber este cálice? O que poderá convencer-me de que é horrível a condição em que se encontram os perdidos? O que irá manter-me sensível à necessidade dos pobres? O que me levará a ouvir? Seria orar? Estudar mais? Cultivar a humildade? Nada disso, Senhor; só uma visitação tua!

Além de escrever no caderno a partir das primeiras páginas para o fim, escrevo também das últimas para a frente. Nas últimas páginas, anoto o nome das pessoas e problemas pelos quais estou intercedendo. Na primeira linha dessas páginas escrevo o seguinte: "Será que minha lista de oração revela as pessoas e projetos pelos quais tenho maior interesse?"

Nessas páginas do fim, copio também as passagens que mais me impressionam, dos livros que estou lendo. Gosto muito de relê-las. Algumas são orações; outras, meditações e comentários de cristãos famosos como São Tomás de Aquino, A. W. Tozer, Amy Carmichael, ou então textos da Bíblia.

Quando as anotações feitas a partir do início do caderno "encontram-se" com as que estão vindo de trás para diante, dou aquele caderno por encerrado, e começo a escrever em outro. E aquele é mais um volume que contém a descrição de minha jornada espiritual, com minhas lutas e experiências de aprendizagem. E minha pilha de cadernos está aumentando. Acho que, se um dia nossa casa se incendiar e eu perceber que todos os membros da família estão a salvo, a primeira coisa que tentarei pegar será esses cadernos.

Minha esposa lê meus diários? Acho que ela já tentou dar uma espiada neles. Mas, para falar a verdade, minha letra é tão ruim, que ela teria muita dificuldade para entender o que escrevo, ainda mais porque utilizo uma espécie de taquigrafia pessoal. Contudo nosso relacionamento é bastante profundo, e acredito que se ela os lesse, pouca coisa seria novidade para ela.

Para aqueles que receiam uma quebra de sua privacidade, gostaria de sugerir que procurassem um lugar onde pudessem guardar o diário de forma que ele fique bem escondido e não seja alvo do exame dos curiosos. Quem acha que é importante manter o diário em segredo sempre encontrará um modo de preservá-lo. Mas ninguém deve deixar de ter seu diário só pelo temor de que sua privacidade seja invadida; isso não é razão suficiente.

Quem conseguir manter um diário durante dez meses ou um ano, terá formado o hábito. O problema é que a maioria das pessoas desiste muito depressa, e não chega a criar o hábito de escrever no diário, o que é uma pena.

Quando viajo, sempre levo o diário. Com isso vou mantendo o registro das pessoas que conheço em cada lugar aonde vou, e, ao voltar ali, simplesmente dou uma olhada nele e recordo os detalhes da visita anterior, e retomo as amizades e conhecimentos que foram suspensos devido ao distanciamento.

Abordando a prática de se ter um diário, acabei falando também sobre relacionamentos pessoais. Realmente, isso é uma boa vantagem do diário. Mas o maior valor dele é que se torna um importante meio para ouvirmos aquela Voz suave que nos fala no jardim de nosso mundo interior. Ele é de fato um valioso auxílio para nosso recolhimento espiritual e nossa comunhão com o Pai. Quando estou escrevendo, às vezes tenho a impressão de que me acho em conversa direta com Deus. E fico também com a sensação de que o Espírito de Deus está dirigindo secretamente as palavras que escrevo, e minha comunhão com ele se processa num nível bastante profundo.

Penso novamente em Howard Rutledge naquele campo de prisioneiros de guerra. Todas as vozes que ouvia eram hostis; todo barulho que lhe chegava aos ouvidos trazia uma ameaça em potencial. Será que num lugar horrível como aquele pode-se ouvir uma voz amiga, um som agradável? Claro que sim; desde que aprendamos a abrir bem os ouvidos da alma, em nosso jardim interior. Nele se ouve o mais maravilhoso de todos os sons: a voz daquele que busca nossa companhia e deseja nosso crescimento espiritual. É como diz aquele velho hino:

> Ele fala, e o som de sua voz
> É tão doce, que os próprios pássaros cessam seu canto.
> (C. Austin Miles, No Jardim)

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque absorvo os ensinos de Cristo, e esses se refletem em minhas ações e atitudes.

12. Tudo Tem que Ser Interiorizado

Stanley Jones não foi sempre uma pessoa que, em seu leito de morte, pudesse dizer: "Os cordéis interiores são os mais importantes. Não preciso de muletas para minha fé porque é minha fé que me sustenta." O fato é que houve uma ocasião, ainda no início de seu ministério, em que ele passou por uma crise que provocou um "afundamento" temporário. E ficou mais de um ano padecendo com uma fraqueza espiritual e física. E mais tarde ele iria escrever: "O afundamento espiritual provocou um colapso físico. Esse afundamento exterior só ocorreu porque não tinha força interior para sustentar-me. Eu tinha feito um propósito de que nunca pregaria uma mensagem que não tivesse vivido, e assim o interior e o exterior juntos entraram em colapso." ([27])

Aquele que quiser ter disciplina espiritual — que eu chamo de cultivar o jardim interior — terá que estar disposto a buscar o silêncio e o isolamento, e a procurar ouvir a voz de Deus.

Mas tudo que ouvimos naquele momento de silêncio e isolamento tem que ser interiorizado. Para escrever este livro, estou recorrendo ao auxílio de um computador e a um programa de processamento de palavras. Quando comecei a lidar com meu computador, tive que aprender, entre outras coisas, a função de uma tecla de nome "enter". O manual de instruções dizia que eu poderia entrar com quaisquer dados na telinha do aparelho, mas enquanto não apertasse a tecla "enter" ele não "ouviria" nada, nem registraria nenhuma das palavras que eu havia datilografado. Todas as minhas palavras, por mais importantes que fossem, ficariam gravadas apenas na superfície da tela; só seriam registradas depois que eu "entrasse" com elas no coração ("memória") do computador.

Isso se dá comigo também: posso ouvir verdades, mas não "entrar" com elas em meu coração. Nem tudo que chega à minha mente vai obrigatoriamente para o meu coração.

Samuel Logan Brengle, um evangelista do Exército de Salvação, escreveu o seguinte acerca de sua disciplina espiritual:

> "Procuro ouvir muito. Sabemos que a oração não deve ser um monólogo, mas um diálogo. É uma comunhão, uma conversa entre amigos. Embora Deus se comunique comigo principalmente por intermédio de sua Palavra, o fato é que ele me transmite muito conforto, comunicando-se comigo de uma forma mais direta. Quando falo em conforto, não estou-me referindo a aconchego ou carinho, mas a segurança. Ele me dá certeza de sua presença ao meu lado, e de sua satisfação pelo meu serviço. É um conforto semelhante ao que um comandante militar dá a um soldado ou enviado que está partindo para uma missão difícil, quando diz: "Pode ir; pegue suas armas; estarei de olhos fixos em você. E vou enviar-lhe todos os

> reforços de que você precisar, no momento exato." Tenho grande necessidade desse tipo de conforto. Não vou supondo que Deus está perto de mim e se acha satisfeito comigo, e pronto. Preciso que ele me diga isso claramente todos os dias." ([28])

A Bíblia nos fala também de um outro Samuel, um garoto que estava morando no Tabernáculo, tutorado pelo sumo sacerdote Eli. À noite, ele escutou uma voz que o chamava pelo nome. Correu para a cama de Eli, pensando que este o chamava para fazer algum serviço. Mas não fora Eli quem o chamara, e o garoto retornou ao seu aposento. Mas o chamado voltou a repetir-se. Foi então que Eli entendeu tudo e orientou Samuel como deveria responder na próxima vez em que fosse chamado.

— Samuel, quando você ouvir essa voz de novo, responda da seguinte maneira: "Fala, Senhor, porque teu servo ouve." Em outras palavras, Samuel, aperte a tecla "enter".

Foi o que o garoto fez, e Deus lhe falou. E as palavras que Deus lhe disse penetraram em seu coração, e mudaram sua vida.

Então é assim que fortalecemos os cordéis interiores, como diria Stanley Jones: empenhando-nos para que as palavras de Deus penetrem no jardim de nosso mundo interior.

O primeiro passo de nossa disciplina espiritual, então, é buscar *o isolamento e o silêncio*; o segundo, é aprender a *ouvir a voz de Deus*. O terceiro passo é apertar a tecla "enter", o que se faz por meio da *meditação e reflexão.*

Existem alguns crentes que ficam um pouco incomodados e têm atitudes negativas para com essas palavras. Acham que essa prática pode abrir a pessoa para atividades não controladas, o que pode conduzir a terrenos perigosos. É que associam isso aos exercícios mentais em posições de Yoga, a atos em transe, e coisas assim.

Mas a verdade é que a Bíblia está cheia de passagens que levam à meditação e contemplação, e nos convidam a abrir o nosso mundo interior para elas. Dentre as mais conhecidas estão alguns trechos dos salmos, nos quais o escritor sacro converge sua mente para certos aspectos da Pessoa de Deus e de seu constante cuidado por seus filhos.

O salmista via as coisas por diversas perspectivas de meditação. Ele via Deus, por exemplo, como um pastor, como um general no comando de seu exército, ou como um instrutor espiritual.

Meditar seria o mesmo que sintonizar nosso espírito com as ondas celestiais. Lemos um trecho das Escrituras e o interiorizamos, permitindo que ele chegue aos mais profundos recantos de nosso ser. Isso geralmente produz diversos tipos de efeitos: purificação, senso de segurança, desejo de louvar a Deus e dar graças a ele. Por vezes, quando meditamos sobre algum aspecto da natureza de Deus ou sobre algumas de suas ações, nossa

mente se abre para perceber uma nova orientação ou para termos consciência de alguma revelação que o Senhor está nos dando.

Em seu livro de orações, John Baillie revela uma atitude de meditação, quando faz a seguinte oração:

> "Ó Deus todo-poderoso, neste momento de silêncio, estou em busca de comunhão contigo. Afastando-me das ansiedades e da agitação febril dos negócios do dia, deixando os ruídos dissonantes do mundo, o louvor e as acusações dos homens, os pensamentos confusos e os "nulos raciocínios" de meu próprio coração, agora me recolho um pouco para buscar a quietude de tua presença. Durante o dia todo fiquei a trabalhar e a labutar. Mas agora, no silêncio do coração e à clara luz de tua eternidade, gostaria de analisar a estampa que minha vida está produzindo." ([29])

É claro que só podemos nos entregar adequadamente à meditação quando conseguimos boas condições de privacidade e silêncio, e dispomos de um bom período de tempo. É meio difícil alguém meditar quando em um ônibus, ou dirigindo em meio ao tráfego de veículos — embora já tenha ouvido pessoas afirmarem que é nessas horas que exercitam sua disciplina espiritual.

Para muitas pessoas, é necessário um período de preparação antes da meditação. Quem já chegou em casa cansado após um momento de exercitamento físico, ainda com a respiração ofegante, sabe que é praticamente impossível sentar-se e ficar quieto logo em seguida. A pessoa está ofegante e meio sem fôlego, e não consegue ficar sentada em silêncio; será preciso aguardar alguns minutos. O mesmo se aplica à meditação. Muitas vezes entramos no aposento para nos encontrarmos com Deus quando ainda estamos emocionalmente sem fôlego. De princípio, é difícil nos concentrarmos e elevar nosso pensamento a Deus. Primeiramente, temos que nos relaxar um pouco, em silêncio, enquanto nossa mente se adapta à atividade espiritual do ambiente do jardim. É claro que isso exige algum tempo — e algumas pessoas não querem despender esse tempo.

A Bíblia sempre foi para nós, os crentes, a principal fonte de revelação de nossa fé, e na qual devemos meditar. Mas eu gostaria de acrescentar que, para nosso crescimento espiritual, precisamos ler também os clássicos da literatura cristã. Em todos estes séculos de cristianismo, alguns homens e mulheres fizeram registros de seus atos devocionais, das lições que aprenderam, para que pudéssemos lê-los. E embora esses livros não tenham o mesmo peso de autoridade que a Bíblia, o fato é que contêm boa quantidade de alimento espiritual.

No exercício da meditação e reflexão, temos que utilizar bastante a imaginação. Ao lermos o Salmo 1º, por exemplo, logo imaginamos uma árvore plantada junto a um rio. Como é essa árvore maravilhosa à qual o salmista compara a pessoa que anda com Deus? Lendo o Salmo 19,

deixamos nossa mente circular pelo universo, e ficamos a imaginar os corpos celestes a divulgar sua majestosa mensagem. Se lemos as passagens que descrevem o ministério de Jesus, vemo-nos, através da reflexão, bem no meio da narrativa: vemos o Salvador curar enfermos, ouvimos seus ensinos e atendemos às suas orientações. Em meditação, podemos como que pegar frases dos profetas e apropriar-nos delas; e talvez memorizar alguns trechos, permitindo que as palavras penetrem nos recessos mais profundos de nosso ser, quando as repetimos várias vezes. Com esses atos devocionais aprendemos novas e maravilhosas lições. É que a Palavra de Deus está penetrando em nosso mundo interior. E estando com a atenção toda voltada para a Palavra, podemos ter certeza de que o Espírito Santo guiará nossa mente na meditação.

Escrevendo a uma amiga americana, C. S. Lewis fala o seguinte a respeito da prática da meditação:

> "Todos nós passamos por períodos de sequidão espiritual na oração, não é mesmo? Mas não estou muito certo... de que isso seja, necessariamente, um mau sintoma. Algumas vezes penso que nossas melhores orações, as que nós consideramos melhores, na verdade, são as piores; e que aquela satisfação que temos nelas é a de um aparente sucesso, como a de uma pessoa que declama bem um poema, ou executa bem um passo de balé. Nossas orações às vezes falham porque insistimos em falar com Deus, quando ele está querendo falar conosco. Joy me contou que, certa vez, há alguns anos, ela passou a manhã toda com a sensação de que Deus queria falar-lhe alguma coisa; era uma sensação persistente, como o peso de um dever não cumprido. Até uma certa altura da manhã ela ficou pensando o que seria. Mas num dado momento decidiu não se preocupar mais, e foi nesse instante que recebeu a resposta, como se uma voz lhe falasse claramente. Era a seguinte: "Não quero que você *faça* nada. Quero dar-lhe uma coisa." Imediatamente seu coração se encheu de paz e alegria. Santo Agostinho diz que "Deus dá quando encontra mãos vazias." A pessoa que está com as mãos cheias de embrulhos não pode pegar um presente que lhe é oferecido. Esses embrulhos talvez nem sempre sejam pecados ou interesses deste mundo, mas podem ser nossas tolas tentativas de adorar a Deus à nossa maneira. E a propósito, as coisas que mais me atrapalham, quando estou orando, não são os grandes problemas, mas pequeninas coisas — coisas que terei que fazer ou terei de evitar depois, mais tarde." ([30])

Eis um bom exemplo de como se pratica a reflexão e meditação. Deus nos fala; nós ouvimos e a mensagem penetra em nosso coração. Isso reduz nossa necessidade de "muletas"; nosso jardim interior é cultivado. E assim o mundo interior se fortalece com a disciplina espiritual.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque comecei a praticar a disciplina de ver as pessoas e acontecimentos através da perspectiva de Cristo, para que minhas orações sejam o reflexo de meu desejo de estar em harmonia com as promessas e os propósitos do Senhor para tudo.

13. Vendo Tudo Pela Perspectiva de Deus

Bridget Herman, uma crente européia, escreveu, há mais de sessenta anos, um instrutivo livrete sobre fé contemplativa, no qual diz o seguinte:

> "Quando lemos a vida dos grandes homens de Deus, ficamos impressionados com a sensação de grande tranqüilidade que eles transmitem, ao mesmo tempo que demonstram notável capacidade de realização no reino de Deus. Parece que nunca estavam com pressa; tiveram relativamente poucas realizações, que não foram necessariamente notáveis nem importantes. E não pareciam nada preocupados com o alcance de sua influência. Contudo, parecia que sempre atingiam o alvo bem na marca. Todos os detalhes de sua vida causaram forte impacto. A menor das ações por eles praticadas revestia-se de grande distinção e beleza, que revelavam uma alma de artista. E não é difícil descobrir a razão disso. O valor espiritual deles estava no fato de relacionarem todos os atos de sua vida, até os menores, a Deus. Eles viviam em Deus; a motivação para todos os seus atos era sempre seu amor por Deus. Eram pessoas libertas da preocupação consigo mesmas, bem como de temores sobre as opiniões de outros. Deus via e dava a recompensa — o que mais podia interessar-lhes? Eles possuíam a Deus, e Deus os possuía. Era daí que provinha toda a imensa dignidade desses indivíduos humildes, tranqüilos, que parecem ter conseguido efeitos tão extraordinários, com "material" tão comum." ([31])

O quarto meio pelo qual podemos aprimorar nossa comunhão com Deus no jardim de nosso mundo interior é a oração, como forma de louvor ou de intercessão. Era isso que, segundo Bridget Herman, caracterizava os

grandes homens de Deus. "O valor espiritual deles estava no fato de relacionarem todos os atos de sua vida, até os menores, a Deus."

"A oração interior deve ser o último ato que praticamos antes de dormir, e o primeiro que fazemos ao despertar", diz Thomas Kelly. "E com o tempo, descobriremos, como aconteceu ao irmão Lourenço, que "aqueles que receberam o "sopro" do Espírito Santo, crescem espiritualmente mesmo quando estão dormindo." ([32])

Muitos de nós não sabemos o que é isso. Um dos mais difíceis exercícios espirituais para o crente é justamente orar diariamente, de forma disciplinada.

Muitos homens confessam, por exemplo, que uma das coisas mais difíceis para eles é orar com a esposa. Por quê? Não sabem responder. Alguns pastores, num momento de confidencia, revelam que às vezes se envergonham da condição de sua prática de oração. Também eles não sabem explicar direito por quê.

A impressão que tenho, depois de haver conversado com muitos crentes sobre esse assunto, é que uma das maiores dificuldades da vida cristã é justamente essa questão da adoração e intercessão. Ninguém nega que a oração seja muito importante; mas são poucas as pessoas que afirmam que sua prática de oração está se desenvolvendo adequadamente. E essa é uma das principais razões de tantas pessoas estarem com o jardim de seu mundo interior em desordem. É por isso que a maioria das pessoas não pode dizer como E. Stanley Jones: "Não preciso de muletas."

POR QUE TEMOS DIFICULDADE PARA ORAR

Por que tantas pessoas têm problemas nessa questão da oração? Gostaria de mencionar três razões prováveis.

A adoração e a intercessão não parecem ser atos naturais ao homem.

O homem, ao ser criado, tinha desejo de manter comunhão com Deus. Mas os efeitos do pecado como que embotaram grande parte desse seu impulso original. Por causa do pecado, uma atividade que era natural ao ser humano tornou-se uma função estranha para ele.

Sou de opinião que, quando o pecado afetou o homem da forma profunda como o fez, atingiu mais fortemente sua dimensão espiritual, ao passo que deixava seus apetites físicos quase intocados. É provável que nosso instintivo interesse por alimento, prazeres sexuais e segurança ainda sejam bem semelhantes aos originais. E acho que seria bom pensarmos que o homem, no seu estado original, sem pecado, possuía um forte desejo de ter comunhão com Deus, e que esse impulso era tão forte quanto o desejo que temos hoje de satisfazer nossos apetites e instintos, ou talvez mais forte. Mas essa forma espiritual, que antes era tão intensa,

enfraqueceu substancialmente sob a ação do pecado. É por isso que a adoração e a intercessão são atividades tão difíceis para nós.

Por causa disso, a prática de orar em profundidade encontra uma barreira em quase todos os aspectos de nossa natureza, e é um ato muito estranho à cultura que recebemos como forma de vida.

Esse é o ponto nevrálgico do problema. A maioria dos indivíduos não percebe o quanto recebemos de lavagem cerebral. Todos os dias nosso mundo interior está sendo bombardeado com mensagens no sentido de que qualquer atividade de natureza espiritual é pura perda de tempo. Desde a infância, estamos recebendo instruções que nos ensinam que a única maneira de se conseguir alguma coisa na vida é agir. E a oração parece uma forma de inatividade. A pessoa que não está com seu mundo interior em ordem acha que a oração não leva a nada.

Enquanto não estivermos seriamente convictos de que a oração é uma atividade de alta significação, e que ela de fato atravessa o espaço e o tempo chegando a um Deus que existe mesmo, não formaremos o hábito de adorar e interceder. Para isso, teremos que fazer um esforço consciente para superarmos esse nosso lado que acha que a oração não é uma atividade natural da vida.

A adoração e a intercessão são praticamente uma confissão de fraqueza.

Uma outra razão pela qual as pessoas têm dificuldade em se dedicar à adoração e intercessão é que essas práticas, pela sua natureza, são confissões de fraqueza pessoal. Quando oramos, bem no fundo de nosso jardim interior estamos reconhecendo que somos totalmente dependentes daquele a quem dirigimos a petição.

Não é muito difícil dizer que somos fracos; e podemos até dizer que dependemos de Deus para o nosso sustento. Mas a verdade é que há algo bem lá no fundo de nosso ser que não deseja reconhecer isso. Existe algo em nosso coração que nega veementemente que sejamos dependentes de quem quer que seja.

Uma coisa que tem me impressionado muito é o fato de que muitos homens não gostam de orar com a esposa, nem se sentem à vontade para dirigir uma reunião de oração num grupo misto. É muito comum ouvirmos as senhoras crentes reclamarem: "Meu marido não gosta de orar comigo. Não entendo por quê."

A razão disso pode estar no fato de que muitos homens de nossa cultura aprenderam que nunca devem demonstrar fraqueza, e nunca fazer nada que possa revelar tal coisa. E o fato é que a oração é a mais autêntica forma de reconhecermos que somos fracos e totalmente dependentes de Deus. Existe alguma coisa dentro do homem que percebe isso e ele inconscientemente resiste a uma identificação com a realidade de que é dependente.

Por outro lado, já observei também que a maioria das mulheres, pelo menos até recentemente, nunca teve dificuldade para reconhecer sua condição de fraqueza. E essa pode ser a razão pela qual elas se sentem mais à vontade em oração, do que os homens.

Quando o crente reconhece que precisa ter um relacionamento constante com Deus, para que se torne um ser humano ideal como Deus quer que seja — e é a finalidade para a qual foi criado — ele experimenta um grande crescimento espiritual. Compreender isso lhe transmite um forte senso de libertação.

O irmão Lourenço escreveu o seguinte:

> "Devemos examinar-nos com muita atenção para vermos quais são as virtudes que ainda não temos, quais as que se obtêm com mais dificuldade, bem como os pecados que cometemos com maior freqüência, e as ocasiões em que pecamos mais freqüentemente, os pecados em que inevitavelmente caímos. E, nesses momentos de batalha espiritual, temos que nos voltar para Deus em total confiança nele, temos que refugiar-nos na presença de sua divina majestade, adorá-lo com humildade, e apresentar-lhe as nossas tristezas e fraquezas. E assim encontraremos nele todas as virtudes, embora nós mesmos não as tenhamos." ([33])

Parece que o irmão Lourenço não tinha nenhuma dificuldade em encarar de frente suas fraquezas. E é por isso que sua comunhão com Deus era tão viva.

Às vezes a oração parece não dar resultados.

Uma outra razão por que muitas pessoas acham difícil orar é que às vezes a oração não parece dar resultado. Mas para que ninguém pense que estou negando um ensino básico das Escrituras, vejam primeiro o que tenho a dizer. Na verdade, eu creio, sim, que Deus atende às nossas orações. Mas a maioria dos crentes tem experiências nesse campo e sabe que as respostas de Deus nem sempre vêm na forma e na hora em que havíamos calculado.

Quando eu era jovem, costumava comentar com minha esposa acerca da minha perplexidade com relação a essa questão da resposta de oração. "Às vezes", dizia eu para ela, "parece que, quando oro pouco durante a semana, consigo pregar sermões poderosos. Mas em outras, quando acho que orei bastante, parece que faço minhas piores pregações. Então me diga, o que Deus quer que eu faça, já que não me abençoa de acordo com a quantidade de orações que faço?"

Como outros pastores, também já orei por enfermos, já pedi milagres, orientação, pedi a assistência dele. E com sinceridade, houve ocasiões em

que achei que ele ia atender-me com toda certeza, pois havia conseguido reunir muitos sentimentos de fé. Mas na maioria delas não aconteceu nada — e quando aconteceu, foi totalmente diferente do que eu imaginara.

Vivemos numa sociedade que é razoavelmente organizada. Colocamos uma carta na caixa do correio, por exemplo, e geralmente ela chega ao seu destino. Fazemos um pedido de um artigo qualquer num catálogo de amostras, e, de um modo geral, recebemos aquilo exatamente como queremos, na cor, número e modelo solicitados. Solicitamos um serviço a alguém, e esperamos que aquele serviço seja realizado daquela forma. Em outras palavras, estamos acostumados a receber as coisas que solicitamos da forma como as queremos. É por isso que a oração às vezes pode deixar-nos um tanto desanimados. Nunca podemos prever os resultados dela. Então, somos tentados a abandoná-la, vendo-a como uma prática pouco viável, e tentar obter nós mesmos os resultados desejados.

Mas a verdade é que nossa prática de oração não pode ficar diretamente na dependência dos fins que desejamos ou exigimos. Na atual fase de minha vida, tenho tido muitas oportunidades de ver que algumas das coisas que eu queria que Deus fizesse poderiam ter sido muito prejudiciais para mim. Estou começando a ver que a adoração e intercessão implicam mais em alinhar-me com os propósitos de Deus, do que pedir a ele que se alinhe com os meus.

Henri Nouwen explica isso de uma forma melhor quando diz:

> "A oração implica numa mudança total de nossos processos mentais, pois ao orar afastamo-nos de nós mesmos, de nossas preocupações, nossos interesses, nossa satisfação pessoal, e dirigimos para Deus tudo que consideramos nosso, com a firme confiança de que, pelo seu amor, tudo será renovado." ([34])

Naquela noite em que Jesus orou no Jardim das Oliveiras, um dia antes de ser crucificado, sua petição foi toda centralizada em sua identificação com os propósitos do Pai. Isso é orar com maturidade.

Muitas vezes, quando oro, já estou com as respostas na mente. Minha vontade é ter o controle das pessoas e situações pelas quais estou orando, e ponho-me a dizer para o Pai como quero que as coisas aconteçam. Ao fazer isso, na verdade, estou olhando para as pessoas e situações através de um prisma terreno, e não celestial. Nessa oração, dou a impressão de que sei mais que Deus, qual deve ser a melhor solução.

Thomas Kelly sugere que a maneira mais certa de orar seria assim: "Senhor, sejas tu a minha vontade." Talvez uma das mais puras orações que podemos fazer seja a seguinte: "Pai, concede que eu veja as coisas da terra pela perspectiva do céu."

E Kelly escreveu também o seguinte:

> "Quem tem a intenção de viver em total obediência, total submissão e total atenção a Deus, tem uma vida em toda sua plenitude. Suas alegrias são intensas, sua paz, profunda, sua humildade, a mais sincera, seu poder é capaz de abalar o mundo, seu amor é envolvente, e sua simplicidade, igual à de uma criancinha." ([35])

Foi pensando assim que consegui superar as dificuldades que encontrava para adorar e interceder, e que muitas vezes constituíam um verdadeiro obstáculo para mim. Não há como negar que a oração não é uma prática natural ao homem. Mas depois que Cristo entra em nossa vida, esse ato poderá passar a ser natural, se pedirmos a Deus poder para tal. É verdade que orar é dar mostras de fraqueza e dependência de Deus. Mas eu sou fraco mesmo. E quando encaro essa realidade torno-me mais forte. E é verdade também que as respostas de oração que recebo nem sempre são exatamente como eu esperava. Mas o problema não está na capacidade nem na sensibilidade de Deus, e, sim, na minha expectativa das coisas.

Agora, tendo diante de nós esses obstáculos, como podemos cultivar a disciplina da adoração e intercessão no nosso jardim?

CONVERSANDO COM DEUS

O lado prático da adoração e intercessão envolve três aspectos: o da hora — quando se ora; o da posição — como se ora; e do conteúdo — de que tratamos, nessas conversas com o Pai.

Cada pessoa gosta mais de uma determinada hora para seu momento devocional. Eu prefiro pela manhã. Mas tenho um amigo muito chegado que acha que a noite é a melhor hora. Eu começo o dia em oração; ele o encerra. Nenhum de nós tem argumentos irrefutáveis em favor de sua posição. Acredito que é uma questão de ritmo pessoal. O profeta Daniel resolveu o problema orando pela manhã e à noite — e ainda orava ao meio-dia também.

Quando inicio minha hora devocional, sinto que é praticamente impossível começar logo minha prática de adoração ou intercessão, assim que chego no meu local isolado. Lembra-se daquele princípio a respeito do momento em que se está ofegante? É muito difícil, quando não impossível, orar quando nossa mente ainda está cheia de pensamentos alheios ao assunto, ou quando se saiu de uma conversa, ou quando se precisa tomar decisões. Para se orar bem, temos que "reduzir a velocidade" mental, colocando-a num ritmo mais lento, reflexivo.

Para chegar a isso, geralmente começo lendo alguma coisa, ou então fazendo anotações em meu diário. Com isso, minha mente se condiciona ao

fato de querer me devotar ao meu exercício espiritual, e tem menos probabilidade de resistir quando passo à oração.

Existe uma postura certa para a oração? Talvez não, embora algumas pessoas queiram afirmar que sim. Nas culturas bíblicas, as pessoas, na maior parte das vezes, oravam de pé. Contudo a palavra *oração* no Velho Testamento contém a idéia de prostrar-se, e algumas vezes pode significar deitar-se totalmente no chão.

A. W. Tozer é um dos grandes homens de oração de nossos tempos. Contam seus amigos que ele tinha em seu gabinete um velho macacão, e quando ia orar vestia aquele macacão e se deitava no assoalho duro. Naturalmente, usava o macacão para que suas roupas não se sujassem. A posição adotada pelos muçulmanos é interessante e poderia ser experimentada. Eles se ajoelham e depois se inclinam para diante e encostam a testa no chão. Para mim essa postura é muito boa quando estou sonolento, pois me deixa mais alerta, mental e espiritualmente.

Às vezes oro caminhando de um lado para outro em meu gabinete; em outras ocasiões, simplesmente fico sentado. O certo é que podemos orar em todas as posições — e talvez fosse bom empregarmos todas elas, uma de cada vez, variando de tempos em tempos.

Quem quer dedicar-se seriamente à intercessão deve ter uma lista de oração. Eu tenho uma — embora não queira dizer com isso que seja um grande intercessor — e como já mencionei, faço as anotações dos pedidos nas últimas folhas do meu diário. Então, quando oro, revejo ali as minhas principais petições. Essa é a única maneira que conheço de apresentar diante de Deus, de maneira séria, aqueles indivíduos pelos quais Deus me deu um peso de oração. Nisso expresso meu amor e interesse por eles.

O CONTEÚDO DA ORAÇÃO

Sobre o que devemos orar? Vejamos uma passagem de uma oração de Samuel Logan Brengle, um evangelista do Exército de Salvação, que viveu no início deste século:

> "Senhor, não deixe que eu me torne mental e espiritualmente embotado e entorpecido. Ajuda-me a manter a fibra física, mental e espiritual, como de um atleta, como de um homem que se nega a si mesmo diariamente, toma sobre si a cruz, e te segue. Dá-me a vitória no trabalho, mas afasta de mim o orgulho. Livra-me de ser complacente comigo mesmo, um perigo que tantas vezes acompanha o sucesso e a prosperidade. Liberta-me do espírito da indolência, da auto-satisfaçâo, quando as enfermidades físicas e o enfraquecimento me atingem." ([36])

Não admira que Brengle fosse um evangelista tão eficiente em seu ministério. Ele sabia orar; sabia o que devia pedir a Deus. Não escondia nada. Mesmo num trecho curto, como esse, ele se expõe completamente. Seu biógrafo, depois de transcrever essa oração, acrescenta o seguinte comentário: "Orando assim todos os dias e a toda hora, o profeta manteve sempre vibrante o seu amor pela obra, manteve os olhos sempre voltados para um objetivo definido, e nunca perdeu essa postura, nem mesmo depois de velho."

Adoração

O primeiro ponto de nossa agenda espiritual, quando estamos conversando com o Pai em nosso jardim, deve ser adoração.

Como é que se adora na oração? Primeiramente, meditando sobre Deus como ele é, agradecendo-lhe pelo que já nos revelou a respeito de si mesmo. Adorar em oração é deixar que o espírito se delicie com as revelações divinas acerca dos atos praticados por Deus não só no passado, mas no presente também, e com o que nos ensina sobre si mesmo. A medida que vamos repassando essas coisas, com um espírito de gratidão e reconhecimento, vamos sentindo que, aos poucos, nosso espírito como que se expande, para receber toda a realidade da presença e da pessoa de Deus. Aos poucos, nossa consciência vai conseguindo apreender o fato de que o universo que nos cerca não é um sistema fechado ou limitado, mas pode ampliar-se conforme o desígnio do Criador. Ao praticar a adoração, estamos lembrando a nós mesmos como Deus é grande.

Confissão

À luz da majestade de Deus, somos levados a olhar para nós mesmos com toda sinceridade, vendo-nos como somos realmente, em contraste com a Pessoa de Deus. Este é o segundo aspecto da oração: confissão. A disciplina espiritual impõe que façamos regularmente um reconhecimento de nossa verdadeira natureza, e da de nossos atos e atitudes que não foram agradáveis a Deus, quando ele desejou ter comunhão conosco, ou nos deu alguma ordem esperando que obedecêssemos.

Atração de confissão, numa forma abreviada, é a seguinte: "Ó Deus, tem misericórdia de mim, pecador!" Temos que aprender a nos apresentar diante de Deus, diariamente, com o coração quebrantado, reconhecendo nossas imperfeições, nossa propensão para seguir os caminhos do pecado. Um fato que tem me deixado meio apavorado comigo mesmo é que estou sempre descobrindo pecados a níveis mais profundos, que antes não tinha percebido.

Faz alguns anos, eu e Gail compramos um sítio abandonado em New Hampshire, ao qual demos o nome de "Orla de Paz". Mas o ponto onde pretendíamos construir nossa casa de campo estava cheio de rochas e

pedras. Logo percebemos que teríamos muito trabalho para limpar tudo, e plantar ali grama e folhagens. E a família toda se empenhou na tarefa de preparar o lugar. No início, o serviço foi relativamente fácil. Não levamos muito tempo para remover as rochas grandes. Mas assim que as retiramos, descobrimos que havia muitas pedras menores para serem removidas. Então começamos outro trabalho de limpeza do terreno. Afinal, conseguimos tirar as pedras que ali havia. Mas foi aí que descobrimos que ainda restavam muitas pedrinhas que não tínhamos visto antes. Essa fase da tarefa foi bem trabalhosa e aborrecida. Mas não desanimamos, e afinal conseguimos terminar todo o serviço e deixar o terreno pronto para o plantio da grama.

Nossa vida interior é muito parecida com aquele terreno. Logo que comecei a buscar a Cristo seriamente, ele me revelou que muitos dos meus atos e atitudes habituais eram como aquelas rochas, e precisavam ser removidas de minha vida. E à medida que os anos iam passando, realmente consegui suprimir muitas daquelas pedras maiores. Mas assim que essas foram sendo tiradas, descobri uma outra camada de atos e atitudes que antes não havia identificado. Mas Cristo os viu, e apontou-os, um por um. E novamente teve início um processo de remoção. Finalmente cheguei a uma fase em que eu e Cristo estávamos cuidando das pedrinhas menores. Elas são por demais numerosas, e não consigo fazer um cálculo delas, e pelo que tenho sentido ficarei removendo essas pedrinhas até o fim de meus dias na terra. Todos os dias, no momento de minha disciplina espiritual, sempre encontro uma nova pedrinha, durante o processo de limpeza.

Mas antes de passar a outro comentário, preciso dizer uma outra coisa. Todos os anos, na primavera, depois que a neve derrete, descobrimos que apareceram mais pedras em volta da casa. Parece que elas estavam no fundo e foram aos poucos aflorando à superfície do terreno. E em determinado momento vão surgindo na terra, uma a uma. E algumas delas nos causam enorme frustração, pois à primeira vista parecem pequenas, mas quando vamos retirá-las vemos que não são. E então percebemos que existem muitas pedras no terreno, mais do que as que estamos vendo.

Minha pecaminosidade também é assim. Ela é constituída de pedras, pedrinhas e rochas que vão subindo para a superfície uma a uma. O crente que não praticar diariamente a disciplina da confissão em seu momento devocional ficará todo cercado delas. Agora entendo por que o apóstolo Paulo, já em idade avançada, dizia que era o principal dos pecadores. É que mesmo estando na prisão, e chegando ao fim da vida, ainda estava removendo pedras e rochas.

Às vezes tenho que sorrir quando converso com novos convertidos e eles me dizem que estão desanimados por estarem sentindo que há tanto pecado em sua vida. O próprio fato de estarem identificando esses pecados, e de sentirem repulsa por eles demonstra que estão crescendo espiritualmente. Existem muitas pessoas por aí que se dizem seguidores de

Cristo, mas que já há muito tempo não enxergam mais sua pecaminosidade. Vão a um culto no domingo, mas saem dali sem experimentarem o mínimo quebrantamento e contrição diante de Deus, que é o verdadeiro culto espiritual. Isso leva a um cristianismo de segunda categoria.

E. Stanley Jones escreve o seguinte acerca da importância da confissão em nossa disciplina espiritual:

> "Sei que existem muitas atitudes mentais, morais, emocionais e espirituais que são danosas para a saúde: raiva, ressentimento, medo, preocupação, desejo de dominar, excessiva preocupação consigo mesmo, sentimento de culpa, impureza sexual, ciúme, ausência de atividade criativa, complexo de inferioridade, falta de amor. São os doze apóstolos da saúde abalada. Então, *já* aprendi a entregar todas essas coisas a Cristo, em oração, à medida que vão aparecendo. Certa vez perguntei ao Dr. Kagawa: "O que é oração?" E ele respondeu: "Oração é auto-rendição." Concordo inteiramente. A oração é basicamente uma auto-rendição, uma rendição total, todos os dias. A oração ê tudo que sabemos que ela é e muita coisa que não sabemos. Quando digo "muita coisa que não sabemos" refiro-me ao futuro e aos problemas pessoais, à medida em que vão surgindo. Então, quando estou orando e um desses doze apóstolos aparece — e eles sempre aparecem, pois ninguém se acha totalmente imune a eles — já sei o que fazer com eles: não luto; simplesmente entrego-os a Jesus, dizendo: "Senhor Jesus, tome isso aqui." ([37])

O MINISTÉRIO DA INTERCESSÃO

Há um ponto em que todos os grandes homens de oração estão de acordo: só podemos começar a interceder depois que adoramos plenamente a Deus. Primeiro colocamo-nos em contato com o Deus vivo, e só depois estamos preparados para orar "pela perspectiva do céu", como diz Thomas Kelly.

O evangelista Brengle foi um homem de oração. Seu biógrafo escreveu o seguinte a seu respeito:

> "Na oração, ele dava o exemplo do que é comunhão. Ele tinha o hábito de se levantar entre quatro e cinco horas da manhã e passar pelo menos uma hora, antes do café, em comunhão com Deus. Só não observava esse horário quando estava doente.
>
> "O Dr. Hayes, que escreveu o livro The Heights o/Christian Devotion (Os picos da devoção cristã) e o dedicou a Brengle com as palavras "Ao evangelista Samuel Logan Brengle, um homem de oração", dá-nos a seguinte descrição dele:
>
> "Certa vez, quando Brengle esteve hospedado em minha casa, encontrei-o diversas vezes, de joelhos, com a Bíblia aberta sobre a cama ou a cadeira, lendo-a nessa posição. Ele dizia que, assim, ele

> transformava em oração tudo que ia lendo: "O Senhor, ajuda-me a fazer isso ou aquilo; ou não fazer isso ou aquilo. Ajuda-me a ser igual a esse homem, ou a evitar tal e tal erro." ([38])

Terminando a adoração, podemos começar a intercessão. Interceder geralmente significa orar em favor de outros. Em minha opinião é o maior dos ministérios que um crente tem o privilégio de exercer. E talvez seja também o mais difícil.

Você já notou que os melhores intercessores parecem ser as pessoas idosas? Por quê? Uma razão talvez seja que elas tiveram de simplificar suas atividades. Mas é possível também que as pessoas idosas já tenham percebido que um instante de intercessão é mais proveitoso do que horas e horas de atividade, sem oração. E naturalmente elas já devem ter aprendido, por meio de ensaios e erros, que a sabedoria está em se apoiar no confiável poder de Deus.

Nesses últimos anos, tenho-me empenhado em procurar dominar bem o ministério da intercessão, para ajudar a outros. Meu avanço nisso tem sido muito lento. Talvez essa seja a maior dificuldade de minha vida interior.

Quanto maior for a responsabilidade e a autoridade espiritual de uma pessoa, maior é a necessidade de que ela cultive a prática da intercessão. Mas isso exige muito tempo e também muita disciplina, coisa que muitos não gostam de exercitar.

Acredito que era disso que os apóstolos, a liderança da igreja primitiva de Jerusalém, estavam tratando em Atos 6, quando pediram que se escolhessem pessoas para assumirem a tarefa de cuidar dos órfãos e viúvas, para que eles pudessem consagrar-se "à oração e ao ministério da palavra". Observe que isso tem prioridade na vida desses homens, que eram indivíduos tão ocupados. Parece que estavam sendo obrigados a encurtar seu tempo dedicado à oração, e se sentiam muito preocupados com o fato.

Interceder significa, literalmente, colocar-se entre duas partes litigantes, e defender uma delas perante a outra. Será que existe um melhor exemplo de intercessão do que as orações de Moisés, que várias vezes se empenhou em cansativa petição em favor do inconstante povo de Israel?

Por quem intercedemos normalmente? Quem é casado, na certa, intercede pelo cônjuge ou pelos filhos. Mas interceder também significa ampliar o círculo de nosso interesse, e incluir nele os amigos, as pessoas pelas quais Deus nos responsabiliza, nossos colegas de trabalho, os irmãos da igreja e os vizinhos cujos problemas conhecemos.

Em minha lista de intercessão, há vários líderes evangélicos e organizações cristãs. Existem muitas pessoas que conheço e aprecio, mas devo confessar que oro por elas apenas ocasionalmente. Por outro lado,

existem outros cujos problemas e dificuldades são muito reais para mim, e as apresento a Deus em oração intercessória todos os dias. Essas pessoas também se sentem bastante reanimadas quando lhes digo: "Irmão, estou orando por você todos os dias."

Como eu mesmo tenho sentido o peso das responsabilidades na liderança evangélica, sei muito bem como nos sentimos fortalecidos quando sabemos que algumas pessoas nos apresentam ao trono de Deus, em oração intercessória todos os dias.

Interceder também significa levar em conta a ordem de Cristo com relação à evangelização do mundo. Para poder orar sistematicamente por todas as partes do mundo, dividi os continentes de modo a orar em favor de cada um deles num dia da semana. Domingo, oro pela América Latina; segunda-feira, pela América Central; terça-feira, pela América do Norte; na quarta-feira, oro pela Europa; na quinta-feira, pela África; sexta-feira, pela Ásia, e no sábado, pelas nações do Pacífico. Ao orar pelas diversas partes do mundo, menciono a igreja dessas regiões, os missionários que conheço, e aqueles que estão passando por sofrimentos de qualquer tipo.

A Bíblia nos orienta a apresentar a Deus também nossas próprias petições. Em minha opinião, nossos interesses devem vir em último lugar; mas isso é apenas um ponto-de-vista pessoal. Nesse particular, refiro-me a questões de minha vida acerca das quais é melhor pedir a Deus sabedoria, ou solicitar alguma bênção. Tenho estado em dúvida sobre até onde podemos pedir auxílio a Deus (alguns dizem que devemos pedir em tudo), e até onde ele quer que nós mesmos resolvamos os problemas. Acho que ainda não tenho uma resposta para isso. De todo modo, estou sentindo que, à medida que vou crescendo na fé, tenho orado menos por mim, e mais pelos outros. E quando oro por mim, tenho pedido mais recursos e capacidade para ajudar aos outros.

Esse jardim não deve ser negligenciado. Se deixarmos de cultivá-lo por um longo período ficará infestado de pragas, que o tornam repulsivo para o Senhor e para nós mesmos. Negligenciado, ele começa a se parecer mais com um depósito de lixo, do que com um jardim. E quando isso acontece, somos obrigados a lançar mão de recursos externos, para recebermos forças e orientação, e continuarmos seguindo em frente.

Foi por essa razão que Howard Rutledge enfrentou tamanha luta naquele campo de prisioneiros no Vietnã. Mas, pela graça de Deus, diz ele, conseguiu superar tudo. Entretanto, nunca se esqueceu do que significa ter que passar por uma provação daquelas, sem ter previamente cultivado o espírito em seu mundo interior.

Há um outro cristão notável deste século, que viveu uma experiência totalmente diferente em um campo de prisioneiros, na Segunda Grande Guerra. Trata-se de Eric Liddell, um atleta e campeão das Olimpíadas, e principal personagem do filme *Carruagens de Fogo*. Sua biógrafa fala que ele era altamente respeitado no Campo de Weinsen, na China. E qual era o segredo de sua extraordinária capacidade de liderança, de seu gozo e de

sua integridade, em meio a uma situação tão penosa como aquela? A escritora cita uma senhora que, juntamente com o marido, estivera no mesmo campo de prisioneiros, e que havia conhecido bem a Liddell, e diz o seguinte:

> "Qual era o segredo dele? Certa vez eu lhe perguntei isso, mas na verdade já sabia qual seria a resposta, pois meu marido estava no mesmo dormitório que ele, e partilhava da mesma situação. Todos os dias às seis horas da manhã, eles se levantavam, fechavam bem as cortinas para que a luz do lampião não fosse vista do lado de fora, e as sentinelas não pensassem que alguém estava tentando fugir, e, caminhando por entre os outros companheiros que ali dormiam, sentavam-se à uma pequenina mesa chinesa, com lume suficiente apenas para iluminar a Bíblia e os cadernos de anotações. E silenciosamente liam, oravam e meditavam sobre como deviam agir. *Eric era um homem de oração, que não orava apenas nas horas pré-determinadas, mas o tempo todo, embora não gostasse de perder nenhuma reunião de oração nem culto de ceia do Senhor, sempre que conseguiam realizar essas reuniões. Ele conversava com Deus o tempo todo, naturalmente; e qualquer um pode fazer o mesmo, desde que entre nessa* "*escola de oração*" *para aprender a palmilhar o caminho da disciplina interior*. Ele não parecia ter grandes problemas mentais; sua vida estava fundamentada na fé e na confiança em Deus." ([39])

Pôr nossa vida interior em ordem é cultivar esse jardim como fez Liddell. Com tal disciplina, obtemos um coração forte, do qual procede a energia que nos dá vida, como diz o escritor de Provérbios (4.23).

E. Stanley Jones estava com oitenta anos, e tinha sofrido um derrame que o jogara na cama, paralisara sua mão e prejudicara sua fala. Mas ele indagou de si mesmo: será que posso superar esta crise? E a resposta foi: certamente. "Os cordéis interiores são os mais fortes. Não preciso de muletas para sustentar minha fé."

QUINTA PARTE

Restauração

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque decidi introduzir o repouso sabático em minha vida tão corrida e agitada, a fim de experimentar o descanso que Deus estabeleceu para si mesmo e para os homens.

14. Um Descanso que Não é Mero Lazer

William Wilberforce foi um crente que viveu no início do século XIX, e era membro do parlamento inglês. Em sua ação política, ele ficou conhecido pela vigorosa luta que empreendeu no sentido de que o Parlamento aprovasse uma histórica lei, abolindo a escravidão no Império Britânico. E isso não foi um ato insignificante. Aliás, ele pode ser considerado um dos atos mais corajosos de um estadista na história da democracia.

Wilberforce levou quase vinte anos para conseguir formar uma coalizão de legisladores, e assim passar a lei anti-escravagista. Precisou coletar uma detalhada documentação acerca das injustiças e crueldades que eram praticadas na escravidão, a fim de persuadir os deputados — já que estes não queriam ferir os interesses econômicos da nação — e se fortalecer contra um bando de inimigos políticos que gostariam de vê-lo derrotado.

Esse homem devia possuir uma tremenda força espiritual e grande coragem moral. E um incidente ocorrido em 1801, alguns anos antes da assinatura da lei anti-escravagista, nos revela algumas coisas sobre a fonte dessa sua coragem e força.

O partido liderado por Lord Addington estava no poder, e, como o novo primeiro-ministro, Addington estava encarregado de formar um novo gabinete. A grande questão do momento da Inglaterra era a paz. Napoleão Bonaparte estava aterrorizando a Europa, e a preocupação geral era se a Inglaterra conseguiria ficar fora do conflito. Corriam rumores de que Wilberforce seria um dos indicados para uma pasta, e assim que soube disso ele começou a ficar ansioso para conseguir a nomeação, devido ao seu desejo de preservar a paz. Um dos recentes biógrafos de Wilberforce, Garth Lean, narra os fatos, e diz o seguinte:

> "Não demorou muito e Wilberforce estava totalmente dominado pela idéia da nomeação. Aquela idéia como que ficou a martelar em sua mente durante vários dias, expulsando todas as outras coisas. Ele mesmo confessou que começou a sentir "ondas de ambição", e isso estava debilitando sua alma." ([40])

Mas Wilberforce tinha o hábito de parar e fazer um balanço de tudo que lhe ocorria, e nessa situação essa prática seria indispensável. E, como diz Lean, "no domingo, veio a cura". Pois regularmente Wilberforce separava um dia certo para descansar.

O diário daquele estadista crente nos revela os fatos, pois contém um parágrafo escrito ao final daquela semana em que ele se sentira tentado a dar asas à sua fantasia, e a buscar altas posições políticas. "Graças a Deus

por este dia de descanso e de atividades espirituais, quando *as coisas da terra assumem suas verdadeiras proporções. A ambição foi sufocada*." (Grifo nosso.]

O descanso dominical era a forma pela qual Wilberforce efetuava o balanço de tudo que lhe acontecia; ele tinha compreendido o valor de um verdadeiro repouso. Tinha aprendido que aquele que separa um dia para descansar, e o faz com regularidade, tem mais probabilidade de manter a perspectiva correta da vida, e poupar-se de sérios danos como o de "queimar-se" ou sofrer um esgotamento.

Nem todas as pessoas que participavam da vida pública de Wilberforce aplicavam esse princípio em sua vida. Naquela época já havia pessoas viciadas em trabalho e hiperativas como nos dias de hoje. William Pitt, por exemplo, era um desses, e a seu respeito Wilberforce escreveu o seguinte: "Coitado, ele nunca disciplina sua mente fazendo uma parada nas "ruminações" políticas, que é a atividade mental que mais nos cega, mais nos insensibiliza e mais nos deixa amargos." Referindo-se a dois outros políticos que terminaram se suicidando, Wilberforce escreveu o seguinte: "Se tivessem descansado aos domingos, as cordas não teriam arrebentado, devido ao excesso de tensão."

Quando uma pessoa não entende perfeitamente o sentido de um genuíno descanso, de uma parada, como diz Wilberforce, em sua rotina diária, e não observa isso, não pode haver muita ordem em seu mundo interior. Isso sempre foi uma condição básica para uma vida saudável; mas infelizmente ele não tem sido apreciado por aqueles que são "impelidos" a buscar realizações e a obter mais e mais coisas.

PRECISAMOS DESCANSAR

Tenho a impressão de que somos uma geração cansada. A prova de que existe uma fadiga geral é o grande número de artigos acerca de problemas de saúde relacionados ao excesso de trabalho e exaustão. O vício do *trabalho* é uma expressão atual. Parece que, por mais que nos esforcemos para trabalhar, nesse nosso mundo tão competitivo, sempre há alguém disposto a dar algumas horas a mais de serviço.

E o mais estranho nessa fadiga geral, é que nossa sociedade é toda orientada no sentido de buscar o lazer. Temos até uma indústria do lazer, que, aliás, é uma das mais lucrativas de nossa economia.* Existem grandes firmas, organizações e cadeias de lojas especializadas em fornecer tudo que é necessário para que as pessoas se divirtam e se alegrem.

É provável que tenhamos mais tempo para o lazer que todos os povos do passado. Afinal, a semana de cinco dias é uma inovação relativamente recente. A sociedade abandonou o campo, a agricultura, pois

---

* O autor está-se referindo especificamente à sociedade norte-americana, mas o mesmo se aplica, de um modo geral, à nossa também. N.T.

lá sempre havia mais trabalho a fazer; e hoje podemos largar o trabalho, se quisermos, e buscar o lazer. Então, por que todos parecem tão exaustos? Será que essa fadiga é real? Será ela imaginária? Ou será que a atual forma da exaustão é uma prova de que não sabemos mais o que significa um verdadeiro descanso (que é muito diferente de lazer]?

Existe uma definição de descanso que precisamos descobrir e estudar — o sentido bíblico de descanso. Aliás, a Bíblia revela que Deus foi o primeiro que descansou. "E havendo Deus terminado no dia sétimo a sua obra, que fizera, descansou..." E no livro de Êxodo, Moisés faz um comentário ainda mais claro a esse respeito. Diz ele: "... porque em seis dias fez o Senhor os céus e a terra, e ao sétimo dia descansou e tomou alento." A tradução literal dessa última expressão seria: "E se alentou."

Será que Deus realmente precisa descansar? Claro que não! Mas ele tomou a decisão de descansar? Tomou. Por quê? Porque ele estabeleceu um ritmo para a criação que consistia de descanso e trabalho, e revelou isso quando ele próprio observou o princípio, dando assim um exemplo para todos. Desse modo ele revelou-nos um dos segredos básicos para termos ordem em nosso mundo interior.

Esse descanso não deveria ser considerado um luxo, mas, sim, uma necessidade para todos que desejam se desenvolver e alcançar maturidade. Como não compreendemos que isso é uma necessidade, acabamos pervertendo seu significado original e colocando no lugar desse descanso — do qual Deus deu o primeiro exemplo — coisas tais como lazer e divertimentos. Mas elas não servem para pôr em ordem o nosso mundo interior. Podem até serem práticas agradáveis, mas, na verdade, são para o mundo interior de uma pessoa o mesmo que algodão doce é para o seu estômago. Elas nos proporcionam um momentâneo soerguimento emocional, mas não duram.

Não quero dizer com isso que não goste da idéia de se buscar momentos de diversão, alegria, recreação. O que estou dizendo ê que essas coisas, por si só, não oferecem à alma o refrigério de que ela necessita. Embora proporcionem um momentâneo descanso ao corpo, não satisfazem a profunda necessidade de descanso que há em nosso mundo interior.

Alguns anos atrás havia um anúncio de um linimento que dizia que aquele produto penetraria profundamente nos músculos doloridos, aliviando dores e cansaços musculares. Pois o repouso sabático penetra até às camadas mais profundas do nosso mundo interior, atingindo as fadigas ali existentes. Os modernos divertimentos que nos são oferecidos não conseguem atingir essa fadiga profunda.

O SIGNIFICADO DO DESCANSO SABÁTICO

Fechar o Circuito

Na ocasião em que Deus descansou, ele tinha contemplado sua obra, ficara satisfeito com o fato de ela estar encerrada, e depois refletiu sobre o seu significado. "Viu Deus tudo quanto fizera, e eis que era muito bom." Isso ilustra o primeiro dos três princípios do verdadeiro descanso. Deus deu um sentido ao seu trabalho, e reconheceu que estava completo. E assim fazendo, ensinou-nos que é importante que gostemos de nosso serviço, e que o dediquemos a alguém.

Os projetistas dos sistemas de alta tecnologia empregam a expressão "fechar o circuito" para descrever uma fase completa em um circuito elétrico. Empregam essas palavras também quando querem dizer que terminaram uma determinada tarefa, e que tudo está devidamente encerrado, isto é, todas as pessoas que estão envolvidas no projeto foram consultadas ou informadas a respeito.

Então podemos dizer que, no sétimo dia, Deus "fechou o circuito" da sua atividade criativa básica. E ele a deu por encerrada, descansando e fazendo uma análise dela para ver o que havia realizado.

Portanto, o descansar é, primeiramente, olhar o que foi feito, é "fechar o circuito". Contemplamos o trabalho realizado e nos fazemos as seguintes perguntas: qual o sentido desse meu trabalho? Para quem eu o realizei? Como foi ele feito? Foi bem feito? Por que fiz esse trabalho? Que resultados espero disso ou o que recebi pelo trabalho?

Vamos explicar isso com outras palavras. O descanso que Deus instituiu tinha por objetivo, em primeiro lugar, levar-nos a uma *avaliação* de nosso trabalho, para buscar um sentido para ele, para sabermos a quem ele realmente é dedicado.

O irmão Lourenço era o cozinheiro do seu mosteiro. Mas ele aprendeu a dar um forte significado a todas as tarefas de seu dia de trabalho. Observe como ele conseguia enxergar não somente o sentido do trabalho que fazia, mas também um propósito para tudo.

> "Quando viro o omelete na frigideira, faço-o por amor a Deus. Depois que ele está pronto, se não tenho mais nada a fazer, ajoelho-me e adoro a Deus, que me concedeu a graça de prepará-lo. E quando me levanto dali sinto-me mais feliz que um rei. Se eu não puder fazer nada mais, basta-me apanhar um pedaço de palha por amor a Deus. As pessoas estão sempre procurando maneiras de aprender a amar a Deus. E se esforçam para isso com práticas as mais diversas. Elas se preocupam tanto em buscar a presença dele por vários meios. Seria melhor fazer tudo por amor a Deus, usar todas as tarefas que a vida nos impõe para demonstrar-lhe nosso amor e manter-nos em sua presença, pela comunhão de nosso

> coração com o dele; não seria um modo mais direto e rápido? Não há nada de complicado aí. Trata-se apenas de nos empenharmos nisso com sinceridade e simplicidade." ([41])

Acredito que a maioria das pessoas gostaria de poder gozar de momentos assim. Qualquer trabalhador gostaria de sentir que o trabalho que realiza tem algum sentido, tem importância e é apreciado por alguém. Mas embora todos desejemos isso, não achamos que seja tão importante, pois não paramos para buscar essa realização. Entramos logo num ritmo louco de trabalho, numa grande atividade, e vamos adiando a busca desse sentido e avaliação de nosso trabalho. E depois de algum tempo já aprendemos a passar sem essas coisas. Esquecemo-nos daquela proposição levantada: para que trabalho? E deixamos que o valor de nossa atividade seja medido apenas pelo salário que recebemos por ela. São poucos os que compreendem realmente o quanto tal atitude deixa nosso mundo interior seco e árido.

Um homem que aprecio muito recentemente foi despedido da empresa onde trabalhava, depois de vinte e dois anos de casa. Problemas econômicos forçaram a firma a fazer cortes em todos os departamentos. Como o serviço dele não era imprescindível à sobrevivência da empresa, ele foi despedido!

Mas esse meu amigo estava convencido de que, em poucos dias, seria contratado por outra empresa do mesmo ramo. Afinal, disse-me ele, tinha muitos conhecidos, uma folha de serviços muito boa, e uma longa experiência naquele setor. Não estava preocupado, dizia ele.

Mas os meses foram passando sem que recebesse ofertas de emprego. Os "conhecidos" como que desapareceram. Não recebeu nenhuma resposta para as entrevistas que dera, nem para os currículos enviados. E foi obrigado a ficar em casa, sentado, esperando o telefone tocar.

Certo dia, após vários meses de ansiedade, ele me disse:

"Esse negócio todo me fez pensar muito. Dediquei anos e anos de minha vida a esse serviço, e veja o que me aconteceu. Afinal, de que me valeu tudo isso? Rapaz, isso me abriu os olhos."

Abriu os olhos para quê? Esse meu amigo é um ótimo crente. Mas, como ele próprio confessou, seus olhos estavam fechados para o significado que sua carreira tivera para ele. Agora eles tinham sido abertos e ele via que trabalhara anos e anos sem indagar qual era o sentido de tudo aquilo, para que era aquilo, e qual era o resultado de seu esforço. Ainda não descobrira a prática da reflexão acerca do sentido bíblico de descanso.

O hábito de trabalhar sem descanso produz uma personalidade desinquieta. Quem trabalha incessantemente, sem fazer uma parada verdadeira para buscar o sentido e o propósito daquilo que faz, pode

aumentar bem sua conta bancária e melhorar sua reputação profissional. Mas seu mundo interior perde toda a vitalidade e alegria. Como é importante dar uma parada regularmente, "fechar o circuito" de nossa atividade!

Um Retorno às Verdades Eternas

Existe uma segunda maneira pela qual o descanso bíblico pode levar-nos a recolocar nosso mundo interior em ordem. Descansamos de verdade quando fazemos uma pausa em nossas tarefas rotineiras para fazer um levantamento das verdades e propósitos pelos quais estamos vivendo.

Todos os dias estamos sendo bombardeados por mensagens de outras fontes, que competem entre si para obter nossa cooperação e nosso trabalho. Somos empurrados e puxados em mil direções; somos desafiados a tomar decisões e formar opiniões, a fazer investimentos de nossos recursos e tempo em outras partes. Qual é o critério que usamos para fazer essas decisões?

Deus determinou que seu povo separasse um dia na semana para pensar seriamente nessa questão. Aliás, ele mandou que eles celebrassem uma série de festividades anuais durante as quais iriam recordar e honrar os principais temas das verdades eternas e atos divinos. Poderíamos chamar isso de "recalibrar" o espírito.

Quando nos lembramos como o coração humano é enganoso, como diz Jeremias, reconhecemos que é muito importante destacar as verdades que constituem o âmago de nossa vida. Estamos sempre sendo tentados a fazer distorções da verdade, a nos convencer de que o verdadeiro é falso e de que o falso é verdadeiro. Lembremos as palavras daquele hino:

> "Sou propenso a desviar-me, Senhor, sei disso.
> Propenso a afastar-me do Deus que amo...
> (Robert Robinson)

Esse hino faz uma reflexão sobre a nossa persistente tendência para nos afastarmos de Deus, a qual devemos estar sempre corrigindo por meio de uma constante avaliação de nossos pensamentos e valores à luz das verdades eternas reveladas pela Bíblia e pelos poderosos atos de Deus.

O teólogo judeu Abraham Joshua Heschel fez a seguinte apreciação a respeito do descanso na tradição sabática:

> "O objetivo do sabá é homenagear um dia, e não um espaço. Durante os seis dias da semana vivemos debaixo da tirania das coisas do espaço; no sabá, buscamos sintonizar-nos com a santidade do tempo. Nesse dia, somos convocados a participar da eternidade

> no tempo; a nos afastar um pouco das manifestações da criação, voltando-nos para o mistério da criação; deixando o mundo da criação para nos voltarmos para a criação do mundo." ([42])

Então, vamos perguntar a nós mesmos: isso está acontecendo em meu mundo interior?

As aduelas de nossa casa em Hampshire às vezes ficam bambeadas, devido às variações da temperatura, ora fria demais, ora quente. Por causa disso os pregos ficam frouxos e temos que ir lá dar umas batidas neles para que se fixem novamente. É isso que devemos fazer num período de verdadeiro descanso, "rebater" algumas coisas em nossa vida, seja na quietude de nossa casa, seja em meio a um culto, quando adoramos ao Deus vivo.

Uma das grandes vantagens de se recitar regularmente os credos tradicionais da Igreja Cristã é que assim reafirmamos as verdades básicas da revelação divina. Quando dizemos "Creio em Deus..." estamos rebatendo os pregos de nossas convicções e propósitos. E fazemos distinção entre aquilo em que cremos e que não cremos.

Isso acontece também quando entoamos os grandes hinos e recitamos certas orações. Nesses momentos estamos repregando os pregos espirituais, e colocando em ordem, no nosso mundo interior, um espírito que às vezes tende a vacilar. Então, nesse dia especial, separado para o descanso, fazemos reafirmações de nossa fé, quando separamos alguns momentos em particular para ler, meditar e refletir.

Minha esposa mostrou-me algo que ela escreveu em seu diário, com relação a essa questão.

> "Um maravilhoso domingo! Tenho lido muita coisa sobre o descanso sabático. Tenho sentido cada vez mais e com mais clareza que não estou obedecendo plenamente ao mandamento dado por Deus para que descansemos.
>
> "É uma lei que não nos oprime, mas que nos liberta. Pois ele me criou com a necessidade de descansar. E se vivermos de acordo com "as instruções do fabricante", estaremos mais preparados física e mentalmente para desempenharmos melhor nossa missão. É um dia em que devemos lembrar-nos também da pessoa de Deus, de como ele é. A cada sete dias, tenho que voltar a esse ponto de referência."
>
> "Don Stephenson comentou hoje que para ele, e para outras pessoas, o domingo é exatamente isso: um dia em que se volta ao prumo e se recebe ânimo para depois retornar à "lama"."

Sou de opinião que deveríamos fazer algumas perguntas sérias, tanto a nós mesmos como a nossas igrejas, para averiguarmos se estamos ou não observando o tipo de descanso que realmente resulta na reafirmação da verdade. É possível que nós e nossas igrejas estejamos tão enfronhados em atividades — com a melhor das intenções, é claro —, que na verdade

não estamos observando esse culto-descanso tão necessário ao nosso mundo interior.

Portanto, descansar não é apenas fazer uma análise do significado do trabalho realizado durante a semana e do caminho que percorremos nos últimos dias. É também revigorar nossa crença em Cristo e nosso compromisso com ele. É efetuar uma sintonia fina de nossos instrumentos internos de navegação, para que possamos nos orientar no mundo, por mais uma semana.

Definir Nossa Missão

Os dois primeiros sentidos do descanso sabático que estudamos acham-se relacionados com o passado e com o presente. O que vamos ver agora relaciona-se com o futuro. Quando observamos o descanso de acordo com o ensino bíblico, estamos reafirmando nosso propósito de colocar Cristo no centro de nosso amanhã. Meditamos sobre os nossos objetivos para a semana que se segue, para o mês e ano vindouros. Fazemos uma definição de nossas intenções bem como a dedicação do trabalho.

O General Patton sempre exigia que todos os soldados sob o seu comando conhecessem bem a missão que estavam realizando no momento, e soubessem explicá-la com clareza. "Qual é sua missão?" indagava ele com freqüência aos soldados. Para ele, o mais importante conhecimento que o soldado deveria ter era a definição de sua missão em combate. Sabendo isso, ele estava preparado para tomar decisões acertadas em cada situação, e assim executar bem o plano. É exatamente isso que estou fazendo quando pratico o descanso bíblico. Faço uma análise bem detalhada de minha missão. E já aprendi que todas as manhãs, antes de iniciar meu momento devocional, devo fazer uma pausa e perguntar: qual é minha missão hoje? Quem não faz a si mesmo essa pergunta, pelo menos de tempos em tempos, está se arriscando a cometer erros nas decisões e situações que tiver de julgar.

Jesus mesmo muitas vezes se retirou para lugares solitários. Enquanto outros buscavam o repouso do sono, ele buscava o descanso que consistia em refazer as forças espirituais e receber orientação para a fase seguinte de sua missão. Não admira que ele tenha enfrentado todos os embates sempre com renovada dose de sabedoria. Não admira que ele sempre tenha tido muita coragem para não revidar os ataques, nem se defender. Seu espírito estava sempre descansado, e seu mundo interior em ordem. Se não observarmos esse tipo de descanso, nosso mundo interior fica em total desordem e tensão.

A DECISÃO DE DESCANSAR

Charles Simeon foi um dos mais importantes ministros da Igreja da Inglaterra, vigário da Igreja da Santa Trindade, em Cambridge. Ele ocupou o

púlpito dessa igreja durante mais de cinqüenta anos, e o povo lotava o santuário para ouvi-lo, às vezes ficando em pé nos corredores.

Simeon era membro da junta diretora do King's College, da Universidade de Cambridge, e morava num dos apartamentos que davam para o pátio interno da escola. Seus aposentos ficavam no segundo andar do prédio, e havia ali uma porti-nhola que dava para o telhado. Simeon gostava de caminhar no telhado, orando — e essa era uma das maneiras como descansava fisicamente. Aquele trecho do telhado recebeu o apelido de "passarela de Simeon".

Simeon foi um homem muito inteligente, com muitas atividades. Tinha contato com os universitários de Cambridge, com sua numerosa igreja, com líderes de sua igreja e missionários de todo o mundo. Escreveu milhares de cartas (sem usar estenografia), publicou cinqüenta livros de sermões e foi membro fundador de várias organizações missionárias. Mas nunca deixou de arranjar tempo para esse descanso, de que seu mundo interior tanto necessitava.

Temos um exemplo de seu exercício espiritual num parágrafo que escreveu em seu diário, e que foi transcrito por Hugh Hopkins, um de seus biógrafos.

> "Passei o dia, como tenho feito nesses últimos 43 anos, em espírito de contrição; a cada ano que se passa percebo que tenho mais necessidade de períodos assim."

E Hopkins explica:

> "Para Charles Simeon, essa contrição não significava depreciar os dons que Deus lhe concedera, nem fingir que era uma pessoa totalmente sem valor, nem exagerar os pecados dos quais tinha consciência. Nesses dias, ele se colocava conscientemente na presença de Deus, e meditava sobre a sua glória e majestade, exaltando a misericórdia de seu perdão e a maravilha do seu amor. Eram essas coisas que o quebrantavam — não tanto a sua pecaminosidade, mas o incompreensível amor de Deus." ([43])

Apesar de suas grandes responsabilidades, Simeon teve uma vida de grande eficiência. Estou certo de que o segredo de sua resistência se deve, em parte, a uma disciplinada e consciente observação desse descanso sabático.

Para o judeu, o sábado era antes de tudo um dia. Era um dia separado, em obediência a Deus. Pela lei judaica, nesse dia era proibido qualquer tipo de trabalho; permitiam-se apenas as atividades que já mencionamos. Os crentes hoje não têm muita idéia de como o sábado era

importante para um judeu devoto. Vejamos o que eles pensam sobre isso. Há um panfleto turístico que traz um parágrafo que um rabino escreveu acerca do sábado.

> "Faça do sábado um monumento eterno ao conhecimento de Deus e à sua santidade, tanto em sua vida pública, com sua agitação, como no tranqüilo recesso de seu lar. Nos seis dias, cultive a terra e tenha domínio sobre ela... Mas o sétimo é o sábado do Senhor seu Deus... Todo homem precisa compreender que aquele Criador do passado hoje é o Deus vivo, (e que ele) observa os homens e todo o seu trabalho, para ver se eles usam ou abusam do mundo que lhes emprestou, e das forças que lhes concedeu, e que ele ê o único arquiteto, ao qual todo homem tem que prestar contas de seu trabalho semanal."

A grande mensagem que emana dessas palavras é a consciência que os judeus têm de que o ritmo do sábado é todo especial. Todas as tarefas têm que cessar; todo trabalho deve parar. Nas famílias mais devotas até mesmo a dona-de-casa deve evitar cozinhar e praticar outras tarefas domésticas. Preparam todo o aumento antes do sábado, para que a mulher também possa desfrutar desse descanso especial. Que diferença do dia agitado, confuso e horrível que muitos crentes vivem, e que chamam o seu "dia de descanso".

O sábado é antes de tudo um dia. Na tradição cristã, resolveu-se dedicar ao descanso o primeiro dia da semana, em reconhecimento à ressurreição de Jesus, e, não, o sétimo dia, como faz o judeu. Mas depois de tomada essa decisão, o que fizemos com esse dia — com esse período de tempo todo especial que nos vem como uma dádiva de Deus?

Certa vez, num domingo em que tivéramos inúmeras atividades na igreja, um irmão que participa de nossos cultos toda semana, disse-me o seguinte: "Que bom que temos apenas um "dia de descanso" por semana. Se tivéssemos que passar por dois "dias de descanso" como este, a cada sete dias, acho que não agüentaria."

Esse seu comentário jocoso realmente representa uma acusação contra muitas igrejas e pastores que transformaram o domingo num dia de desassossego, e, para alguns, no dia mais tenso da semana.

Mas o sabá não é apenas um dia; é mais que isso. Ele representa um princípio de descanso relacionado com as diretrizes que já mencionei. E o que poderia acontecer se preferirmos o repouso sabático, em vez do divertimento que nos é proporcionado pelo lazer secular?

Em primeiro lugar, o descanso sabático representa o dia de cultuar a Deus em companhia da família cristã. Num culto verdadeiro, temos condições de exercitar os três aspectos que promovem o descanso em nosso mundo interior: lembrar o passado, olhar para cima e para a frente.

Essa atividade de adoração a Deus é indispensável para aquele que está decidido a caminhar com o Senhor.

Um texto bíblico que me impressiona é o de Lucas 4.16, onde ele descreve a atividade de Jesus no sábado: "Indo para Nazaré, *onde fora criado, entrou, num sábado, na sinagoga*." (Grifo meu) Cristo nunca se furtava de prestar culto público ao Pai.

Em segundo lugar, o sabá significa também uma consciente aceitação do descanso pessoal e da tranqüilidade interior. É um descanso que traz paz ao mundo interior. Do mesmo modo como Jesus acalmou a tempestade, restaurou a tranqüilidade a um endemoninhado e a saúde a uma mulher enferma e devolveu a vida a um amigo morto, assim também ele quer introduzir a paz no mundo interior daquele que passou a semana toda em meio ao burburinho do mundo. Mas sob uma condição: temos que aceitar essa paz como uma dádiva dele, e temos que separar um período de tempo só para isso.

Sendo pastor, já senti há muito tempo que para mim e para minha esposa o domingo é tudo, menos um dia de descanso. Eu já era pastor há alguns anos quando percebi que estava privando a mim mesmo de uma restauração de que muito necessitava. A verdade é que estava precisando muito de algum tipo de sabá para o meu mundo interior, e não o estava tendo. Quando lembrava de como passava os domingos, parecia impossível que algum dia eu viesse a gozar da revigoração proporcionada pelo descanso sabático. Como eu poderia pregar três sermões no domingo pela manhã, e, às vezes, um sermão à noite, passar o dia todo à disposição dos crentes de minha igreja, e ainda me sentir revigorado? Era raro o domingo em que eu e Gail, ao findar do dia, não nos encontrássemos caindo de exaustos. Belo dia de descanso!

O que fazer? Alguns anos atrás, os membros da Igreja da Graça, bondosamente, nos concederam uma licença de quatro meses. Em vez de ir para uma universidade fazer algum curso, resolvi construir a casa de campo, em New Hampshire. E a maior maravilha daqueles quatro meses foi o silêncio e a paz que gozamos nos domingos.

Embora eu estivesse gostando muito do trabalho da construção, havia feito um compromisso comigo mesmo de não trabalhar no dia do Senhor. Então, no domingo, parávamos e passávamos algumas horas da manhã lendo, meditando e orando. Além disso íamos também a uma igreja da localidade, onde assistíamos ao culto. Não conhecíamos muitas das pessoas ali, mas procuramos acompanhar as orações, os hinos e o sermão, para tirar dessas coisas o alimento para o nosso espírito. Aproveitamos esse período para reafirmar nossas convicções, agradecer a Deus pelas bênçãos e nos prepararmos para a semana seguinte, durante a qual procuraríamos refletir a glória do Senhor.

Nas tardes de domingo, naqueles quatro meses, caminhávamos pelo campo, ou tínhamos bons bate-papos, ou fazíamos um auto-exame, para avaliarmos nossa prática devocional e nosso crescimento espiritual. Foi

uma maravilhosa experiência de descanso para nós. Antes disso, eu nunca tinha pensado que um descanso assim pudesse ser tão bom.

Quando regressamos, estávamos "viciados" nesse descanso. Mas, de repente, lá estávamos nós de volta aos sermões, ao aconselhamento, às programações. As tarefas domingueiras continuavam. Sentimo-nos lesados. Foi então que resolvemos que faríamos o nosso sabá em outro dia da semana. Não iríamos mais perder esse dom de Deus! Então, nos domingos, ajudávamos os outros a aproveitar ao máximo o seu repouso. Mas para nós o descanso reservado para esse dia seria gozado em outro. E estava tudo bem.

Então o nosso sabá, meu e de Gail, passou a ser a quinta-feira. Até onde fosse possível, esse dia da semana seria separado para o descanso em nosso mundo interior. Tínhamos que nos afastar totalmente da igreja, e mesmo deixar de lado as tarefas de casa, quando pudéssemos. Sentimos que se quiséssemos realmente ser de utilidade para aqueles que trabalhavam conosco no ministério, para nossos filhos e para a igreja, teríamos que defender com o maior empenho o nosso dia de revigoramento espiritual.

E nisso não há nenhum legalismo — apenas a liberdade de aceitar uma dádiva. Para falar a verdade, acho que algumas pessoas cercam o dia de descanso de tantas leis e regulamentos, que acabam destruindo as alegrias dele, como aconteceu aos fariseus da Bíblia. Nosso sabá não é assim; ele foi feito para nós, foi-nos dado por Deus. E o objetivo desse dia é adoração e revigoramento, e nós faremos o que for necessário para que assim seja.

É importante observar que, quando nossos filhos eram menores e exigiam uma atenção mais constante de nossa parte, provavelmente não teríamos podido gozar esse descanso com as mesmas facilidades de hoje. E outro detalhe importante, que aliás Gail menciona com freqüência, é que, quando nos afastamos das pessoas nesse dia de descanso, isso redunda em benefício para elas também, pois, quando voltamos, temos algo a mais para oferecer-lhes, que provavelmente Deus não teria podido dar-nos em outras circunstâncias.

É claro que não conseguimos descansar efetivamente todas as quintas-feiras. Mas já descobrimos que, se procurarmos fazer isso com certa regularidade, obtemos excelentes resultados. Conseguimos imprimir uma boa ordem em nosso mundo interior. E o fato mais impressionante que percebi foi que não apenas me sentia bastante descansado, mas também parecia que nos outros dias da semana trabalhava melhor.

O que aconteceu, e que me surpreendeu bastante, foi que, observando corretamente o período do repouso, que resultava em maior ordem para o meu mundo interior, nos dias seguintes conseguia atuar no meu mundo exterior com maior sabedoria e melhor compreensão das coisas.

Acredito que o descanso sabático consiste nessa parada de um dia na semana. Mas na verdade ele pode ocorrer a qualquer momento, em pequena ou larga escala, se decidirmos separar uma hora ou mais para buscarmos uma comunhão íntima com Deus. O fato é que todos nós temos necessidade de ter nossa "passarela de Simeon".

Mas eu gostaria de salientar bem que esse descanso, o repouso semanal, deve ser um item obrigatório em nossa agenda. Descansamos, não porque terminamos o serviço, mas porque Deus assim o determinou e nos criou com essa necessidade orgânica.

É importante pensarmos sobre isso, pois a maneira como hoje se encara o descanso e o lazer vem negar esse princípio. A maioria das pessoas vê o descanso como algo que vem depois do trabalho encerrado. Mas o sabá não é necessariamente algo que vem depois; aliás, pode ocorrer antes. Se pensarmos que o descanso só pode ocorrer depois que o trabalho é encerrado, então algumas pessoas vão encontrar dificuldades aí, pois seu trabalho nunca acaba. E em parte essa é a razão por que alguns indivíduos nunca descansam. É que seu trabalho nunca termina, e assim não pensam em separar um período de tempo para buscar a paz e o revigoramento sabático.

Eu tive que me esforçar para não ter sentimento de culpa ao parar tudo para descansar. Tive que entender que não era errado pôr o trabalho de lado, com o objetivo de desfrutar daquele período de repouso, que é uma dádiva de Deus para nós. Por isso, temos marcado esses sabás em nossa agenda com regularidade. E os marcamos até com algumas semanas de antecedência, como fazemos com outras atividades prioritárias. E se alguém sugere um jantar, um jogo, ou uma reunião de comitês para um dia que separamos para colocar em ordem nosso mundo interior, eu e minha esposa dizemos com toda sinceridade: "Sinto muito. Esse dia não dá, pois já temos um compromisso. É o dia de nosso descanso semanal."

Foi por observar esse tipo de disciplina que William Wilberforce conseguiu derrotar aquela onda de ambição que durante vários dias estivera a enfraquecer seu mundo interior. No dia do descanso ele simplesmente se recolheu ao seu jardim, onde Deus tinha o controle de tudo. E ali enxergou as coisas pela perspectiva correta, e "a ambição foi sufocada", escreveu ele depois.

O que poderia ter acontecido se Wilberforce não tivesse efetuado aquele auto-exame no domingo, para encarar de frente e reconhecer sua natureza ambiciosa? Será que teria sido embargado em sua missão de acabar com a escravidão na Inglaterra? É bem provável. Somos levados a crer que, naquele domingo, quando parou para descansar, ele percebeu que estava se desviando de seu curso original, e, ainda em tempo, conseguiu retornar a ele. E como voltou ao rumo certo, pôde, mais tarde, realizar uma grande façanha que marcou a História, a abolição da escravidão.

O fato é que o mundo e a Igreja estão precisando de crentes que se achem realmente descansados: que repousem regularmente observando o verdadeiro sabá, e não apenas um dia de folga ou de lazer. Quando aprendermos a observar um verdadeiro descanso espiritual, todos verão como os crentes podem ser firmes e fortes.

Recado Para Quem Não Está com a Casa em Ordem

Se meu mundo interior estiver em ordem será porque tomei a firme decisão de começar já o processo de pôr a casa em ordem.

EPÍLOGO

A Lição da Roca

Um dos mais admirados heróis de nosso século, sem dúvida alguma, é Mohandas Gandhi, o líder indiano que acendeu a centelha da luta pela independência de seu país. Todas as pessoas que lêem sua biografia ou vêem sua vida que foi narrada de forma tão magistral na tela cinematográfica, ficam impressionados com o espírito de tranqüilidade revelado por aquele que foi chamado de "o George Washington da Índia".

O que é serenidade? Num dia vemos Gandhi cercado pelos pobres das cidades indianas, onde a morte e as doenças grassam livremente. Ele os toca, um a um, dirige-lhes uma palavra de esperança, um sorriso suave. No dia seguinte, vemos o mesmo homem nos palácios e edifícios públicos, onde dialoga com os homens mais inteligentes de seus dias. E logo surge a pergunta: como ele conseguiu transpor a distância entre essas duas situações extremas?

Como será que ele preservava seu senso de ordem interior, sua humildade correta e sua base de sabedoria e raciocínio? Como conseguiu manter sua identidade e seu espírito de convicção enquanto circulava entre esses extremos? De onde provinha sua força emocional e espiritual?

Em parte, talvez a resposta a essa pergunta esteja no fascínio de Gandhi por um objeto muito simples, uma roca. Parece que ela sempre ocupava o centro de sua vida. Ao que parece, após cada uma de suas aparições públicas, ele voltava à sua casinhola, e, à maneira dos indus, sentava-se no chão e punha-se a fiar o algodão com que fazia suas roupas.

O que ele pretendia com isso? Seria apenas um golpe para projetar ao mundo uma determinada imagem? Seria apenas uma forma de identificar-se com as massas, cuja afeição ele detinha? Sou de opinião que não era apenas isso; aquele gesto tinha um significado muito mais amplo.

A roca de Gandhi era o centro gravitacional de sua vida. Ela representava o grande nivelador de seu caráter. Após os grandes momentos de consagração pública, ele voltava à roca e ela lhe devolvia a perspectiva certa, de modo que não ficava enganosamente enfatuado com os aplausos do povo. Da mesma forma, quando saía de um encontro com reis ou altas autoridades do governo, ele voltava à sua roca, e assim não era tentado a pensar de si mesmo com demasiado orgulho.

A roca era um constante lembrete para ele; ela lhe lembrava quem ele realmente era, e quais eram os aspectos práticos da vida. Quando se entregava àquela atividade, estava resistindo a todas as forças do mundo exterior que tentavam distorcer sua identidade pessoal, que conhecia tão bem.

Gandhi não era crente, mas o que ele fazia com aquela roca constitui uma lição que todos os crentes deveriam aprender para serem saudáveis espiritualmente. Nela, ele nos mostra o que todos devemos fazer se quisermos circular nesse nosso mundo, sem ser levados a nos amoldarmos a ele. Nós também precisamos de uma experiência como a da roca — de manter em ordem nosso mundo interior, para que ele esteja sendo constantemente reestruturado, com novas forças e nova vitalidade.

Como bem afirma Thomas Kelly, "Estamos tentando ser diversos seres, sem que esses seres sejam dirigidos por aquela Vida única, dominante, que há em nosso interior." E ele diz também: "A vida tem que ser vivida a partir de um recanto interior, um espaço divino. E cada um de nós pode ter uma vida assim, com grande poder, paz e serenidade, uma vida de integração e confiança, e de uma multiplicidade simplificada, mas sob uma condição — a de realmente querermos tê-la."

E é nessa condição que temos de pensar muito. Será que realmente queremos ordem em nosso mundo interior? Deixe-me repetir: queremos isso?

Se é fato que os atos falam mais alto que as palavras, parece que os crentes em geral não estão desejosos de que seu mundo interior esteja em ordem, ou pelo menos isso não é prioritário para eles. Parece que preferimos buscar a eficiência por meio de uma superatividade, de programações incessantes, do acúmulo de valores materiais, de assistência a conferências religiosas, a seminários, a séries de filmes, e ouvindo bons preletores. Em suma, queremos colocar nosso mundo interior em ordem tornando-nos mais ativos exteriormente. Mas isso é exatamente o contrário do que a Bíblia ensina, do que os grandes homens de Deus nos têm mostrado, e do que nós mesmos reconhecemos, ao ver o fracasso de nossa experiência espiritual.

Alguém citou uma frase de João Wesley, em que ele diz o seguinte a respeito de seu mundo exterior: "Embora eu sempre esteja apressado, nunca estou necessariamente com pressa, pois nunca pego muito trabalho para realizar, se não puder realizá-lo com espírito calmo."

Bob Ludwig, um de nossos colegas de ministério, gosta de contemplar as estrelas. Vez por outra, ele vai passar a noite no campo para olhá-las. Leva para lá seu telescópio e põe-se a contemplar o céu. Mas, para isso, ele precisa sair da cidade, para que as luzes dela não interfiram em sua atividade. Depois que se afasta bem da claridade, os astros do céu são vistos com muito maior clareza.

Como é que podemos fugir de interferências assim para contemplarmos os espaços de nosso mundo interior? Existem muitas pessoas que, infelizmente, ainda não responderam a essa pergunta. E há também muitos que se encontram na liderança de igrejas ou grandes organizações que ainda não conseguiram achar a resposta. E há outros, pessoas simples, que estão preocupadas em ganhar o pão, e se equiparar aos vizinhos, que também lutam com esse dilema. O fato é que a resposta não é fácil — embora simples. Refugiamo-nos no espaço de nosso mundo interior quando entendemos que essa atividade é a mais importante que se pode desenvolver.

Embora eu sempre tivesse achado que a ordem do meu mundo interior fosse uma prioridade para mim, o fato é que só comecei a trabalhar nisso já na meia-idade. E agora que estou cada vez mais consciente de minhas limitações, de minhas deficiências, e de que os anos estão passando e se aproxima o dia em que minha vida findará, tenho tido mais possibilidades de olhar para dentro de mim e praticar a minha "roca", a fim de cultivar força interior e vitalidade espiritual, às quais possa recorrer quando necessário.

É nesse espaço interior que começamos a ver Jesus em toda a sua majestade. Nele, Cristo não é apenas um conjunto de idéias contidas num enunciado doutrinário a respeito dele. E não é apenas um punhado de frases sentimentais contidas num hino. Nesse centro, ele polariza a atenção, pois é o Senhor da vida, o Senhor ressuscitado. Sentimos o impulso de segui-lo e de receber a força que vem de seu caráter e compaixão.

Nesse lugar, experimentamos o temor inspirado pela majestade e esplendor de Deus, o Pai celeste. Ali há uma adoração solene, porém alegre; há confissão e quebrantamento. E há perdão, restauração de espírito e confiança.

E por último, nesse mundo interior, recebemos em plenitude a força e poder do Espírito Santo. Nele renascem a confiança e esperança. Ali recebemos discernimento e sabedoria, e é gerada a fé que move montanhas; ali começa a brotar um grande amor pelas pessoas, mesmo pelas que são menos agradáveis.

Sempre que buscamos uma experiência como a da roca, onde todas as coisas reassumem suas proporções e valores certos, conseguimos controlar melhor o mundo exterior. Nosso relacionamento com familiares, amigos, sócios, vizinhos e até inimigos é visto por um novo ângulo, pela

perspectiva correta. Então fica mais fácil perdoar, servir, ser generosos e não revidar às agressões.

O nosso trabalho também será influenciado por nossa permanência nesse lugar. Ali ele ganhará novo sentido e melhor nível de qualidade. Integridade e honestidade serão nosso alvo. Perderemos o temor e ganharemos um espírito mais compassivo.

Depois de alguns momentos na "roca", ficamos menos vulneráveis à sedução dos atrativos e falsas promessas daqueles que estão por aí buscando capturar nossa alma.

Então, quando pomos em ordem nosso mundo interior antes de nos expormos ao público, começamos a colher todos esses benefícios. Portanto, quem não age assim está-se arriscando a sofrer a síndrome do afundamento. E a história está cheia de exemplos de indivíduos que foram vítimas dessa catástrofe.

O mundo hoje, em todas as suas esferas, está precisando de pessoas que sejam capazes de caminhar entre as massas e dialogar com os poderosos, sem contudo comprometer seu caráter, sem se render a eles, sem fazer concessões.

E como se consegue ser assim? Vivendo a experiência da "roca": recolhendo-se àquele espaço silencioso, onde distribuímos nosso tempo de acordo com as prioridades corretas, sintonizamos a mente com o Criador para descobrir a criação, onde podemos aguçar o espírito e encontrar a quietude do descanso semanal. É o nosso mundo interior. E se lhe dermos os devidos cuidados, ele ficará em ordem.

MANUAL DE ESTUDOS

Leslie H. Stobbe

Pode parecer que estudar através de um manual, um livro sobre "pôr em ordem nosso mundo interior", seja um seguimento meio inadequado para uma leitura que nos conclama a buscar uma vida mais voltada para o interior. Contudo, o fato é que a maioria das pessoas precisa de ajuda para encetar de forma mais disciplinada a tarefa de pôr em ordem o seu mundo interior.

O autor do livro faz a seguinte reflexão: "Estudando a vida dos grandes místicos e pensadores cristãos, percebi que um modo bastante prático de se aprender a ouvir a voz de Deus no jardim interior é ter um diário. "Compreendi que, com um lápis na mão, pronto para escrever, assume-se uma atitude de expectativa, e o espírito fica alerta, pronto para captar o que Deus quiser dizer-nos através de nossas leituras e meditações."

Esperamos que este manual de estudos possa ajudar o leitor a estabelecer o hábito de meditar escrevendo. Algumas das perguntas que se seguem têm o objetivo de levá-lo a refletir sobre as implicações das sugestões do autor para sua vida e a escrever suas reações a elas. Em outras, nosso objetivo é que haja uma aplicação na vida prática. As perguntas que estão marcadas com asterisco são dirigidas para discussão em grupos.

INTRODUÇÃO

1. Que experiência ou idéia fez brotar em você o desejo de ler Ponha Ordem no seu Mundo interior?

2. Que barreira (ou barreiras] o está impedindo de pôr em ordem seu mundo interior, e que você precisa apontar?

3. Quem é seu advogado mais persistente, quando se trata de pôr em ordem seu mundo interior? Compare Efésios 1.13 com João 14.26.

4. Cite os cinco setores de seu mundo interior que precisam ser postos em ordem.

a)
b)
c)
d)
e)

Agora, avalie-se dando notas de 1 a 10 para cada uma dessas áreas, sendo 10 a nota máxima.

5.* Quais as pessoas cuja vida mais o motivaram a procurar ter uma vida interior mais em ordem? Que qualidades elas possuem que as tornam tão marcantes?

1. A Síndrome do Afundamento

1. Que fatos ocorridos em sua vida nos últimos anos podem ser um bom exemplo do que o autor diz nesse capítulo: "O plano externo, ou público, é de controle mais fácil. É mais facilmente analisado, é visível, é ampliável"?

2.* Você já teve alguma experiência que poderia considerar uma "síndrome do afundamento"? Qual?

3. O autor diz que o mundo interior é "o centro onde se determinam as decisões e nosso sistema de valores; onde se pode buscar a reflexão e o isolamento". O que mais ocorre em nosso mundo interior, segundo o autor?

4.* Que mundos externos estão querendo sua atenção? Cite-os e marque com um asterisco aqueles aos quais você se rendeu.

5. Que temores têm impedido que você busque a paz interior que subsiste num mundo interior que se acha em plena ordem?

6.* Saberia identificar um evento ou problema que pode tornar-se muito sério a ponto de causar um "afundamento" em sua vida?

7.* Leia Efésios 3.14-21. Qual a relação que existe entre os versos 20 e 16?

2. O Panorama Visto da Ponte de Comando

1. Releia o relato acerca do capitão do submarino nas páginas inicias desse capítulo. Agora faça uma comparação entre a ida dele à ponte e a que é descrita em Atos 27.21-25. O que podemos depreender da mensagem de confiança expressa pelo apóstolo Paulo?

2. Se você fosse um conselheiro crente e uma pessoa como Teald H. Maxwell lhe procurasse, o que lhe diria, baseando-se na resposta que Jesus deu aos seus discípulos, quando acalmou a tempestade no mar da Galiléia?

3.* Qual é o lugar onde precisamos ter recursos aos quais possamos recorrer para suportar as crescentes pressões do mundo que nos cerca? Veja Romanos 12.2.

4. O que distinguiu Mary Slessor das outras pessoas de sua geração?

5.* Dentre as pessoas que você conhece e aquelas sobre as quais já leu, quem seria o melhor exemplo de um indivíduo com o mundo interior em ordem? Por quê?

6.* Quais as duas importantes decisões que temos que tomar para possuir esse tipo de "ponte de comando" interior?

a)
b)

3. Preso Numa Gaiola Dourada

1. Cristo "identificava as pessoas com base na tendência que tinham para ser "impelidas", ou se estavam acessíveis ao chamado dele. Examinava a motivação pessoal de cada uma, a base de sua energia espiritual e o tipo de satisfação que buscavam. Então, chamou aqueles que eram atraídos a ele, evitando os que eram impulsionados a ir a ele, visando utilizá-lo para seus próprios fins." Com base nesse fato, você teria se qualificado para ser um dos discípulos de Jesus? Se não, por que não?

2. Faça uma tentativa de identificar e qualificar as motivações que o levam a realizar seu trabalho cristão. Antes, porém, de responder, pare alguns momentos para ouvir a voz tranqüila do Espírito Santo, e depois então responda.

3. Quais os aspectos de sua vida hoje que podem causar stress?

4.* Cite as fontes de stress que o apóstolo Paulo experimentou em sua vida e ministério, e que estão descritas em 2 Coríntios 11.24-28. Pense um pouco sobre elas e compare-as com as que você deu em resposta à pergunta anterior.

5. Como Paulo obteve as forças de que necessitava para superar as adversidades? Usando uma concordância bíblica examine as palavras orar e oração que aparecem em suas cartas. O que têm elas a ver com a ordem de seu mundo interior?

6. Cite as características da pessoa "impelida" que, em sua opinião, estão presentes na sua personalidade.

7. Agora peça a seu cônjuge ou a um amigo chegado que aponte as características dos "impelidos" que ele vê em sua vida.

8.* Cite os três benefícios com os quais Deus aquinhoara Saul, na época em que se tornou rei? Que vantagem isso trouxe para ele?

a)
b)
c)

9. Lendo o relato da vida de Saul, mencione os paralelos que vê entre a vida dele e a sua.

10. Agora, apresente essas coisas a Deus, e peça-lhe discernimento para saber o que deve fazer para sair dessa "gaiola dourada". E, à medida que essas atitudes lhe ocorrerem, escreva-as aqui.

11.* Como podemos ajudar os líderes evangélicos que foram apanhados pela síndrome da "gaiola dourada" a libertarem-se dela?

4. O Triste Caso de um Vagabundo que Venceu na Vida

1. Medite na história daquele homem "impelido" relatada no início desse capítulo, e relembre experiências de sua infância e adolescência que podem ter tido influência na formação de suas atitudes do presente. Descreva cada uma delas com uma sentença objetiva, expondo o problema central. Se elas foram positivas, pare um instante e agradeça a Deus por elas.

2.* Faça duas listas de metas. Na lista da esquerda coloque as metas externas da pessoa "impelida" (veja a página 47). Na coluna da direita, escreva os paralelos dessas metas que vê em si próprio.

3.* Cite as motivações básicas de pessoas que você conhece que talvez sejam "impelidas", a partir das razões apresentadas nas páginas 48 a 51.

4. Dessas motivações, quais as que estão presentes em seu mundo interior? Descreva o modo como elas influenciam suas ações.

5. Que experiência o autor considera importante para que a pessoa impelida modifique seu tipo de vida?

6.* Aponte os elementos básicos do relacionamento de Pedro com Jesus e que produziram mudanças na vida dele. Examine os textos de Mateus 14.25-30; 16.13-17; 26.31-35 e João 21.15-22, entre outros.

7. Quem é a pessoa responsável pelo fato de você ser um "impelido", e à qual deve perdoar? O que você fará para obter a libertação que o perdão pode proporcionar a ambos?

8.* Será que todos nós temos que passar por uma confrontação com Cristo, como ocorreu a Paulo, para que deixemos de ser pessoas "impelidas" e nos tornemos "chamados"? Por quê? Justifique sua resposta, seja ela negativa ou positiva.

5. A Pessoa Chamada

1. Segundo o autor, qual é a diferença entre pessoa "chamada" e a "impelida"? Em qual das duas categorias você se encaixa?

2.* Compare os discípulos de Jesus com a descrição da pessoa "chamada" que o apóstolo Paulo apresenta em 1 Coríntios 1.26-31.

3. Em que aspectos vemos mais claramente a diferença entre João Batista e o Rei Saul?

4.* Segundo o autor, quais são as características da pessoa "chamada"? Ver as páginas 56 a 60.

5. Se você fizer uma comparação de sua pessoa com essas características, qual é o seu ponto mais fraco? Separe um momento específico para estar na presença de Deus e deixar que o Espírito Santo opere em sua vida. Depois registre aqui sua experiência, ou anote-a em seu diário.

6. O que você considera ser o seu principal objetivo na vida, como servo de Cristo?

7. Descreva sua experiência de "deserto". Se ainda não viveu essa experiência, escolha uma ocasião para ficar a sós com Deus e estabelecer seus objetivos e prioridades. Depois, descreva-a.

* 8. Cite duas ou mais situações da vida atual que você poderia enfrentar e superar, se aprendesse as lições que João aprendeu no deserto.

9. O autor pergunta: "O que motiva seus atos? Que razões o levam a agir como age? O que espera obter com seus atos? Qual seria sua reação se tudo lhe fosse tirado?" Pense nessas perguntas por alguns instantes, e depois responda-as.

6. Alguém Viu meu Tempo por aí? Eu o Perdi!

1. Como você vê as sentenças seguintes:

a) Nossa escrivaninha dá a impressão de estar entulhada.
b) Começamos a sentir um declínio em nossa imagem pessoal.
c) Temos uma porção de compromissos que esquecemos de cumprir, telefonemas que esquecemos de dar e serviços ou tarefas que não completamos dentro da data prevista.
d) Temos a tendência de investir nossas energias em tarefas improdutivas.
e) Sentimos que nosso trabalho é de baixa qualidade.
f) Não mantemos comunhão com Deus regularmente.
g) Nossos relacionamentos familiares estão sendo prejudicados.
h) Não gostamos de nós mesmos, nem do serviço que fazemos, nem de outras coisas que constituem nosso mundo particular.

2. Nenhum de nós conseguirá melhorar imediatamente todas essas áreas de nossa vida. Geralmente são necessárias cerca de três semanas para superar um mau hábito, e mais três para formar outro. Portanto, é melhor, de início, planejar modificar as áreas que consideramos mais graves. E mais tarde, marcarmos no calendário a data em que começaremos a trabalhar em outras. Anote abaixo as duas áreas que você acha que precisam ser melhoradas.

a)
b)

3.* Para começar bem sua distribuição de tempo, estabeleça prioridades relacionadas com a sua principal missão na vida. Como Jesus ilustra isso em Lucas 18, quando parte para Jerusalém?

4. Qual é, em sua opinião, a sua principal missão na vida? De que maneira ela influencia (ou devia influenciar) a sua distribuição de tempo?

5. O autor diz que Jesus sabia muito bem quais eram suas limitações. Em que atitudes ou atos seus você talvez esteja ultrapassando os limites que Deus estabeleceu em sua vida?

6.* Moisés passou quarenta anos no deserto; Davi passou alguns anos no exílio, distante da corte de Saul; Jesus esperou trinta anos para dar início ao seu ministério. Você teria tido um período de tempo semelhante

em que esteve impedido de iniciar sua missão? Descreva-o. Saberia citar os benefícios que colheu nesse período?

7. Jesus investiu toda a sua vida em doze discípulos. Você, que é pai ou mãe, homem de negócios, líder em sua igreja, ou profissional liberal, em quem está investindo sua vida? Que metas deseja alcançar em sua atividade de fazer discípulos?

8.* O que você pode fazer para multiplicar seu ministério, como fez Jesus?

7. Recuperando o Tempo Perdido

1. Complete com dados pessoais a seguinte sentença: as áreas de minha vida em que tenho mais dificuldade para controlar o tempo são:

2.* Faça um auto-exame e veja se, de acordo com sua experiência, "As leis de MacDonald sobre o descontrole do tempo" são realmente válidas. Transcreva cada uma delas e em seguida cite uma situação de sua vida em que ela se aplica. Se você está participando de um grupo de estudos, relate algumas dessas experiências,

a)
b)
c)
d)

3. Cite duas tarefas suas que poderia passar para seu cônjuge, ou sócio, ou líder leigo (se é pastor), secretária, filho ou filha, sem prejudicar as atividades nas quais você se sai melhor. (Essas tarefas podem até ser coisas que você gosta de fazer, mas reconhece que elas não são importantes para a concretização de sua principal função na vida.)

4. Tente explicar por que as pessoas de personalidade forte que fazem parte do seu círculo de conhecidos o privam de momentos preciosos que você deveria dedicar à sua família.

5. O que você está realizando no presente que, pelo que sente, tem por objetivo buscar um reconhecimento público? Talvez você tenha que responder isso diante de Deus, num momento especial de comunhão com ele.

6. O que aconteceria se você tivesse de aplicar João 9.4 em sua vida?

7. Existe alguma tarefa a respeito da qual você tenha a mesma atitude de firmeza que Jesus teve com relação à sua ida para Jerusalém, como vemos em Mateus 16.21?

8. Examine seu ritmo de vida. Em que momentos você é mais eficiente? O que pode fazer para ajustar sua tarefa mais importante com seus momentos de maior eficiência?

9.* Cite os critérios que você pode utilizar para aprender a distinguir o que é bom e o que é melhor, em relação às suas responsabilidades.

10. Que horários do seu dia ou semana você precisa planejar com antecedência, a fim de evitar os "invasores"?

11.* De acordo com as passagens seguintes, quais eram as prioridades de Jesus? Lucas 4.16; 4.42,43; 5.27; 6.12; 9.21, 22; 9.51; 18.16; 19.5.

8. O Melhor Perdeu a Corrida

1.* Qual é o grande perigo de se ter um intelecto "apático", numa igreja ou sociedade? Conhece algum exemplo específico? Descreva-o.

2. Cite uma situação de sua vida em que estava mentalmente capacitado para enfrentar um desafio por haver cultivado força mental.

3.* Que pedido Paulo faz a Timóteo que demonstra que ele estava resolvido a não ficar mentalmente "inerte", embora estivesse na prisão? Veja 2 Timóteo 4.13.

4. Que fatos de sua vida poderiam ser considerados sinais de alerta, revelando que você é daqueles que têm uma partida rápida, uma qualidade pessoal que até agora você considerava vantagem?

5. Que coisas constituem para você um estímulo intelectual, aos quais deveria dar certa prioridade, mas não dá?

a) Leitura de bons textos para aumentar sua base de informação.
b) Seminários de natureza profissinal que enriquecem seu intelecto e constituem um desafio para sua capacidade mental.
c) Um pastor, professor, conselheiro ou amigo chegado que está sempre lançando desafios ao seu intelecto.
d) Outras.

6. Até onde as coisas que você lê e seu relacionamento com outros representam um desafio para suas atuais condições intelectuais? Cite dois livros que leu e dos quais discordou.

7.* Com base no discurso de Paulo perante os atenienses em Atos 17.16-32, cite alguns aspectos que revelam que ele possuía agilidade mental.

8. O autor afirma que "a melhor forma de pensamento é a que se desenvolve no contexto do respeito pelo reino e pela criação de Deus". Que providências você precisaria tomar para se encaixar dentro desse contexto?

9. Há um pastor presbiteriano que todos os anos vai a um local de sua cidade, freqüentado apenas por incrédulos, para ali debater alguns assuntos com eles. Esse difícil diálogo com incrédulos serve para aguçar sua mente em relação às táticas empregadas pelo inimigo. O que você poderia fazer para conseguir os mesmos resultados?

10.* Quais são algumas das idéias do mundo nas quais podemos ser enredados, se nossa mente se tornar embotada?

11. Quais são algumas áreas do seu intelecto que precisa expandir e aguçar mais? Escreva cada uma delas e ao lado coloque alguma fonte à qual possa recorrer para solucionar o problema.

9. A Tristeza que é um Livro Não Lido

1.* O autor dá a entender que precisamos aprender a raciocinar dentro das linhas do pensamento cristão. O que significa isso?

2. Se você não foi criado num contexto fortemente evangélico, o que poderá fazer para ajustar sua mente ao pensamento cristão?

3. Em que áreas do seu mundo pessoal pode aprender a "apreciar as mensagens que Deus registrou na criação"?

4.* O que você pode fazer para ampliar seu "estoque" de informações, idéias e conhecimentos?

5. Cite os quatro passos que precisamos dar para nos tornarmos bons "ouvintes". Em seguida, diga o que você pode fazer para aplicar isso à sua própria experiência.

a)
b)
c]
d)

6. Descreva uma experiência que teve em que ouviu a voz de Deus ou recebeu uma orientação de outra pessoa, que serviu para ajudá-lo a tomar uma decisão importante na vida.

7. Existe algum livro que você sempre quis ler, mas nunca chegou a fazê-lo? Qual? Quando poderá encaixá-lo nos seus planos?

8.* O que distinguia Esdras dos outros líderes de seus dias? Leia Salmo 119.33-40 e depois cite as características de uma pessoa que sabe estudar bem.

9.* Se você não tem um plano de "estudo de ofensiva", o que o impede de criar um?

10.* Em que áreas do conhecimento humano nós, os crentes, devemos nos preparar melhor, se quisermos causar maior impacto na sociedade?

11. Em que áreas você precisa iniciar um "estudo de ofensiva" para executar melhor o seu trabalho? Cite as principais fontes às quais precisará recorrer para isso.

10. Pondo em Ordem o Jardim

1. Se você estivesse confinado a um campo de prisioneiros de guerra, conseguiria recordar-se de muitos versos da Bíblia? O que pode fazer no sentido de memorizar mais textos das Escrituras?

2. Seja bem sincero consigo mesmo; como é sua comunhão íntima com Deus?

3.* O autor afirma o seguinte: "Se quisermos cultivar uma vida espiritual que nos satisfaça, teremos que encará-la como uma disciplina, assim como a de um atleta que exercita seu corpo, preparando-se para uma competição." Concorda com isso? Ou não? Se discorda, justifique essa sua posição.

4.* Que metáforas você empregaria para descrever o seu setor espiritual central?

5. Cite os cinco privilégios que podemos perder se não buscarmos o desenvolvimento espiritual de maneira disciplinada. Agora, marque os que percebe que estão faltando em sua vida.

a)
b)
c)
d)
e)

6. Que situações ou problemas levaram você a começar a desenvolver sua vida espiritual?

7. O que é que você mais deseja com relação à sua comunhão com Deus? O que precisará fazer para ver esse desejo cumprido?

8.* O que Davi obteve em sua comunhão com Deus, e que descreve no Salmo 27?

11. Sem Necessidade de Muletas

1. Se por acaso você se tornasse inválido por uma incapacidade física, a que você recorreria para obter forças para continuar vivendo?

2. Qual era o segredo da tranqüilidade de E. Stanley Jones, que não se perturbou quando sofreu um derrame?

3. Cite os quatro atos devocionais fundamentais. Que nota você daria a si mesmo em relação à prática de cada um deles? (Dê notas de 1 a 10)

a)
b)
c)
d)

4. Fale sobre alguns dos "barulhos" que se intrometem em sua vida e que o privam do silêncio e isolamento que o autor recomenda?

5.* Que lições aprendemos com os períodos de silêncio e isolamento vividos por Zacarias, Isabel, sua esposa, e Maria, mãe de Jesus?

6. O autor descreve como é difícil às vezes silenciar nosso ser interior para chegarmos ao isolamento. Tente fazer isso e depois relate os resultados.

7.* Que recursos você emprega para ouvir a voz de Deus em seu mundo interior?

8. Qual é a principal vantagem de um diário?

9. Quais são alguns dos acontecimentos que o autor registra em seu diário?

10. Com que finalidade o autor utiliza as páginas finais, escrevendo de trás para frente?

11. Se você ainda não tem um diário, faça uma experiência. Registre aqui suas primeiras observações.

12. Tudo Tem que Ser Interiorizado

1. Você já viveu uma situação em que nem os cordéis internos nem as "muletas" externas foram suficientes para sustentá-lo? Se já esteve nessa situação, descreva-a aqui; se não, relate como conseguiu evitá-la.

2.* Relate uma experiência sua ou de um conhecido seu que seja semelhante à de Samuel, do Velho Testamento.

3. Que é que o autor chama de tecla de "enter", para se conseguir uma interiorização daquilo que se ouve no silêncio e isolamento?

4. Segundo o autor, o que acontece durante a meditação?

5. Faça uma pausa e medite sobre o seu salmo predileto. Se não tem um salmo predileto, medite sobre o Salmo 139.

6. O autor afirma o seguinte: "Muitas vezes entramos em nosso aposento para nos encontrarmos com Deus, quando ainda estamos emocionalmente sem fôlego." Se isso já lhe aconteceu, o que pode fazer para evitar que isso venha a repetir-se?

7.* Cite dois grandes clássicos da literatura evangélica que você pretende ler nos próximos seis meses.

8.* Como você pode utilizar sua imaginação para enriquecer mais seus momentos de meditação? Releia o salmo sobre o qual meditou há pouco, mas agora faça-o utilizando a imaginação. Escreva algumas das idéias que lhe ocorreram.

13. Vendo Tudo Pela Perspectiva de Deus

1.* Segundo o que diz Bridget Herman, em que a atitude dos crentes do passado era diferente da de seus contemporâneos? Você conhece alguém que tenha esse tipo de atitude? Descreva o que vê nessa pessoa.

2. Cite algumas razões pelas quais temos dificuldade para orar. Qual dessas é a que mais o perturba? Faça uma oração de confissão, citando-a e expressando seus sentimentos com relação a ela.

3. O que é que o autor pensa sobre a razão por que as mulheres têm mais facilidade para orar em público? Se você é casado, faça uma anotação em seu diário com relação à sua atitude ou sentimentos sobre essa questão de orar com sua esposa.

4.* Segundo o autor, qual é um dos sinais de que o crente está experimentando grande crescimento espiritual?

5. Faça uma anotação em seu diário relatando sua frustração acerca de uma oração que não foi atendida.

6.* Qual é a oração mais pura que podemos fazer?

7. Que motivo o autor apresenta para ter uma lista de oração?

8. Escreva uma oração de adoração a Deus.

9. Você seria capaz de admitir a presença de possíveis pecados ("rochas"] em sua vida? Quais são eles?

10. Segundo E. Stanley Jones, quais são "os doze apóstolos da saúde abalada"?

11.* Se você tentasse se imaginar um guerreiro da oração intercessória, como descreveria essa sua prática?

12. Qual era o segredo do extraordinário poder de liderança de Eric Liddel, o missionário prisioneiro?

13. Descreva o seu anseio mais profundo com relação à sua prática de oração.

14. Um Descanso que Não é Mero Lazer

1. O que proporcionou a William Wilberforce a oportunidade de parar e fazer o balanço de sua situação, diante das "ondas de ambição" que ameaçavam dominá-lo? Se você já passou por uma experiência semelhante, descreva-a em seu diário.

2.* Qual é o paradoxo que o autor observa em nossa sociedade tão preocupada com o lazer?

3.* Como foi que Deus "fechou o circuito" em sua atividade criadora?

4.* Qual é o principal objetivo do descanso instituído por Deus?

5.* O autor escreve o seguinte: "Quem trabalha incessantemente, sem fazer uma parada verdadeira para buscar o sentido e o propósito daquilo que faz, pode aumentar bem sua conta bancária e melhorar sua reputação profissional". E o que mais isso causa também?

6. Você está gozando do descanso que nos proporciona reafirmar as "verdades básicas"? Se não, o que deve fazer para que isso aconteça?

7. O que você precisa fazer para gozar o descanso que tem como objetivo redefinir sua missão na vida?

8.* Segundo o autor, qual deve ser o conteúdo do descanso sabático?

9. Como você e seu cônjuge poderiam planejar um sabá especial para ambos?

10. Faça uma anotação em seu diário acerca das idéias e conceitos básicos que absorveu lendo e estudando este livro. Em seguida, acrescente os principais resultados, se colocou em prática os atos e atitudes aqui recomendados.

NOTAS

[1] Lettie B. Cowman. Charles E. Cowman (Los Angeles: Oriental Missionary Society).

[2] William Barclay, *The Letters to the Galatians and Ephesians* (Filadélfia, Westminster, 1976).

[3] Anne Morrow Lindbergh, *The Gift From the Sea* (New York: Pantheon).

[4] Dorothie Bobbe, Abigail Adams (Nova Iorque, Putham)

[5] "*Executive's Crisis*", Wall Street Journal, 12 de março, 1982.

[6] James Buchan, *The Indomitable Mary Slessor* (New York: Seabury, 1981).

[7] "*Stress: Can We Cope*?" (Stress: poderemos suportá-lo?) Time, 6 de junho de 1983.

[8] Citado em *Spiritual Leadership* (Liderança espiritual), de J. Oswald Sanders (Chicago: Moody).

[9] Frank W. Boreham, *A Casket of Cameos* (Valley Forge, Pa. Judson).

[10] Herbert Butterfield, *Christianity and History* (Nova Iorque, Charles Scribner's Sons, 1949).

[11] Wiiliam Barclay, *The Gospel of Matthew* (Filadélfia: Westminster).

[12] Elton Trueblood, *While It Is Yet Day* (Nova Iorque, Harper e Row).

[13] Harold Begbie, *Life of General William Booth* (Nova Iorque: MacMillan).

[14] C. S. Lewis, *Letters to an American Lady* (Grand Rapids:Eerdmans).

[15] Elton Trueblood, *While It Is Yet Day* (Nova Iorque, Harper & Row).

[16] E. Stanley Jones, *Song of Acents* (Nashville: Abingdon, 1968).

[17] Norman Polmar e Thomas B. Allen, *Rickover, Controversy and Genius* (Nova Iorque: Simon e Schuster, 1982).

[18] Harry A. Blamires, *The Christian Mind* (Ann Arbor: Servant, 1978).

[19] Howard Rutledge e Phyllis Rutledge, e Mel White e Lyla White, *In the Presence of Mine Enemies* (Old Tappan, N. Y. Fleming Revell, 1973).

[20] Irmão Lourenço, *The Practice of the Presence of God* (Nashville: Thomas Nelson).

[21] Citado em *Freedom of Simplicity*, de Richard Foster (Nova Iorque: Harper & Row, 1981).

[22] E. Stanley Jones, *The Division Yes* (Nashiville: Abingdon, 1975).

[23] Malcolm Muggeridge, *Something Beautiful for God* (Garden City: Nova Iorque, 1977).

[24] Henri J. M. Nouwen, *The Way of the Heart* (Nova Iorque, Seabury, 1981).

[25] Wayne E. Oates, *Nurturing Silence in a Noisy Heart* (Garden City, N. Y. Doubleday).

[26] Paul Sangster, *Doctor Sangster* (Nova Iorque: Epworth, 1962).

[27] E. Stanley Jones, *Song of Ascents* (Nashville: Abingdon, 1968).

[28] Clarence W. Hall, Samuel Logan Brengle: *Portrait of a Prophet* (Chicago: Salvation Army Supply e Purchasing Dept., 1933).

[29] John Baillie, *A Diary of Private Prayer* (Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1949).

[30] C. S. Lewis, *Letters to an American Lady* (Grand Rapids: Eerdmans, 1975).

[31] E. Herman, *Creative Prayer* (Cincinnati: Forward Movement).

[32] Thomas R. Kelly, *A Testament of Devotion* (Nova Iorque: Harper & Row, 1941).

[33] Irmão Lourenço, *The Practice of the Presence of God* (Nashville: Thomas Nelson).

[34] Henri J. M. Nouwen, *Clowning in Rome* (Garden City, N. Y. Image, 1979).

[35] Kelly, p. 54.

[36] C. W. Hall, Samuel Logan Brengle: *Portrait of a Prophet* (Chicago: Salvation Army Supply and Purchasing Dpt., 1933).

[37] E. Stanley Jones, *Song of Ascents* (Nashville: Abingdon, 1968).

[38] C. W. Hall, *Portrait of a Prophet*.

[39] Sally Magnusson, *The Flying Scotsman* (Nova Iorque: Quartet Books, 1981).

[40] Garth Lean, *God's Politician* (London: Darton, Longman & Todd, 1980).

[41] Irmão Lourenço, *The Practice of the Presence of God*, tradução de E. M. Blaiklock (Nashville: Thomas Nelson, 1982).

[42] Abraham Heschel, *The Earth is the Lord's and The Sabbatth* (Nova Iorque: Harper, Torchbooks, 1966).

[43] Hugh Evan Hopkins, *Charles Simeon of Cambridge* (Grand Rapids: Eerd-mans, 1977).